

# Memórias Anchietas

---

E-BOOK TERCEIRO ANO  
• 2014 •

---



COLÉGIO  ANCHIETA

**Direção Geral**

Pe. João Claudio Rhoden, S. J.

**Direção Acadêmica**

Carlos Augusto Velazquez

**Direção Administrativa**

Inácio Reinehr

**Coordenador de Unidade de Ensino:** Carlos Alberto Sffair

Equipe 3ª Série Ensino Médio: Ivanor Felix Reginatto, Isabel Tremarin, Cleiton Júnior Gretzler

**PROJETO GRÁFICO / DIAGRAMAÇÃO**

Anderson Muniz - Clemente Design

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

Maria Isabel Merino de Freitas Xavier

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Setor de Comunicação e Marketing do Colégio Anchieta

**REVISÃO TEXTUAL**

Fátima Ali

**ORGANIZAÇÃO**

Denise Pazetto

**Reservados todos os direitos de publicação ao  
COLÉGIO ANCHIETA**

Av. Nilo Peçanha, 1521

Porto Alegre, RS - CEP 91330-000

Fone 51 3382.6000 - Fax 51 3382.6001

[www.colegioanchieta.g12.br](http://www.colegioanchieta.g12.br)

[www.facebook.com/colegioanchietapoa](http://www.facebook.com/colegioanchietapoa)

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICIDADE (CIP)**

---

M533 Memórias anchietanas [recurso eletrônico] / - Dados eletrônicos  
Porto Alegre : Clemente Design, 2015

Modo de acesso: <<http://www.colegioanchieta.g12.br/>>.

Também disponível em CD-ROM.

Redações de alunos da 3ª Série do Colégio Anchieta 2014.

1. Literatura brasileira – Memórias. I. Título.

CDU 821.134.3(81)-94

# Prefácio

TEMOS MUITO ORGULHO DE LANÇAR ESTA I EDIÇÃO do e-book “Memórias Anchiéticas” como parte das comemorações dos 125 anos do Colégio Anchieta. Este livro, cujo primeiro diferencial está no fato de ter sido idealizado em formato digital, foi construído a partir das crônicas e relatos produzidos pelas turmas da 3ª Série do Ensino Médio de 2014, descrevendo as memórias mais marcantes do grupo em sua trajetória pelo Colégio.

Sabemos que, no final da 3ª Série, quando os alunos completam sua vida escolar no Ensino Médio, um novo ciclo tem início. Neste momento, é natural que se experimente uma sensação de afastamento da escola e de gradual distanciamento de muitos colegas. O Projeto E-book foi concebido justamente para minimizar essa sensação de ruptura, ajudando a manter a Memória Anchiética viva e mais próxima de todos, por meio do registro de suas lembranças.

Para concretizar o projeto, os alunos assumiram o desafio de registrar de forma espontânea suas experiências mais significativas nos seus anos de Anchieta: episódios felizes, engraçados, surpreendentes ou emocionantes, que merecessem ser destacados na sua passagem pelas salas de aula e por seus diferentes espaços: o pátio, o Ginásio, a Biblioteca, a Capela, o Morro do Sabiá, a Vila Oliva. E foram muitos os relatos que evocaram os diferentes cenários e personagens do nosso Colégio. Estão ali os professores e os colegas, e muitos dos ensinamentos e vivências compartilhados desde a Educação Infantil até os últimos anos do Ensino Médio. Estão ali os passeios de turma, as festas de aniversário na casa dos amigos, as brincadeiras nos recreios, os trabalhos em grupo, o teatro da 2ª Série e o Musical da 3ª, sem esquecer as referências a cada uma das Semanas Anchiéticas, com seu saldo inesquecível de derrotas e vitórias.

Já como ex-alunos, a turma de 2014 tem agora a oportunidade de resgatar, por meio deste e-book, as boas lembranças oportunizadas nos seus anos de Colégio. Nesse sentido, esta é uma obra inovadora que vai inaugurar um novo espaço de reencontro, possibilitando aos alunos revisitar seu passado e matar um pouco das saudades dos professores e de seus colegas, reconhecendo-se como parte integrante da história do Anchieta, uma instituição que há 125 anos vem enchendo de orgulho a todos que dela participam.

Foi uma honra ter participado deste projeto, como professora e revisora dos textos já na sua primeira edição. Tenho certeza de que todos vão adorar passear pelo Colégio pelo olhar dos alunos de 2014.

*Maria Isabel Xavier*

ORIENTADORA PEDAGÓGICA DO 6º ANO AO ENSINO MÉDIO

# Apresentação

**AS LEMBRANÇAS SÃO COMPANHEIRAS** que carregamos conosco vida afora, não importando o caminho que traçamos para seguir. Levamos junto todas as nossas vivências e guardamos com especial carinho aquelas que nos fizeram felizes.

E é sobre essas memórias felizes que os alunos anchietanos, concluintes da 3ª Série do Ensino Médio, de 2014, irão tratar nos textos deste e-book. São memórias do ambiente escolar: brincadeiras, atividades acadêmicas e religiosas, esportes, passeios, eventos culturais, amizades e outras. São memórias com as cores da adolescência e da juventude que acompanharão cada um desses jovens por toda a vida.

Reviver essas lembranças e transformá-las em textos foi o desafio proposto pelo Projeto E-book, uma iniciativa inovadora que busca estreitar laços com cada aluno das turmas da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Anchieta, de 2014. Todos eles, agora, definitivamente, fazem parte da história de 125 anos, completados em 2015, desta instituição de educação e formação jesuíta, que quer “formar homens e mulheres para e com os demais”. A ideia é proporcionar a todos os alunos da 3ª Série do ensino Médio uma experiência única de resgate das boas lembranças do tempo de colégio. O formato digital permitirá o acesso público ao conteúdo, disponível no site da instituição ([www.colegioanchieta.g12.br](http://www.colegioanchieta.g12.br)), possibilitando a mais pessoas conhecer e compartilhar esta coletânea de alegrias e emoções.

Ao explorar as páginas deste e-book, você irá encontrar lembranças de jovens anchietanos que valem a pena serem revividas. Boa leitura!

*Pe. João Claudio Rhoden*  
DIRETOR GERAL

# Sumário

a b c d f g i

---

j l m p r s v

---

fotos

---



ALEXANDRE ALVES FINCO *Turma: 304*

---

ALICE LOPES CALDAS FAGUNDES *Turma: 304*

---

ALICE NETTO *Turma: 301*

---

AMÉRICA ALFONSIN DE AZEVEDO *Turma: 306*

---

ANA CAROLINA WICKERT THEISEN *Turma: 306*

---

ANA CLARA GANDOLFI *Turma: 301*

---

ANA LUÍSA AZAMBUJA *Turma: 306*

---

ANTONELLA NERY *Turma: 301*

---

ARIEL LUÍS SANTOS BELMONTE *Turma: 303*

---

AUGUSTO NARDIN SAUER *Turma: 302*

---



BEATRIZ JACQUES *Turma: 304*

---

BETTINA LAU OBST *Turma: 303 - 04*

---

BRENDA AURÉLIO *Turma: 305*

---

BRUNO ZORZETTO RECH *Turma: 303*

---



CAMILA HICKMANN *Turma: 304*

---

CAROLINA BUENO LUZARDO *Turma: 302*

---

CAROLINA GAZEL DE ALENCASTRO *Turma: 302*

---

CATARINA DE FARIAS PAESE *Turma: 304*

---

CELINA DE SOTTOMAIOR DRUMOND *Turma: 306*

---

CLARA MICAELA HEBERLE *Turma: 302*

---



DORA ALMEIDA LEONETTI *Turma: 306*

---

DÉBORA LEITE ROCHA *Turma: 304*

---



FELIPE SCHENATO CALLEGARI *Turma: 306*

---

FERNANDA PIMENTEL *Turma: 302*

---



GABRIELA FARACO RAMOS *Turma: 302*

---

GABRIELA ROCHA *Turma: 303*

---

GUILHERME OLIVEIRA *Turma: 306*

---

GUILLERMO S. VILLAR *Turma: 303*

---

GUSTAVO MILBRADT LIVI *Turma: 303*

---



IAN GARBINATO DE FAGUNDES *Turma: 304*

---

ISABELLE CAON *Turma: 303*

---



JOÃO MARCELO FANTIN LERINA *Turma: 303*

---

JOÃO VITOR SEQUEIRA DE CAMPOS MORAIS *Turma: 304*

---

JÚLIA STRACK *Turma: 306*

---



LARISSA SCHOMMER CAMPELLO *Turma: 302*

---

LAURA MATTE DOERING *Turma: 302*

---

LETÍCIA VALIENTE KRAMPE *Turma:*

---

LORENZO CASAGRANDE REGGIANI *Turma: 302*

---

LOURENÇO VALENTINI *Turma: 306*

---

LUCIANA CHAVES PICCOLI *Turma: 306*

---

LUIZ DE MARTINO COSTA *Turma: 303*

---

LUIZ FERNANDO PEREIRA MARCILIO *Turma: 302*

---

LUIZ GUSTAVO MONTEIRO DA SILVA *Turma: 305*

---

LÍVIA CALVETE TAVARES *Turma: 306*

---

LÍVIA PILAU *Turma: 302*

---



MANUELLA MACHADO DOS SANTOS *Turma: 306*

---

MARCELA FUTURO DE CARLI *Turma: 302*

---

MARCELO SPIER *Turma: 304*

---

MARCO IWERS MEIRA *Turma: 302*

---

MARIA VICTÓRIA SCALCO *Turma: 306*

---

MARINA BERTOTTO *Turma: 306*

---

MATHEUS DIAS *Turma: 302*

---

MAURÍCIO PINTO SZAPSZAY *Turma: 306*

---

MÁRCIA STEINBACH TOMÁS *Turma: 303*

---



PEDRO MORESCO MILANO *Turma: 304*

---

PEDRO PAULO LEAL DE MEDEIROS *Turma: 306*

---

PEDRO ROSSI JACOBUS *Turma: 306*

---



RAFAELA CHANDELIER HAESER *Turma: 306*

---

RAFAEL RIBAS *Turma: 306*

---

RAFAEL VALENTIM *Turma: 303*

---

RENATA GRILLO ROCHA *Turma: 303*

---

RENATA MATTAR *Turma: 304*

---

RENATA SCHMIDT *Turma: 304*

---

RODRIGO DALLA FAVERA HOERLLE *Turma: 304*

---

RODRIGO MARQUES VIDAL *Turma: 303*

---



SOFIA MENEZES TADIELLO *Turma: 303*

---

SOFIA STEINSTRASSER KOWACS *Turma: 304*

---



VANESSA DOTTI *Turma: 306*

---

VICTOR VIECCELI VILARINHO *Turma: 306*

---

VITOR KRÁS MELECCHI *Turma: 304*

---

- Clorinda! Viu que eu  
voltei pra sétima?

ALEXANDRE ALVES FINCO  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**L**embro a vez em que eu estava no colégio; era semana de trimestrais do segundo trimestre de 2011, e eu já havia feito minha prova naquele dia. Meus colegas haviam levado uma bola de futebol para jogarmos, mas o Alex (que trabalha no pátio) já a tinha recolhido. Depois de um tempo sem fazer nada, eu achei uma bola de tênis em minha mochila e peguei-a na mão. Nesse exato momento, o Alex passou de novo por mim e mandou-me entregar a bola pra ele, o que eu não fiz. Fui levado ao assistente da sétima série, junto com outros alunos que estavam com ele, sendo que eu era aluno da oitava série.

Chegando à sala da Clorinda (a assistente) com quem me dou bem, ela logo avisou o Alex que eu era mais velho (ele ficou bastante brabo com isso). Fui levado até meu assistente, que novamente me xingou. Saindo de lá resolvi passar na sala da Clorinda (só pra rir da situação), e já cheguei à sala falando:

- *Clorinda! Viu que eu voltei pra sétima?*

Mas para o meu azar, só percebo que o Alex ainda estava lá depois de falar, o que deixou ele mais brabo ainda; por isso, novamente voltei para meu assistente, que novamente me xingou, dessa vez junto com o Alex.

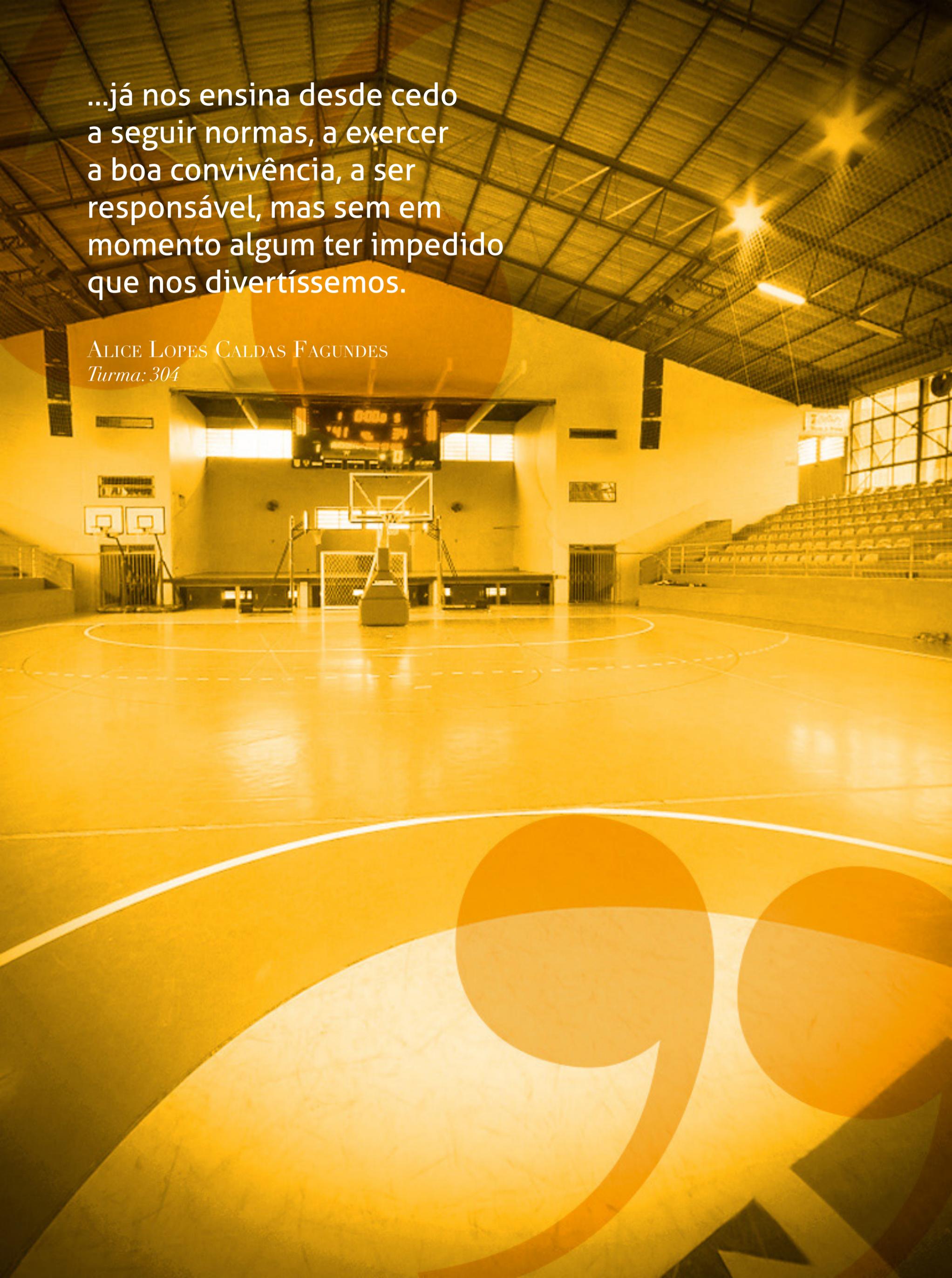
Portanto, nesse dia, em cerca de dez minutos, fui encaminhado duas vezes para meu assistente e uma vez para a assistente da sétima série. Um verdadeiro recorde.



...já nos ensina desde cedo a seguir normas, a exercer a boa convivência, a ser responsável, mas sem em momento algum ter impedido que nos divertíssemos.

ALICE LOPES CALDAS FAGUNDES

*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**É** incrível como o tempo tem poder sobre as nossas vidas. Ainda me lembro do primeiro dia em que pisei o Auditório do Colégio Anchieta e o nervosismo e a ansiedade que, como sempre me tomaram, estavam comigo desde a noite anterior. Meu maior orgulho era minha primeira mochila lotada de materiais novos e minha maior emoção era estar começando uma nova fase na vida, por mais que isso eu não soubesse tão claramente.

Como se as diversas cores que compunham as minhas pastas e estojos não fossem o suficiente para a minha mania de combinação, lembro que fiz questão de usar o novo uniforme saia short e camiseta azul com a minha sandália de tom igual ao da blusa. Para o meu maior pesar na época, logo depois que fui levada com a minha nova turma e professora ao quiosque para as apresentações, fui avisada que só poderia usar tênis. Confesso que acho engraçado, hoje em dia, ter pensado que essa seria minha maior preocupação na vida.

Junto com quase metade da minha turma de creche, passei a fazer parte da turma 15 do Ensino Fundamental do Colégio Anchieta, no ano de 2004. Lembro até hoje a primeira sala em que entrei e como fiquei fascinada com o tamanho da pracinha e dos campos de futebol. Ao contrário da minha mãe, que quase se recusava a me buscar por ter medo daquela multidão de gente descendo as escadas na hora da saída, uma das minhas coisas favoritas era, com certeza, a imensidão de alunos.

Daí pra frente, meus próximos anos foram rodeados de passeios que me possibilitaram diversos aprendizados e experiências, incluindo as visitas à Quinta da Estância, Morro do Sabiá, Rio Grande, Missões, Serra Gaúcha, entre tantos outros lugares que tem um espaço muito especial na minha memória até hoje. Lembro particularmente da viagem às Missões e a Rio Grande, em que eu, nos meus plenos 10 e 11 anos, respectivamente, achava-me a pessoa mais independente do mundo por passar uma noite em uma cidade longe dos meus pais.

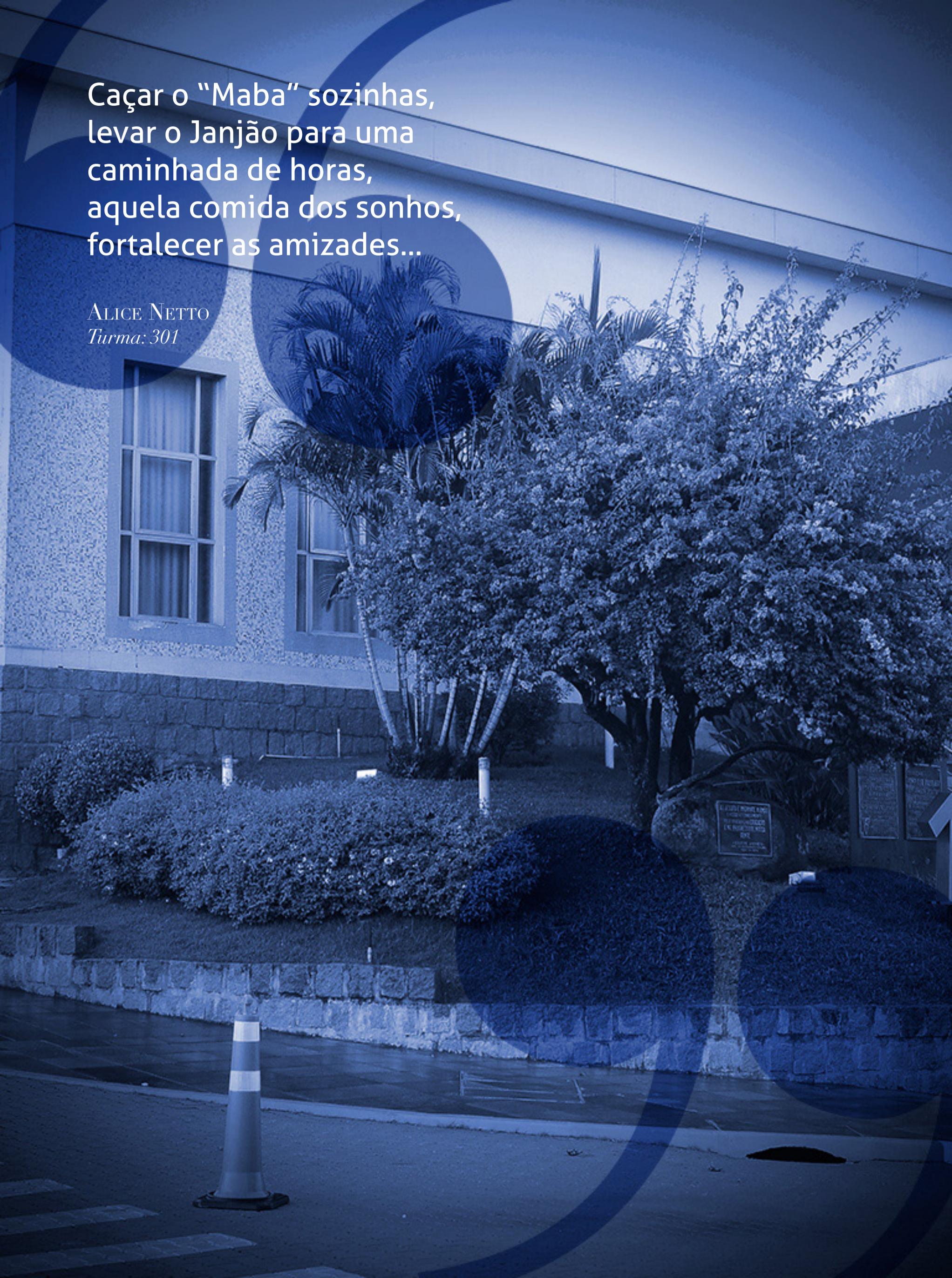
Dentre tantos anos fazendo parte dessa escola, fica quase impossível selecionar apenas uma história para se deixar marcada, mas com o passar do tempo, percebi o quanto a vida no colégio, por mais que mais delicada que a vida no mundo adulto, já nos ensina desde cedo a seguir normas, a exercer a boa convivência, a ser responsável, mas sem em momento algum ter impedido que nos divertíssemos. Afinal, até mesmo no terceirão, nosso ano mais atarefado, tivemos muitos dias temáticos voltados à nossa confraternização.

Espero que esses 11 anos como anchietana tenham me transformado na melhor pessoa que eu poderia ser e tomara que eu tenha aprendido que o tempo passa, as pessoas passam, os professores e colegas mudam, as vontades e desejos mudam, mas que cada momento e indivíduo são capazes de nos marcar de forma particular. Que daqui pra frente a vida me guie e nos guie para onde merecemos ir - tenho certeza, que ainda muito longe - e que a nossa turma, por mais que se afaste, não deixe de ser lembrada, pois vivemos momentos bons demais para serem deixados para trás. Obrigada por tudo. Pode crê, é nós.



Caçar o "Maba" sozinhas,  
levar o Janjão para uma  
caminhada de horas,  
aquela comida dos sonhos,  
fortalecer as amizades...

ALICE NETTO  
*Turma: 301*



# Memórias Anchiéticas

**V**ila Oliva, um local marcante na minha vida anchiética. Esse lugar mágico me proporcionou vivências e lembranças indescritíveis. Já conto mais de dez vezes que passei fins de semana e férias no interior de Caxias.

Portanto, uma das viagens mais marcantes foi a última, juntos com as minhas colegas de 3º ano. Ter a oportunidade de ir à Vila Oliva sem chefias, sim, sem ninguém para mandar em ti, e poder fazer o que mais gostávamos foi muito bom. Caçar o “Maba” sozinhas, levar o Janjão para uma caminhada de horas, aquela comida dos sonhos, fortalecer as amizades e, claro, a presença do Carvalho, esse grande homem que, por muito tempo, nos deixou com medo, disse algumas palavras, no último almoço, que lágrimas caíram dos olhos de todas as meninas.

A Vila Oliva proporciona uma formação humana em todas as pessoas que passam por lá. Todo anchiético deve visitar esse local e ter a experiência de vivenciar coisas que só são possíveis naquele lugar tão especial.

E quando for bem velhinha,  
sabe que a grande maioria  
das histórias que vai  
contar aos netos serão dos  
tempos de Anchieta...

AMÉRICA ALFONSIN DE AZEVEDO  
*Turma: 306*



# Memórias Anchiéticas

**H**á quase 12 anos, a pequena América atravessava os portões do Colégio Anchieta pela primeira vez. Mal sabia ela que aquele seria o palco de praticamente todas as suas boas lembranças, e que cada cantinho daquela escola, no futuro, lhe remeteria a algum momento feliz ali vivido. Em meio às tantas idas ao morrinho no final da tarde, às divertidíssimas aulas de música com a professora Beth, às temidas caças ao Maba na Vila Oliva, às adoradas Semanas Anchiéticas, às muito bem elaboradas invasões ao ‘matão’ e a tantas outras vivências que foram tão marcantes... Ela cresceu. E hoje se vê obrigada a deixar o lugar que, durante muito tempo, foi o seu mundo inteiro. Como dizer adeus aos colegas, que sempre foram tão presentes? Aos tantos professores que acabaram tornando-se amigos? Chegou a hora de encarar o mundo, de seguir o próprio caminho, desta vez, sozinha. Tal perspectiva lhe parece um tanto assustadora, mas ela sabe que toda a experiência escolar lhe servirá de bússola nesta nova etapa, pois o Colégio Anchieta proporcionou a ela uma formação sólida, tanto do conhecimento quando do caráter. E quando for bem velhinha, sabe que a grande maioria das histórias que vai contar aos netos serão dos tempos de Anchieta, afinal, as histórias que mais amamos vivem eternamente dentro de nós. Sempre que olhar para trás, a lembrança desta época lhe fará sorrir... Mas agora, neste momento de despedida, é quase impossível conter as lágrimas. Já está com saudades até mesmo dos dias ruins, como por exemplo... Hm... Ah, fica difícil pensar nisso em meio a tantas memórias boas. Por isso,

o sentimento que toma conta de si no presente, mais do que a tristeza de estar indo embora, é a gratidão. Por todas as alegrias que o Colégio lhe possibilitou vivenciar: pelas aulas fantásticas ministradas por pessoas verdadeiramente excepcionais (os exemplos são inúmeros, mas a Mariângela e o Maurício são dignos de serem citados neste texto), pelas experiências maravilhosas fora dos limites da escola, como as idas ao Morro do Sabiá e o passeio às Missões, mas especialmente pelos vínculos criados ao longo desta caminhada, que com certeza farão parte de sua vida por muitos e muitos anos após a formatura. O adeus ao Anchieta é meramente simbólico... Afinal, já dizia Drummond: as coisas findas, muito mais que lindas, estas, ficarão.



Afinal, que criança que  
não sonharia em passar os  
recreios numa floresta dentro  
de seu próprio colégio...

ANA CAROLINA WICKERT THEISEN  
*Turma: 306*

" Enquanto eu tiver perguntas e não houver  
respostas... continuarei a escrever."

Clarice Lispector



# Vivi cada segundo

**E**u nunca gostei de escrever, quando me pediram pra fazer esse texto, instantaneamente fiquei sem ideias. Agora, porém, lembrei-me daqueles textos que pediram pra fazer no colégio. O primeiro? Foi na primeira série, um texto sobre quem sou eu. Minha dificuldade para escrever sempre existiu, mas, além de escrever, redigir-me? Foi uma tarefa que exigiu todo meu conhecimento até então e mesmo assim precisei repetir três vezes até a professora aceitar. A partir desse dia declarei guerra à escrita: não gosto de escrever narrativa, dissertação nem poema. Por falar em poema, também demorei pra conseguir escrever aquele que me pediram para o livro que fizemos na quarta série, foi difícil e, ok, eu confesso, minha mãe me ajudou.

Apesar de tanto incômodo que um texto me traga, não pude deixar de ficar animada em fazer este. A falta de ideias me perseguiu por um mês inteiro, até que hoje, ela veio. Foram tantos anos nesse colégio que seria impossível não conseguir escrever sobre nada. Foram tantos morros, passeios e vilas olivas que alguma aventura serviria como fonte de inspiração.

Então, decidi que iria escrever não sobre uma história em particular, mas sim sobre todos os dias que vivi naquele colégio. Não posso ser hipócrita e dizer que amei cada momento, mas posso garantir que os bons foram os melhores e em maior quantidade. Afinal, que criança que não sonharia em passar os recreios numa floresta dentro de seu próprio colégio, ainda mais com a adrenalina de não ser descoberta pelos assistentes, naquele tão fantástico matão. E se o recreio não

era no matão era brincando no bonde ou, por vezes, até visita no museu podia. Quem não sonha em estudar em um colégio como esse?

Eu fui crescendo, e o matão, que agora era coisa de criança, mostrou-me que podia ser mais que um lugar pra brincar. Aula de botânica ao vivo com o bônus de uma árvore de framboesa pra deliciar os mais gulosos. O lado bom de crescer também foi poder ir à Vila Oliva. Como vou sentir saudades de ter medo de ir à caça ao Maba e nojo dos girinos na piscina grande. Nunca pensei que diria isso, mas até as piadas sem graça e repetidas do Carvalho farão falta.

Porém, a cima de tudo isso, ainda tive a sorte de estar na melhor turma que eu poderia ter desejado. Claro que houve discussões e intrigas, mas, no fim, foi exatamente os momentos de reconciliação pós-brigas que ficaram na minha memória. Afinal, não é isso que famílias fazem? Vocês foram o melhor acidente que poderia ter acontecido comigo. Quando minha turma da quinta série foi desmanchada, nunca pensei que eu poderia acabar numa turma como foi a nossa. Obrigada, 306.

Com certeza, a melhor herança que levarei para toda minha vida será os verdadeiros amigos que fiz ao longo do tempo.

ANA CLARA GANDOLFI  
*Turma: 301*



# Memórias Anchiéticas

**D**oze anos de Colégio Anchieta não é para qualquer um. Histórias e memórias não faltam nesse período. Com certeza, a melhor herança que levarei para toda minha vida será os verdadeiros amigos que fiz ao longo do tempo.

Assim, escolhi pequenos fatos marcantes que ocorreram durante toda a trajetória. No Ensino Fundamental, da primeira à quarta série, ficaram na memória: divertidos recreios em busca do mistério do “padre morto”, uma espécie de lenda sobre um certo “bueiro” do colégio; as inovadoras feiras do troca-troca, que possibilitava crianças trocarem brinquedos que não usavam mais, por os dos outros colegas; as fugas do prédio para visitar o museu, algo que achávamos fascinante.

Na passagem da troca para o prédio central, da quinta série até o final do Ensino Fundamental, era tudo novidade. Estar em contato com os alunos mais velhos trazia uma certa autonomia e independência inigualável. Esse período foi marcado por aventuras no “matão”, por exemplo. Não posso deixar de mencionar, é claro, todas as semanas anchiéticas, emocionantes e competitivas, como sempre.

Já vividos os nove anos de Anchieta, chegou o tão esperado Ensino Médio. Provas e mais provas tomaram conta de nossas vidas, e a responsabilidade só aumentava. Mesmo assim, foi uma das épocas mais divertidas que vivenciei. Então, chegou o último ano, e é inacreditável que já esteja acabando, passou muito rápido.

Hoje, depois de todo esse tempo convivendo todos os dias, com praticamente as mesmas pessoas, reconheço que valeu muito a pena, porque fiz amigos cuja amizade sinto que mantereí em longo prazo. Além disso, as experiências, os ensinamentos e as lembranças terei sempre guardadas comigo pelo resto da vida.



Já aos meus amigos, queria  
dizer que em todos esses  
anos vocês foram a minha  
segunda família...

ANA LUÍSA AZAMBUJA  
*Turma: 306*



# Memórias Anchiéticas

“O fim do ano tá aí”, diz o professor Maurício, pela quadragésima vez. Poderia ser um ano como qualquer outro. Todos sairiam de férias, tranquilos, pois no próximo ano tudo continuaria igual, reencontraríamos nossos colegas, estudaríamos, jogaríamos mais uma semana anchiética...

Mas este ano é diferente.

O fim de ano chega, nossa jornada no colégio acaba, e um pedacinho de nossas vidas vai ficando para trás. Mas a saudade, essa fica. Já sinto saudade das aulas de música com o Antônio e com a Beth, do “Padre Morto”, das vitórias das gurias no vôlei da Semana Anchiética – e das derrotas nos outros esportes –, do musical, saudade até mesmo dos NAs, do turno inverso... Porém, é com a saudade e com a tristeza que percebo que cada momento que passei no Anchieta foi inesquecível. Agora, só me resta agradecer a cada um que colaborou para a minha formação nesses 11 anos no colégio.

Aos meus professores, obrigada por toda a dedicação, pois todos foram essenciais para eu me tornar quem eu sou hoje. Já aos meus amigos, queria dizer que em todos esses anos vocês foram a minha segunda família e, certamente, o futuro guarda coisas maravilhosas para cada um de vocês. Ainda nos reencontraremos muitas vezes nessa vida.

*“Não chore nas despedidas, pois elas constituem formalidades obrigatórias para que se possa viver uma das mais singulares emoções da vida: O reencontro.”*

*Richard Bach*



Capaz de unir diferenças, a amizade é um substantivo abstrato que faz referência à cumplicidade, ao respeito e ao amor.

ANTONELLA NERY  
*Turma: 301*



# *Minhas memórias, nossas memórias*

O colégio é o local onde todas as crianças deveriam estar e não há quem possa negar. Além do vasto aprendizado, as memórias de uma época tão bonita da vida, usufruída com os amigos e colegas, são certamente experiências únicas que serão carregadas conosco para sempre. Infelizmente os alunos só passam a dar valor a seus colégios ao traçar planos para o futuro e perceber que o tempo da moleza escolar está chegando ao fim. Nessas horas, se dão conta que a vida a partir do colégio se torna repleta de responsabilidades e deveres.

Estudo nesse colégio faz doze anos e foi nesse longo tempo que cresci, amadureci e aprendi junto dos meus colegas o valor da amizade. Capaz de unir diferenças, a amizade é um substantivo abstrato que faz referência à cumplicidade, ao respeito e ao amor. Aprendi com ela a compartilhar experiências, amores e a caminhar ao longo de toda a minha trajetória com meus colegas e amigos.

Entrar no colégio é descobrir a vida fora do quintal de casa, a qual até então era restrita a mamãe e papai, familiares e vizinhos. É chocar-se com o diferente, conhecer pessoas, ideias, opiniões, experiências. É perceber que a vida é muito mais do que jamais saberemos. No mundo novo, colegas tornam-se outra família. Ao longo da jornada, sempre existiram altos e baixos, alegrias e tristezas, e incrivelmente são os desencantos que mais ensinam e exigem tempo de reflexão. Minha turma perdeu seu coração quando nossa querida amiga nos deixou e permaneceu apenas espiritualmente conosco. Nessas horas o

time precisou ser forte e lidar com a tristeza, e juntos conseguimos, cada um da sua maneira. São os tropeços que ensinam a olhar melhor por onde anda.

Os dias voam ao fim do ano, hora de despedir-se de todos os parceiros, e bate aquela vontade de voltar ao começo da infância e viver tudo outra vez. Felizmente a mente é um órgão inalienável capaz de recordar no futuro os momentos incríveis vividos. É assim que os alunos despedem-se do colégio, com um aperto no coração e a certeza de que foram anos muito bem aproveitados que deixarão muitas saudades.

Sinto que, com tudo  
que aprendi, não só dos  
professores (embora alguns  
merecessem citações à parte),  
mas também do convívio  
com tanta gente diferente...

ARIEL LUÍS SANTOS BELMONTE

*Turma: 303*



# Um breve relato

**E**sta longa trajetória no Colégio Anchieta começou treze anos atrás, no Nível B, quando o mundo ainda era um lugar muito simples e alegre. Lembro com clareza a sala de aula e ainda melhor a euforia causada pelo sinal indicando a chegada do recreio. Jogar fla-flu e futebol, subir no brinquedo cilíndrico que havia no pátio (um desafio imenso para aqueles pequenos corpos) e tentar pegar as libélulas que voavam pelo pátio, alheias ao nosso esforço, são as principais memórias que guardo daquela época boa.

Com a primeira série, vieram novos espaços, novos amigos, novas brincadeiras e novas habilidades, como ler e escrever. A tranquilidade durou dois anos, até que, no final da terceira série, ficamos sabendo que a turma seria separada. Houve um grande movimento feito pelos pais para manter a 37 unida para o ano seguinte, mas não adiantou. Junto com um pedaço da antiga turma, fui parar na 44. O ambiente novo foi estranho e um pouco amedrontador no começo, porém não tardei a criar novos amigos com o apoio da professora e com a acolhida amistosa da turma, ao mesmo tempo em que mantinha os antigos laços inalterados. Também na quarta série ocorreu uma das viagens mais marcantes do colégio, a ida para as Missões. Pela distância, pelo fato de não voltarmos para casa ao final do dia pela primeira vez, por ser com os amigos, tudo fez com que fosse inesquecível.

Lembro-me do primeiro dia na quinta série, de chegar ao recreio e perceber que agora não estava limitado a um simples pátio para brincar, tinha o

colégio inteiro para explorar. O ponto de encontro principal dos meus amigos por muitos anos foi o nostálgico **bonde**, onde conversávamos, brincávamos, jogávamos **futebol** com latas de refrigerante amassadas, etc.

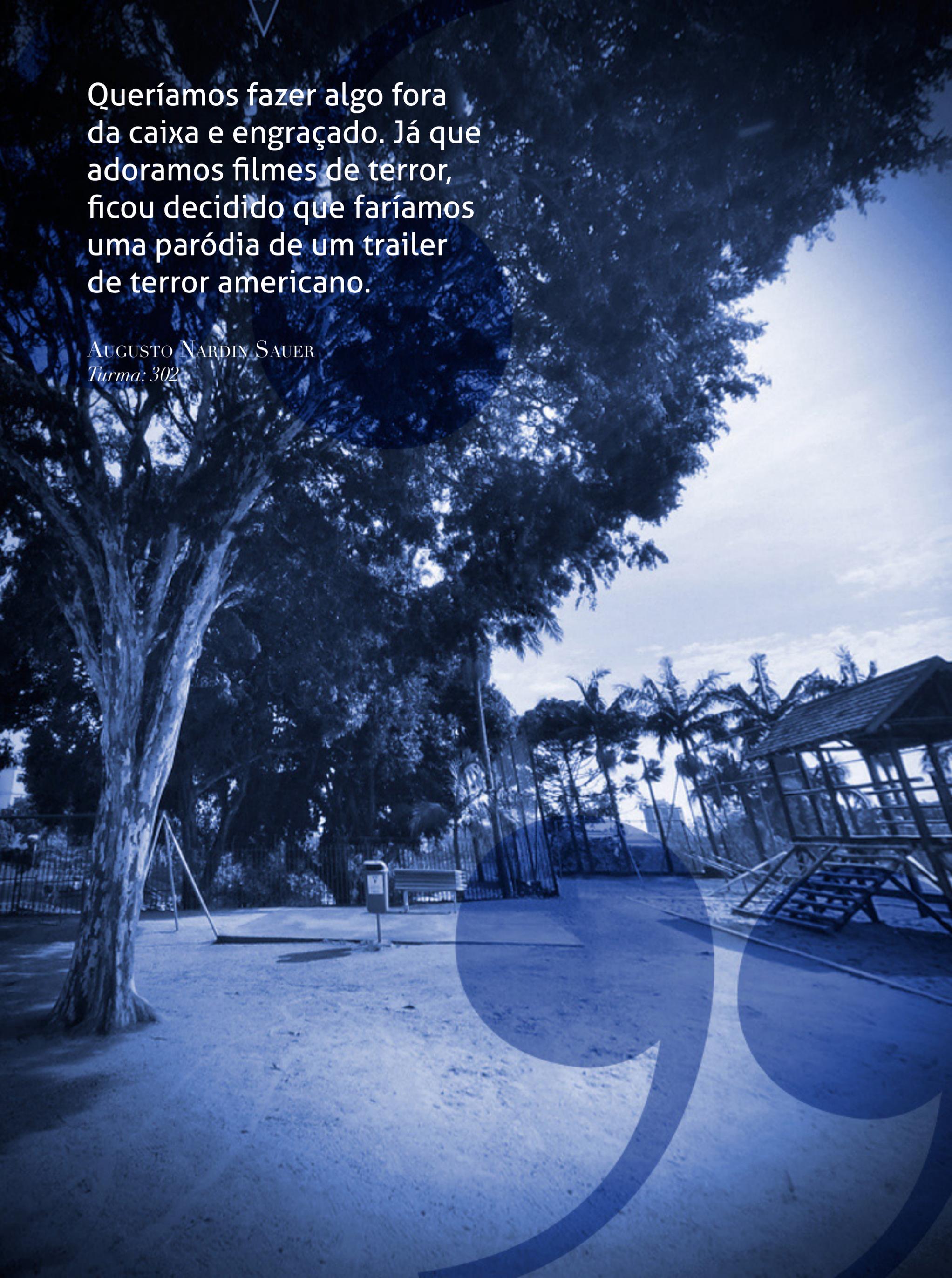
Diversas alterações foram ocorrendo na turma, mas minha introspecção fez com que acabasse me apegando às mesmas pessoas dentro da sala de aula e não aproveitasse o tanto de diversidade quanto deveria. O quadro se inverteu parcialmente no primeiro ano quando, ligados por interesses musicais, pessoas desde o terceiro ano até a sétima série se juntaram e formaram um grupo muito divertido, no qual fui bem participativo, principalmente no começo. E ainda ganhei de brinde uma namorada, fazendo dessa época uma das melhores da minha vida.

Sinto que, com tudo que aprendi, não só dos professores (embora alguns merecessem citações à parte), mas também do convívio com tanta gente diferente, vou sair do colégio preparado para encarar o mundo sem medo. Agradeço a De Marchi, Rech, Gustavo, PH, Valentim e Vidal (Ale também conta, mesmo já tendo saído do colégio) pelos eternos trucos e risadas; a Bela por sua sempre adorável companhia e a minha família, por sempre incentivar e cobrar quando era necessário, fazendo com que essa grande experiência tenha sido aproveitada da melhor maneira possível.

Queríamos fazer algo fora da caixa e engraçado. Já que adoramos filmes de terror, ficou decidido que faríamos uma paródia de um trailer de terror americano.

AUGUSTO NARDIN SAUER

*Turma: 302*



# Memórias Anchietas

**V**ou escrever sobre o trabalho em grupo mais divertido da minha vida e, tenho que admitir, temo que essa história seja uma daquelas repletas de piadas internas, da qual ninguém, exceto os quatro integrantes do trabalho, achariam graça.

Era biologia do primeiro ano com o Paulo. Tínhamos que fazer um vídeo relacionado com o tema “Relações Biológicas”. Eu fiz grupo com outras três pessoas: a Isa, a Mica e o Arthur (extremamente criativo). Queríamos fazer algo fora da caixa e engraçado. Já que adoramos filmes de terror, ficou decidido que faríamos uma paródia de um trailer de terror americano. Nós nos inspiramos no estilo Bruxas de Blair-Atividade Paranormal: jovens se divertindo com suas câmeras até que desce m...

Mas logo viria a questão-chave: como relacionar aquela pérola com biologia? Houve caótica discussão que dividiu o grupo (os pró-paródia e os pró-trabalho-sem-graça, que tinham medo de que seríamos reprovados por tangenciar o assunto). Com coragem, então, escrevemos um roteiro de trailer de terror americano com, até onde era possível, conhecimentos de biologia.

A obra se chamava “Hippo”. Aqui vai a sinopse: duas garotas americanas, Miley e Stacey, se divertem gravando sua exótica viagem à África. Tudo vai bem até que elas deixam seu resort de luxo para fazer um safári até um afastado lago onde, no passado tribal, moravam hipopótamos. Todos eles foram extintos de forma misteriosa, é o que dizem. É 100% seguro ir até lá, é o que dizem. O que poderia acontecer, não é mesmo?

Não sei se me fiz claro, mas eles (os hipopótamos) voltaram e estavam muito mais agressivos do que antes... A maior parte do trailer é gravada pelos próprios personagens (na mesma linha de Atividade Paranormal). Eu fui o câmera; o Arthur, o guia do safári; e as gurias, as gringas.

Nós nos juntamos num dia chuvoso, no meu condomínio, para a gravação. A obra abria com uma mensagem “oficial” da polícia americana, explicando que o que veríamos era baseado em fatos reais. Depois vinha a cena das meninas posicionando a câmera na prateleira, se apresentando e gritando “We’re going to Africaland!” – sim, essa palavra bizarra não existe e fez com que todos rissem muito, até que uma das atrizes se ofendeu e começou a chorar. Isso foi seguido de um momento “hug” cheio de frases motivadoras como “Grande detalhe! A gente sabe que tu fala inglês bem!” e “Foi perfeito, é isso que deixa o vídeo bom amiga!”.

Lembro também de uma cena em que a Isa gravava uns caras bonitinhos na piscina “do hotel” (do meu vizinho) e dizia “OMG, look at those ‘hotties’ guys”. A partir daí começava o thriller: as meninas conhecendo o guia (Arthur) hostil, descendo um muro de pedra que simulava uma montanha, o Arthur desaparecendo na mata e elas se olhando, aflitas, até que uma dizia “Why is he taking so long?”. Depois vinham quinze segundos delas correndo pelo mata com a câmera tremendo muito e literalmente tudo que se ouvia era um grito contínuo de “Oh my f\*\*\*ing God!”. A penúltima cena era toda a matéria condensada já que a Mica tinha um insight, se sentava em uma cabana escura na selva e começava a explicar a origem biológica daqueles hipopótamos assassinos que as perseguiram – parasitas haviam feito aquela população de “hippos” quase desaparecer, até que eles se tornaram geneticamente mais resistentes e, conseqüentemente, agressivos. Sim, não havia verossimilhança externa alguma.

Nunca fiquei tão orgulhosa  
em ser daquela turma e  
ter dirigido esse grupo.  
Veio-me um alívio, e a  
esperança reascendeu.

BEATRIZ JACQUES  
*Turma: 304*



# *Atrasos à parte*

**S**eis horas e vinte e cinco minutos da manhã, exatamente assim para dar os “só mais cinco minutos”. Seis horas e trinta minutos, horário de levantar, e se acontecesse alguma coisa, dava atraso. Mas naquela semana em questão, eu acordava sempre antes do despertador, até o dia D. Para a História, o dia D é o desembarque dos Aliados na Normandia; para mim, era o dia da apresentação do **musical**, na verdade, “O” musical.

A última Semana Anchieta, o último ano, e essa atividade tornava-se automaticamente a última atividade como turma. Era um mix de nervosismo com entusiasmo que gerava um frio na barriga, e a grande expectativa de que tudo desse certo. Mas enfim, naquele dia, eu acordei às seis horas em ponto e não foi necessário muito esforço para levantar da cama. A roupa já estava separada, a mochila pronta e o café? Não consegui. Seis horas e trinta e cinco minutos, eu já estava sentada no sofá, esperando a carona ligar. O tempo é inimigo daqueles que mais precisam dele, não sei dizer se passou rápido ou devagar, só sei que minha carona se atrasou e eu estava saindo de casa às sete horas e vinte e cinco minutos. Credo, que sentimento horrível, mas bola pra frente.

Cheguei ao auditório e os “problemas” começaram. Eu não me sentia nervosa apenas por mim, eu estava sentindo pelos meus colegas, por todos eles. Confesso que já estava meio desesperançosa enquanto esperávamos para nos apresentar, mas tinha algum sentimento em mim que me dava a sensação de dever cumpri-

do. Subimos no palco. Quer dizer, a turma subiu e das coxias eu acompanhei a apresentação. Nunca fiquei tão orgulhosa em ser daquela turma e ter dirigido esse grupo. Veio-me um alívio, e a esperança reascendeu. Era nosso Musical (com “m” maiúsculo, porque as coisas importantes começam por letra maiúscula), fruto da nossa imaginação e de nossos esforços, nossas brigas e brincadeiras. Se fosse para outras pessoas fazê-lo não teria saído igual.

Na hora, não vi o quanto aquilo tinha sido importante para todos nós. Gandhi uma vez disse: “Qualquer coisa que você faça será insignificante, mas é muito importante que você a faça, pois ninguém a fará por você”, e eu estava e ainda estou muito feliz porque nós o fizemos.

do. Subimos no palco. Quer dizer, a turma subiu e das coxias eu acompanhei a apresentação. Nunca fiquei tão orgulhosa em ser daquela turma e ter dirigido esse grupo. Veio-me um alívio, e a esperança reascendeu. Era nosso Musical (com “m” maiúsculo, porque as coisas importantes começam por letra maiúscula), fruto da nossa imaginação e de nossos esforços, nossas brigas e brincadeiras. Se fosse para outras pessoas fazê-lo não teria saído igual.

Na hora, não vi o quanto aquilo tinha sido importante para todos nós. Gandhi uma vez disse: “Qualquer coisa que você faça será insignificante, mas é muito importante que você a faça, pois ninguém a fará por você”, e eu estava e ainda estou muito feliz porque nós o fizemos.



Sem saber o que estavam pensando de mim, vi uma menina se aproximar. Foi ela que me deu o primeiro "oi" do ano...

BETTINA LAU OBST  
Turma: 303 - 04

Show Musical Anchieta  
Canto & Dança

PEQUEÑOS  
CANTORES  
DEL COLEGIO  
ANCHIETA



Este País  
nunca  
decepcionou  
homens  
de boa vontade



g  
u  
a  
y



Ao  
Show Musical Anchieta  
CANTO E DANÇA  
NO TRANSCURSO DO 34º ANIVERSÁRIO  
DE SUA FUNDACÃO A NOME DA  
CACHOEIRINHA

**Cachoeirinha**  
A cidade certa para se viver.  
Prefeito Municipal  
Valdecir Mucillo  
Secretária da Cultura, Desporto e Lazer  
Alzira Zilá Gomes



Mais / 2000



# Lembranças eternas

“ Certo, colégio novo, sem amigos, sem conversa na aula, sem festas. Época de focar no vestibular.” Foi exatamente com isto em mente que eu entrei, no ano de 2014, no terceiro ano do Colégio Anchieta. Pois bem, acho que me designaram para turma errada, a qual ia contra todos meus propósitos de terceiro ano do Ensino Médio.

Estudei cada ano do Ensino Médio em uma escola diferente. Na maioria delas, não segui com nenhuma amizade forte. Ano passado eu estava morando fora da cidade, mas por uma fatalidade, tive que voltar. Depois de estudar do nível A até a 5ª série, tendo repetido nesta, sabia que se eu quisesse tem um ensino elevado e passar no vestibular, a melhor opção seria o Anchieta. Onde eu decidi cursar o meu último ano de escolaridade. Apesar da discordância do meu pai, que sempre foi ciente do nível exigido pelo colégio e meu histórico escolar, os quais eram incompatíveis, conseguimos chegar a um acordo, e eu teria que passar de ano. Minha matrícula foi feita.

No primeiro dia de aula, cheguei perdida. Todos meus ex-colegas do Anchieta já tinham se formado. Entrei numa turma, sem conhecer ninguém. Via apenas uma qualidade naquela sala: ficava na frente do banheiro e do bebedouro. Sem saber o que estavam pensando de mim, vi uma menina se aproximar. Foi ela que me deu o primeiro “oi” do ano, e é a ela que eu faço questão de dar “bom dia” todos os dias. Isabelle foi quem me apresen-

tou as melhores amigas que eu podia ter atualmente. Nós tivemos uma ligação fortíssima, na qual, depois de uma semana de aula, ouvi-as dizerem que parecíamos amigas de anos. Foi quando percebi que elas eram verdadeiras, já que eu sentia o mesmo.

Em suma, hoje, é com elas que eu falo sobre todos os assuntos imagináveis, fofoco sobre todas pessoas do mundo e estudo sobre todos conteúdos já vistos. Aprendi, com cada uma delas, e também com todos meus outros colegas de classe, alguma coisa de diferente, alguma característica individual positiva de cada um, que de alguma forma me servem como inspiração. Consequentemente, posso não vê-los mais todos os dias, não ir mais, mensalmente, aos famosos churrascos da 3, ou não ter mais milhares de notificações no celular que me façam lembrar que eu sou parte nessa família. Contudo, sei que a cada atitude minha, seja em casa no trabalho ou na faculdade; uma lembrança de cada um deles estará comigo.

O colégio Anchieta me proporcionou o melhor durante esta fase adolescente, me fez sentir vontade de acordar pela manhã...

BRENDA AURÉLIO  
*Turma: 305*



# São apenas memórias

**F**alar sobre o Anchieta é falar sobre a turma 5, que acompanhou minha trajetória durante esses últimos anos. Primeiro era a 75, aquela turma de pequenas crianças, cheias de sonhos, desejos, risadas compartilhadas. Então veio a oitava série, momento de muitas mudanças e para relembrar um pouco vale falar sobre os alunos novos que entraram, o amadurecimento das ideias ao longo do ano, a formatura e os alunos que ficaram para trás. Chegou então o Ensino Médio: os três últimos anos de escola que teríamos de suportar.

Quando iniciamos o **Ensino Médio**, turma 105, já éramos um grupo formado, porém foi ao longo deste período, que construimos de fato a nossa personalidade e as nossas amizades. Éramos tão jovens que tudo era motivo de piada e risadas, atrapalhando as aulas, os desempenhos de alguns mais distraídos. Não era por acaso, éramos rotulados de difíceis por todos os professores. Ouvíamos todos os dias “você são a pior turma”, “devem amadurecer”, “estas brincadeiras são de 2º série do Ensino Fundamental”. A “turma do baralho”. Jogávamos qualquer jogo que envolvesse cartas: canastra, truco, dorminhoco, detetive. E isso foi a nossa marca. Éramos um cassino na hora do recreio, e assim vivíamos felizes. Ocorreu então um imprevisto, um episódio triste que nos uniu de certa forma que nem consigo descrever com palavras. Foi a morte repentina do pai de uma colega de sala, que nos fez perceber como a vida é curta, como devemos cultivar nossos amores o mais próximo possível, pois a qualquer instante já não estarão aqui aqueles que nos fazem felizes. No começo, foi difícil entender e

saber como agir, tentávamos não falar sobre o dia dos pais e em assuntos que envolviam vida e morte. Com o tempo, deixamos de lado a tristeza e assistimos tudo como algo bom. Fizemos tantas festas nesse ano. Tudo era motivo de debate, mas no final, éramos um grupo gigante, não havendo mais aquelas “panelas” – grupos pequenos, que se isolavam em cada canto da sala.

Nem tudo é perfeito: passado o verão, veio o segundo ano e com ele mais mudanças do que eram esperadas. Uma turma havia sido desmanchada, a 103, e os seus alunos foram distribuídos para as outras turmas. Para ser sincera, parecia mais que haviam unido a 103 à 105, porque vieram mais de 10 alunos novos para a nossa turma. Foi o momento em que nos desunimos. Novos grupos foram formados, novas amizades passaram a ser cultivadas. Inicialmente, era complicado, porque parecia que todos éramos estranhos uns aos outros, houve muitas brigas e desentendimentos. Até que tivemos de nos unir, sendo amigos ou não, tínhamos de ser uma turma. Começamos pelo Teatro, foi a união para que tivéssemos figurino, cenário, atores e todo o necessário para ganhar o 3º melhor espetáculo de teatro, além do prêmio de ator revelação. Foi o teatro mais engraçado e melhor improvisado. Por falta de união, pensamos muitas vezes em desistir, mas não faltou incentivo dos professores e dos colegas, aqueles que falam mais e têm mais influência sobre os outros.

Hoje, nesse último ano, não estivemos tão unidos como turma, porém, aquelas pequenas amizades se intensificaram, tornaram-se inesquecíveis. Fazer parte dessa turma, foi a melhor coisa que já me aconteceu. Ajudou a me fazer ser quem eu sou, pensar como eu penso, batalhar pelos meus sonhos. E principalmente, me trouxe os melhores amigos. Amizades que nunca serão perdidas. O **colégio Anchieta** me proporcionou o melhor durante esta fase adolescente, me fez sentir vontade de acordar pela manhã, estar em sala de aula, mesmo que na maioria das vezes, não fosse para estudar... Fez-me querer ser alguém, me fez querer ser quem eu sou hoje. Obrigada!



A história da minha  
vida é a história de meu  
tempo anchietano.

BRUNO ZORZETTO RECH  
*Turma: 303*



# Ginásio de Esportes



# Tempos passados

**M**ais de uma década separa o momento em que escrevo este texto da primeira vez em que entrei no Colégio Anchieta. Treze anos de mudança, amadurecimento e, sem dúvida, alegres memórias não serão deixadas para trás, pelo contrário, levarei as experiências que tanto me marcaram para onde quer que vá.

Ao longo dos anos que estudei no Anchieta, amizades foram formadas, histórias escritas e lições aprendidas. Assim como o mundo fora dos muros da escola, o colégio também passou por diversas transformações. Quando ingressei no jardim de infância, o Brasil ganhava a copa de 2002, o planeta estava estático diante dos recentes ataques terroristas, e a Internet ainda engatinhava. Tempos mais tarde, o mundo tornou-se um lugar consideravelmente diferente. A Internet virou uma segunda realidade, as formas de aprendizado não mais se resumem a um professor com um quadro negro, e o país ainda se recupera do abalo da última copa. Da mesma forma, a turma de 2002 está mudada, evoluída, e, infelizmente, dispersa (após tantos anos, seria difícil sair do colégio com o mesmo grupo em que entrei).

Atualmente, é impossível não olhar para trás com certa nostalgia. Quantas são as lembranças dos inúmeros passeios realizados pelo colégio! Diversos museus visitados, viagens para Rio Grande, Rio Pardo... As noites passadas na Vila Oliva no início do verão e as tardes no Morro do Sabiá... Além da alegria de subir no pódio após uma vitória na Semana Anchieta. Os anos não passaram sem aflições, é claro: a tensão das provas trimestrais e desespero quando se esquecia da entrega de um trabalho avaliativo ficarão, para sempre, na memória.

A história da minha vida é a história de meu tempo anchietano. Não conheço outra realidade, por isso, a despedida do colégio pode ser um tanto assustadora. Mesmo assim, sinto que a escola preparou-me suficientemente para “encarar” o mundo lá fora, e o sentimento de deixar para trás todos os anos de vivências não é temor, mas tristeza e saudade. Penso em como estará o colégio e onde estarão meus colegas daqui a dez, vinte ou trinta anos. Tenho certeza, porém, que as incríveis experiências que passei no Anchieta nunca serão esquecidas!

Tudo vai ser muito diferente,  
mas sei que temos nossas  
histórias e nossas amizades  
que vamos levar pra sempre  
conosco, mesmo distantes.

CAMILA HICKMANN  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**A** 304 é uma turma muito confusa, sempre com todos os humores possíveis misturados. Às vezes é difícil saber como entender cada um. Apesar disso, a partir da 8ª série começamos a ser mais unidos, e isso permanece até hoje.

Nem parece que está acabando. Ainda não caiu a ficha. De vez em quando, paro o que estou fazendo e observo a turma. Parece que ninguém percebeu que está acabando, que ano que vem não seremos mais colegas, que cada um seguirá seu caminho ainda que continuemos nos vendo em festas e jantas de encontro.

Tudo vai ser muito diferente, mas sei que temos nossas histórias e nossas amizades que vamos levar pra sempre conosco, mesmo distantes. Só tenho a agradecer a essa segunda família maravilhosa que tive sorte de fazer parte e estou muito orgulhosa das conquistas de cada um.



...as queridas professoras  
foram me conquistando  
cada dia mais, e hoje  
sou apaixonada pelo  
Colégio Anchieta.

CAROLINA BUENO LUZARDO  
*Turma: 302*

# Memórias Anchiéticas

**E**ntrei no Colégio Anchieta na 2ª série do Ensino Fundamental na turma 21. Tinha vindo do Colégio Província de São Pedro, do qual gostava muito. No entanto, meu irmão decidiu estudar em um colégio maior e acabei acompanhando-o nessa jornada. No início foi um pouco difícil, pois obviamente não tinha nenhum amigo e de certa forma não queria ter saído do meu antigo colégio. Em contrapartida, fui muito bem recebida pelos meus colegas e fui tratada muito bem por eles.

Logo, as aulas de música, os trabalhos, os mais diversos passeios à Vila Oliva, ao Morro do Sabiá, a “famosa” Semana Anchiética e as queridas professoras foram me conquistando cada dia mais, e hoje sou apaixonada pelo Colégio Anchieta. Tenho certeza de que minha família fez a escolha certa, pois não me imagino em outra escola senão a que foi significativa em cada etapa da minha formação.

Quando era pequena, gostava muito do dia do brinquedo, pois podia brincar de boneca com minhas amigas; assim como, brincar de cabra-cega nos quiosques, aproveitar os momentos de pátio livre com as mais variadas brincadeiras, trocar brinquedos no dia “do troca”. Aos dez anos fui pela primeira vez à Vila Oliva onde brincávamos de caçar o Maba e acordávamos ao som da vaquinha Marcelita. Além disso, o espírito de equipe contagiava todos ao redor, criando vários laços de amizade.

Tenho certeza de que todos que estão encerrando o Ensino Médio em

2014 tiveram uma trajetória inesquecível. Momentos que vão estar para sempre em nossos corações, pois o destino que um dia nos uniu hoje nos separa, mas podemos dizer que cada segundo valeu a pena. São lembranças únicas e especiais que carregarei comigo para toda minha vida.



...a nossa turma desenvolveu valores que agora permanecerão com cada um, valores esses como o respeito às diferenças...

CAROLINA GAZEL DE ALENCASTRO  
*Turma: 302*



# Memórias Anchiéticas

**A**turma 302, que em 2014, se despede, fez-se única e especial a todos aqueles que fizeram parte desta em algum momento de nossa jornada. Desde sua formação, sempre representou a união de indivíduos com diferentes visões de mundo, anseios e ideologias, e foram essas diferenças que a tornaram tão singular, tão polêmica, ou mesmo tão afetiva, como muitos professores gostavam de descrevê-la.

Com todas essas características, a nossa turma desenvolveu valores que agora permanecerão com cada um, valores esses como o respeito às diferenças, a aceitação de opiniões divergentes e a importância de se ter amigos para compartilhar vitórias, derrotas, conquistas individuais, como passar em uma prova, vencer um campeonato, e os momentos ruins, como os terminos de namoro, as “provas impossíveis”, quando, então, haverá o apoio desses.

Os momentos vividos pela turma perpetuar-se-ão em cada um de nós, como esquecer as brincadeiras, as perguntas da Lívia, a animação do Eduardo, o talento do Marcelo, as estratégias de futebol dos guris, as nossas pizzas, os marombas da turma...

*“A amizade fora dos laços consanguíneos desempenha um papel fundamental, porque com o amigo podemos ser o que desejamos. A aceitação por parte do outro afirma nossa personalidade e faz-nos crescer como indivíduos.” – Joyce Brothers.*

Depois de 13 anos, agora me despeço do Anchieta, sempre com a vontade de ficar um pouquinho mais, de poder aproveitar um pouquinho mais o colégio, os amigos e essa turma tão especial.



Hoje em dia, nem o Matão  
me parece tão grande – e é  
aí que eu sei que algo dentro  
de mim se transformou.

CATARINA DE FARIAS PAESE  
*Turma: 304*



# Memórias Anchietas

**D**ez anos, 3050 dias e 73200 horas. Engraçado como toda minha vida escolar pode ser resumida de tal forma. Logo eu, que sempre fui de Humanas, usando números para me exemplificar.

Durante todo esse tempo, fui várias. Chamei-me Cata, Gatarina e até Cata-sucata. Atirei-me Morrinho abaixo e cheguei a tocar o desajeitado “dois por dez”, proposto por Beth, na flauta. Fiquei com medo de ler Goosebumps na época dos Ratos de Biblioteca. Tive meu nome desmoralizado no bonde amarelo. Assisti, com pavor, aos preços do bar subirem a níveis astronômicos. Dediquei-me assiduamente ao Grêmio Estudantil. Aprendi que o som de “q” e “gu” são muito diferentes. Sobrevivi às aulas de Física no último período do turno inverso. Encontrei nos meus colegas uma família.

Não foi tempo suficiente, mas acredito que nunca é. Sem perceber, me tornei muito diferente daquela menina que, em 2003, ficou maravilhada com o tamanho do Anchieta. Hoje em dia, nem o Matão me parece tão grande – e é aí que eu sei que algo dentro de mim se transformou.

Ainda não sei se estou pronta para o “mundo real”. Conseguirei lembrar as datas de provas sem a ajuda de professores? Talvez motivada por um sentimento saudosista, ou quem sabe por uma maior noção de que o fim tão temido e esperado está próximo; porém, percebo agora que o Anchieta é minha casa e possivelmente não encontrarei isso em lugar nenhum.

Sempre me disseram que o colégio é uma das melhores fases da vida de alguém. É com tristeza que vivo meus últimos momentos no Anchieta, e com convicção de que cada momento vem me possibilitando chegar mais perto dos meus sonhos.



...o "campeão" só me faz  
perceber que o Colégio  
Anchieta é a minha segunda  
casa, na qual construí  
laços de amizade...

CELINA DE SOTTOMAIOR DRUMOND  
*Turma: 306*



# As Memórias do Coração

**C**á estou eu, em plena quarta-feira à tarde, pensando em como escrever sobre as minhas memórias anchietanas. A verdade é que estou no Colégio Anchieta desde 2002, quando entrei no nível A, sendo assim, eu passei a maior parte da minha vida nesse lugar, tendo crescido e vivido experiências inesquecíveis junto aos meus amigos e colegas de aula.

Honestamente, sempre reclamei de ter que ir para o colégio, mesmo porque pensava nele como uma obrigação, mas a grande verdade é que foi mais do que sair do aconchego do lar para estudar. Ir para o colégio foi aprender a tocar flauta nas aulas de música da professora Beth, foi aproveitar cada momento das Semanas Anchiéticas, foi esperar ansiosamente pelas aulas de artes, onde podíamos usar a nossa criatividade nos trabalhos enquanto escutávamos música em pequenos grupos, e principalmente, foi estar no auditório do colégio para apresentar o musical do terceiro ano ao lado de cada um dos meus colegas, onde pudemos demonstrar a todos que somos uma grande família. Além disso, olhar para o “campão” só me faz perceber que o Colégio Anchieta é a minha segunda casa, na qual construí laços de amizade que pretendo levar para o resto da minha vida.

É difícil pensar que faltam alguns poucos dias para o término do meu último ano letivo. Porém, apesar de haver aquele sentimento de tristeza no olhar de cada um dos formandos do Colégio Anchieta de 2014, tenho certeza

de que levaremos conosco somente as lembranças boas e a alegria de tê-las vivenciado, pois o dia 22 de dezembro, em que estaremos todos reunidos para a nossa formatura na FIERGS, não deverá ser lembrado como “o fim do colégio”, e sim como o início de todos os nossos sonhos.



...levo comigo ótimas  
lembranças, desde os  
meus cinco anos de idade  
até os meus atuais 17.

CLARA MICAELA HEBERLE  
*Turma: 302*



# Serei breve

**N**esses anos todos aqui vividos no Colégio Anchieta pude refletir e aprender coisas sobre a vida. Tornei-me a pessoa que eu sou graças à orientação dos professores, e também às minhas contestações contra a política do colégio. O Anchieta ainda é uma instituição bem conservadora e deveria dar “mais voz” aos alunos.

Apesar dessa pequena crítica, levo comigo ótimas lembranças, desde os meus cinco anos de idade até os meus atuais 17. Atividades interativas, teatro do segundo, musical do terceiro, dias temáticos, Semana Anchieta, Vila Oliva, Morro do Sabiá e Quinta da estância fizeram parte de mim e saudades é o que não vai faltar.

Agradeço aos professores pelos ensinamentos não só teóricos e de conteúdo, mas pelos ensinamentos éticos e morais para a vida. Se tem algo que essa escola mostrou-me foi nunca deixar nada para a última hora a fim de não acumular no final. Sentirei saudades dos meus colegas e amigos que fizeram parte desta história junto comigo.



A verdade é que gostamos de  
vencer, mas os caminhos que  
trilhamos até a vitória são  
melhores que o prêmio em si.

DORA ALMEIDA LEONETTI  
*Turma: 306*



# Tá, lá, voa tapete!

**E**u não queria entrar no Anchieta, preferia mil vezes continuar onde eu estudava. Já tinha amigos, conhecia os professores, sabia como funcionava o colégio e o preço de cada doce no bar. Quer dizer, eu estava decidida a não sair de lá... Bem, até minha visita ao Anchieta. Depois daquela tarde, quando minha mãe me perguntou se eu havia mudado de ideia, minha única resposta foi: “As escadas são mais bonitas”.

O primeiro dia de aula foi assustador. Meus pais estavam viajando e quem me levou foi a minha tia. No recreio, fiquei sozinha pensando nos meus ex-colegas e ex-vizinhos (dois dias antes havia me mudado) no outro lado de Porto Alegre. Da segunda à quarta série minhas lembranças são vagas e pouco marcantes, mas o carinho pelo colégio começou a crescer.

Em dezembro de 2007, o Anchieta me conquistou de vez. Entre todos os cantinhos e “cantões” do colégio, sem dúvida a Vila Oliva é o melhor. Tão boa que fui como aluna todas as vezes que possível, mesmo quando ninguém mais da minha turma ia – e acabei fazendo amizades supervaliosas. Mas tão boa que, quando não pude mais ir como aluna, passei a ir de chefia, cuidar das gurias menores e tentar transmitir a elas o amor que tenho por aquele lugar (e pretendo continuar sendo chefia por uns bons anos ainda).

A Vila é diferente de tudo, ninguém vai pra lá só pela gincana ou para ganhar medalha. Vamos para criar, reforçar e até reatar amizades. Para fugir um pouco da nossa geração digital (5 dias sem 3G é um sonho, não um pesadelo, como a maioria pensa); para relaxar; para conversar com o Janjão; para respi-

rar o ar puro; para caçar o Maba; ou para (finalmente) criar coragem e pular do trampolim mais alto. Poso escrever um livro inteiro sobre a Vila Oliva e ainda não vou conseguir transmitir a mágica daquele lugar. Para entender, é preciso viver os cinco dias de atividades e convivência contínua.

Só na 6ª série minha “vida anchietana” ficou completa, ao entrar na turma que estou até hoje. Ele são a prova de que escola não é um lugar só para aprender o necessário para entrar na faculdade, mas também é uma segunda casa. Desde a sétima série, somos elogiados por nossa união e capacidade de nos focarmos quando queremos algo. Ainda em 2010 tivemos nossa primeira vitória como turma na Semana Anchieta, em uma gincana de juntar latínhas, uniformes, etc (aí surgiu nossa competitividade). Ganhamos a atividade da série nos dois anos que se seguiram também. A verdade é que gostamos de vencer, mas os caminhos que trilhamos até a vitória são melhores que o prêmio em si.

Na oitava série, juntamos de membros da turma desde o jardim de infância, vídeos esquecidos no tempo (por um bom motivo), e a junção de tudo ficou sensacional. Briguinhas bobas e atividades coletivas na Quinta da Estância (origem da fala que dá título a esse texto), tentativas de danças na educação física e um parabéns (nada convencional) para o aniversariante do dia foram algumas das coisas presentes nos poucos minutos do vídeo que conseguiu descrever um pouco dessa turma tão incrível.

Já no primeiro ano, o filme foi um pouco mais trabalhoso. Exigiu roteiro, figurino, câmera, vários takes de uma mesma cena e um comprometimento absurdo. Mesmo assim, nos divertimos muito. Fomos junto para a casa de uma colega em Gravataí para gravar, o que rendeu uma segunda visita com direito à festa na piscina. Mas o final do ano de 2012 foi triste para a turma 107, alguns de nossos colegas reprovaram, contudo, continuam sendo parte da nossa vida como turma (#umavez7sempre7).

No teatro, ano passado (2013), perdemos em todas categorias possíveis. Realmente, poderíamos ter nos esforçado mais e reagido à perda de maneira menos raivosa. A indignação levou nossa turma, famosa pela união, a se dividir um pouco.

A separação não foi eterna, felizmente. Com a aproximação do terceiro ano, a união voltou, e me sinto segura ao afirmar que estamos mais próximos do que nunca. Desde o primeiro dia de aula, nos churrascos, nos ensaios para o musical, jogos na semana anchietana e até mesmo nas conversas em aula, a turma se unia. Depois de conseguirmos, com sucesso, apresentar o musical, tivemos a prova de que diversão e trabalho podem andar juntos se houver comprometimento por parte de todos. Ensaios exaustivos, hilários e repetitivos geraram brigas e risadas, porém, se eu pudesse, faria tudo de novo sem mudar nada.

Se a paciência e a minha habilidade de escrita permitissem, contaria casos e acasos mais diversos da turma. O pedido ao nosso paraninfo, as rixas por competitividade com as outras turmas, o dormidão para o último primeiro dia de aula... E mesmo que contasse com exatidão, não ia conseguir definir perfeitamente, afinal, é difícil ficar sério na 306. Com raras exceções, são os guris, com suas brincadeiras bobinhas, que vão te acalmar ou consolar, e não te deixar irritada ou frustrada. Entre as gurias, não é difícil achar um ombro amigo para desabafar. No silêncio, são eles que vão tocar uma música (provavelmente um pagodinho) ou entrar na sala em uma filinha pulando. E, no meio do barulho, somos nós que vamos gritar mais alto.

Pensar que não os verei cinco dias por semana ano que vem me assusta um pouco (ok, me assusta muito). Sentirei falta de ver os guris dançando (com ou sem música) e das gurias contando sobre o fim de semana ou entrando na “zueira” com eles. A vocês, só tenho palavras boas, elogios e um lugar especial no meu coração, além de muito agradecimento por terem sido essa turma – não, melhor- essa família tão especial. Afinal, quem disse que família é só de sangue?

#família306

O Colégio me ensinou a dar  
valor às pequenas coisas e  
às grandes personalidades  
que encontrei durante  
minha vida no Anchieta.

DÉBORA LEITE ROCHA  
*Turma: 304*



# Memórias Anchietas

**U**ma história nós iniciamos a partir do momento em que anchie-tanos nos tornamos. O Colégio me ensinou como, com algodão e água, pode-se ter uma plantação de feijão; pintando as margens aprendi que o detalhe faz a diferença; com o dia do brinquedo, aprendi a dividir; esperando o pátio livre, me conformei de que paciência é uma virtude.

Percebo que, durante a minha vida escolar, tive momentos bons e momentos ruins, mas tenho digo com convicção que os momentos ruins me ajudaram a crescer e a me tornar quem eu sou. Brigas na **Semana Anchieta** da 6ª série, frustrações com alguns NAs nas parciais, raiva de ter 8 provas na mesma semana... e, ao mesmo tempo, a alegria de ganhar uma medalha nos jogos, a felicidade de ter vários As no boletim e o orgulho de ter conseguido vencer aquela semana “atolada” de provas.

Entrar sorrateiramente no matão, matar aula pra estudar, fingir que tocava flauta nas apresentações finais enquanto, na verdade, só mexia os dedos, dormir em aula, os últimos períodos do turno inverso no audiovisual com a Sandrinha, as aulas mudas com a Lolo, o famoso “bixo cabeludo”, “briófita verdinha aparecendo...”, as 1001 histórias dos amigos do Paulo de bio, melhores aulas de inglês com o Flávio (nófin), as polêmicas das aulas do Celso e do Silvio, a forma como o Português fica tão “bonitinho” com a MIX...

O Colégio me ensinou a dar valor às pequenas coisas e às grandes personalidades que encontrei durante minha vida no Anchieta. Sei que agora o

fim de ano realmente tá aí, como diria o Maurício, e que acabou de vez essa minha rotina, dessa vez, não vou receber o material de matrícula; entretanto vivi momentos que me mudaram e conheci pessoas admiráveis - disso a gente não esquece.



Crescemos e, agora, anos  
depois, a diversão dos  
recreios é se embrenhar no  
“matão”, explorar barrancos  
e viver aventuras.

FELIPE SCHENATO CALLEGARI  
*Turma: 306*



# Memórias Anchietas

**C**ertas tardes, e que tardes, passávamos todos juntos brincando após a aula acabar. Era só o sinal tocar e estávamos todos lá, dezenas de crianças correndo na pequena e verde colina em frente ao edifício da educação infantil, o “morrinho”. Rolar na rala e fofa grama até anoitecer e termos que ir embora. No gélido ar do inverno, no incessante calor do verão, estávamos sempre lá.

Os anos se passaram e os bons momentos seguiram, apenas mudando de local. Seis da tarde. Hora de voltar pra casa, de esperar a “kombi”, “kombi” mesmo, a última remanescente do colégio. A brincadeira com os colegas segue. Dar voltas e voltas no misterioso **bonde**. Sozinhos, em duplas ou grupos, entrávamos no “matinho”, pequeno jardim de arbustos densos, onde nos escondíamos na hora da brincadeira. Bons tempos.

Crescemos e, agora, anos depois, a diversão dos recreios é se embrenhar no “matão”, explorar barrancos e viver aventuras. Tempos inesquecíveis. Se aventurar pelo colégio, dia após dia, ano após ano, na esperança de que um dia tudo mudasse. Diversos locais e lembranças, experiências, brincadeiras. Do “campão” ao **museu**, do bosque ao **vestiário**, tudo era, e é, uma emoção.

Cada canto do colégio nos remete a uma lembrança diferente. Lembranças estas que ficam na nossa memória para sempre. Começamos pequenos, como a grama, crescemos como os arbustos e evoluímos como as árvores. Tudo muda, o mundo muda, nós mudamos. Mas a chama da memória está sempre acesa dentro de nós. Chama que queima, mas não apaga. Chama que recorda

os velhos e bons tempos. Chama da infância. Chama da memória. Memória dos tempos de colégio.



...boa parte das minhas  
lembranças e da minha  
infância se deu dentro do  
colégio, como o dia do troca-  
troca, o recreio estendido...

FERNANDA PIMENTEL  
*Turma: 302*



# Memórias Anchietas

**E** como em um típico final de recreio da terceira série, ele, que perdeu no futebol de novo, sai chorando sentindo-se injustiçado. Era sempre assim, acordar de manhã, ir ao colégio com a minha característica roupa – camiseta do Chelsea, legging rosa e a grandiosa chuteira com trava – e esperar até o recreio para então jogar futebol entre os colegas ou ficar dando piruetas no corrimão laranja. Estando desde a primeira série no Colégio Anchieta, boa parte das minhas lembranças e da minha infância se deu dentro do colégio, como o dia do troca-troca, o recreio estendido, o lixo falando do “prédio dos grandes” e a vez em que, depois de discursos e panfletos espalhados pela escola, ganhei as eleições para, nada mais, nada menos que representante de turma.

E assim se seguiram os anos, até que, na sétima série, troquei de turma e fui para a “2”, a turma em que permaneci até o fim do colégio. Turma pela qual descobri, no segundo ano pelo teatro, grande admiração e um amor que não imaginava ter. Ah, o teatro... Dias e dias de ensaio que não era um momento de tensão, mas sim de diversão, descontração e, como já mencionado, de descoberta de personalidades, de uma união que não pensávamos haver na turma. Foi nesse momento que tive a certeza que trocar de turma foi a melhor decisão que eu tomei. Talvez sejamos mesmo a turma mais estranha, porém são as nossas diferenças que nos fazem a melhor turma, a academia de monstros...

Saio agora do Anchieta agradecida por tudo que passei, por todos que conheci e que levarei sempre comigo.



Lembro como se fosse ontem  
do meu primeiro dia de aula  
no Colégio, na primeira série.

GABRIELA FARACO RAMOS  
*Turma: 302*



# Coração apertado

**N** (...) Memórias anchietanas..., (...) Memórias anchietanas... não pensei que seria tão difícil escrever sobre elas. São tantas lembranças com o Colégio Anchieta como cenário, que dissertar sobre as principais delas em apenas 30 linhas passa a ser uma tarefa árdua.

Selecionando entre inúmeros fatores que contribuíram fundamentalmente para minha formação, é impossível não enfatizar as amizades, os valores e a tradição que mantive ao completar meus onze anos escolares no mesmo colégio dos meus pais, irmãos e avós. Posso dizer que foi, com certeza, graças aos amigos que cultivei ao longo dessa longa jornada, e às idas a asilos/creches carentes, momentos de reflexão no Morro do Sabiá, férias na Vila Oliva (entre outros eventos tanto dentro como fora da sala de aula) que fizeram desta etapa uma fase inesquecível.

Não caiu a ficha que está acabando... Que acabou! Lembro como se fosse ontem do meu primeiro dia de aula no Colégio, na primeira série. Eu estava cheia de expectativas e um pouco nervosa. Era tudo tão colorido, vivo, bonito e empolgante! Não via a hora de brincar naquele pátio imenso e, alguns anos depois, contava os dias para entrar no tão esperado “prédio grande”. Mal sabia eu que tudo o que eu imaginava era só o início de um mar de bons momentos... Com uma coletânea infinita de histórias relacionadas ao Anchieta, é inquietante saber que estas, antes acrescentadas a cada dia letivo, são, agora, nada além de recordações eternas...

Dizer que minha vida anchietana foi “melhor que a encomenda” é uma obviedade. Porém, em um momento de coração apertado, quando é hora de dar adeus a minha segunda casa e a muitos daqueles que participaram do meu dia a dia por tantos anos, temos que ter em mente que não há nada nem ninguém capaz de tirar as memórias anchietanas de nossos corações.

Eu posso sair do Anchieta, mas o Anchieta jamais vai sair de mim.



Só tenho a agradecer por tudo  
o que me aconteceu nesses  
cinco anos de Anchieta: o  
aprendizado, as amizades...

GABRIELA ROCHA  
*Turma: 303*



# Memórias Anchiéticas

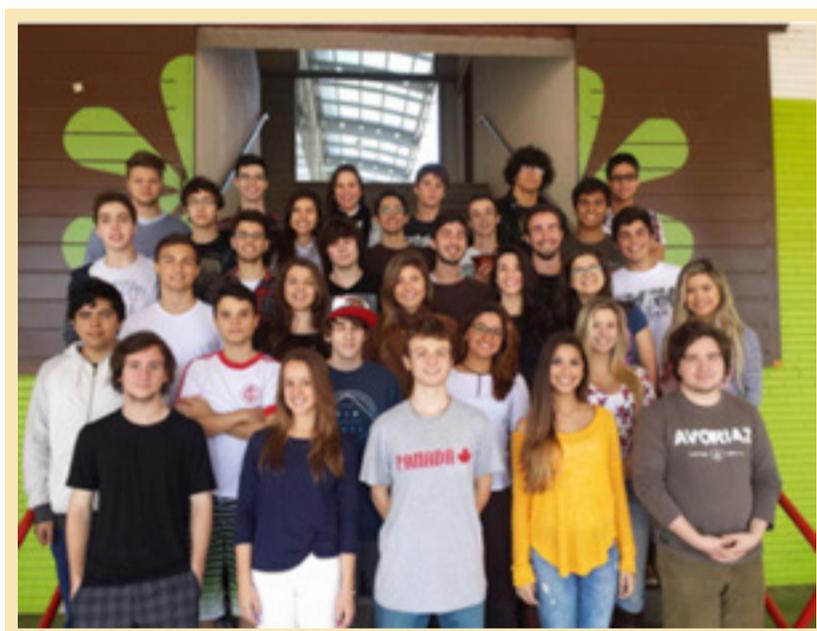
**A** gosto de 2009. Apesar de ter família gaúcha, era a primeira vez que eu estava morando no Rio Grande do Sul, após ter passado por outras cinco cidades nos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Já estava acostumada a ter de fazer novas amizades e ser aluna nova, e dessa vez não foi diferente.

Lembro-me bem do dia 17 de agosto, meu primeiro dia de aula (mais uma vez) na nova cidade, quando cheguei sozinha, pois não conhecia ninguém e estava louca para saber em que turma ficaria. O assistente da série me levou até a turma 64 e me apresentou como a aluna nova, e tomei meu lugar. Sentei na terceira mesa da fileira da janela e, na minha frente, uma colega logo se apresentou e me contou um pouco sobre como era aquela turma, que de cara me pareceu bastante acolhedora.

Os dias foram passando, e cada vez mais eu me identificava com aquelas pessoas. Porém, foi em 2010, na sétima série, que minhas amizades foram realmente fortalecidas, e parecia que eu já estava naquela turma há muito tempo. Entre saídas e entradas de colegas, passaram-se os anos de 2010, 2011 e 2012. Neste último, a turma estava bastante próxima; entretanto, no final dele, recebemos uma notícia que nos chateou bastante: seríamos separados. Nada podíamos fazer, a não ser aceitar. Surgia, assim, a turma 203, composta por parte da 104, à qual eu pertencia, junto de algumas pessoas da 103, que também havia sido separada. No início, éramos cada turma com seu grupo, mas logo começamos a nos unir e construir a família 303 de hoje, que não se aguenta dentro da sala de aula, mas precisa fazer churrascos de turma para

reunir todo mundo. Essa família eu não trocaria por nada!

Só tenho a agradecer por tudo o que me aconteceu nesses cinco anos de Anchieta: o aprendizado, as amizades, a convivência com professores de quem vou me lembrar sempre. Neste final de ano, principalmente por ser o encerramento da nossa vida escolar, as lembranças de tudo o que vivemos dentro do colégio vêm à tona e, por mais que eu não esteja nele desde pequena como a maioria dos meus amigos, me sinto inteiramente Anchieta.



Por cada segundo ao lado  
de vocês, meus colegas,  
meus amigos, meus irmãos,  
eu agradeço. Mesmo aos  
que eu nunca cheguei  
a me aproximar, ou aos  
que eu me afastei, eu  
agradeço, por tudo..

GUILHERME OLIVEIRA  
*Turma: 306*



# Minhas memórias

*Lembranças de uma caminhada que se encerra.*

**C**omo não começar sem ser agradecendo?... Olhar para trás e não pensar em cada um que me ajudou a compor essa história e que me auxiliou em cada passo seria impossível? Professoras, professores, auxiliares de pátio, assistentes de série, as gentis e simpáticas funcionárias da limpeza, sempre de bom humor... Como não começar sem ser agradecendo e, se possível, olhando nos olhos de cada um deles, dizendo o mais profundo e sincero: “MUITO obrigado”?

Uma caminhada que se iniciou na primeira série, cheia de medos, inseguranças, dúvidas e medo, muito medo, do que o futuro me reservava... Posso dizer agora, e de boca cheia, que valeu muito a pena ter entrado naquela fila no momento em que chamaram meu nome. Onze anos de experiências, de risadas, de alegrias (e de inevitáveis decepções). Onze anos de descobertas, fortalecimento de algumas amizades e formação de novas, brigas, brincadeiras, muitos erros e acertos, “micos” e muitos dos melhores momentos da minha vida.

Onze anos... 2200 dias (letivos)... 190.080.000 segundos. Cada um desses segundos contendo uma oportunidade, infinitos caminhos com uma escolha a se fazer. A escolha de se escrever uma história inteira ou nunca o fazer... Eu fiz minhas escolhas, escrevi minha história e aqui estou, 190.080.000 segundos mais velho, mas infinitas vezes mais feliz do que com qualquer outro possível destino que possivelmente me estivesse reservado.

Por cada segundo ao lado de vocês, meus colegas, meus amigos, meus ir-

mãos, eu agradeço. Mesmo aos que eu nunca cheguei a me aproximar, ou aos que eu me afastei, eu agradeço, por tudo. Saibam que se eu sou quem eu sou hoje, devo muito a vocês. E como já dizia a raposa: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Cada momento foi único, os ensaios para o musical do terceiro ano, para o teatro do segundo, os momentos de revolta uns com os outros, as discussões, os abraços coletivos, as brincadeiras em aula, as fotos de turma, os churrascos (portas de vidro, cuidado), as noites de turma (BINHA !!!), os alunos novos que entraram e saíram e que aos poucos foram compondo esse mosaico que nossa turma hoje representa, os passeios (coitados daqueles porquinhos), as competições entre as turmas (ah... as competições entre as turmas), as conversas durante os períodos “pra exercício”, as aulas da Dani (inesquecíveis), os professores e professoras marcantes (são tantos...), o choro coletivo depois da última semana anchietana e depois do musical... Cada um desses momentos e mais tantos outros me fizeram mais humano, me fizeram mais preparado para poder enfrentar a ausência de cada um dos meus colegas (sim, a falta de TODOS vai ser notada na minha vida).

Como não encerrar sem ser agradecendo?... A todos que estiveram comigo nesse tempo, aos meus pais por essa oportunidade, e ao Colégio... Mas não é uma jornada que se encerra simplesmente... É também o começo de uma nova; a vida adulta se apresenta pra nós, mas nós não temos motivos pra ter medo, porque não importa de quão longe seja ou quanto tempo passe, ninguém separa essa que já é mais que uma turma, que já é mais que um grupo de uns amigos... É uma família... a FAMÍLIA 7 !!!

“Porque pra Dezembro, eu já devo mais de 23. O acaso vai tentar me repetir, enquanto em física eu dormir. O acaso vai, tentar me repetir, enquanto em física eu dormir.”

Neste Colégio, enorme colégio, vivi tantas emoções que se torna uma tortura tentar escolher algo para relatar...

GUILLERMO S. VILLAR  
*Turma: 303*



# Lamentos e Lembranças

**É** difícil aceitar que toda uma longa etapa de minha vida esteja acabando. Creio que seja mais correto dizer que a maior parte de minha vida, doze bons anos, se encerra tão rapidamente. De fato seria tolice não reconhecer a importância que esta fase representa no momento presente e o que representará nos dias que virão até um último e sombrio suspiro.

Neste Colégio, enorme colégio, vivi tantas emoções que se torna uma tortura tentar escolher algo para relatar, talvez pudesse citar meu primeiro dia, meu assombro ao ver a imensidão que essa escola tem, eu em minha diminuta estatura não poderia conceber tamanho gigantismo, tanto espaço, tanto mistério. Talvez devesse contar de uma das tardes no Ensino Fundamental, contar sobre a velha turma, toda aquela atmosfera de absoluta inocência e nossas esperanças idílicas, como era bom ser apenas um pequenino. Talvez contar das tramas e maquinações de quando afloravam ódios jurados imortais que logo se dissipavam. Talvez contar do saudosismo e nostalgia que tendem a atormentar os anos finais. Tantas coisas deveriam ser contadas, guardadas para sempre, longe das memórias deteriorantes, mas falta-me o tempo, a tinta, a pena e a paciência de fazê-lo detalhadamente e com os corretos merecimentos.

Devo dizer que me sinto afortunado, por ter conhecido este pequeno paraíso em meio ao caos da Nilo Peçanha, um refúgio. Não somente pelo o local, mas também pelas pessoas que conheci, incríveis criaturas, de características fascinantes, tipos memoráveis, sem dúvida. Minha primeira turma se manteve unida até seus últimos dias, no ano passado quando saíram, eu

estava lá junto com alguns dos que ficaram no meio do caminho. Nós ficamos absolutamente exultantes com a situação, pois de fato havíamos convivido por tanto tempo que formamos fortes laços, quase familiares em determinados casos, em outros nem tanto, mas sem dúvida todos estávamos juntos. Por sorte ou azar, acabei não os acompanhando plenamente, tendo sido segurado, alguns dizem que pelo enorme amor eu tenho pelo colégio, outros, que foi por mera vagabundagem, tendo a oportunidade de conhecer outras pessoas outra turma e devo dizer que tive talvez uma das maiores sortes, a fortuna deu-me de presente estas pessoas. Então é necessário dizer que sou talvez um dos mais afortunados por ter essa dupla oportunidade de convivência, e de permanência estendida.

Gostaria de fato de poder citar alguns nomes, mas isto seria injusto com aqueles que acabarei por esquecer. Então irei apenas citar fatos de nossas reuniões, largados aos ventos da memória, creio que seja o mais sensato. De minha velha turma, guardo com especial carinho as nossas festas de final de ano, sempre feitas em alguma casa de campo, na maioria das vezes na minha, onde todos passavam o dia em uma comemoração absoluta, na piscina ou no gramado, correndo e conversando, juventude plena. Daqueles tempos não poderia esquecer as idas à Vila Oliva, toda a série, pais e filhos, especialmente a primeira vez, quando pegamos um fim de semana terrivelmente frio, tanto que muitos passavam os dias enrolados em cobertores de lã, na casa velha. Também seria sensato lembrar nossos recreios, das guerras e do exército, das discussões pela camiseta da Semana Anchieta, amplas discussões que acabavam por dividir a turma, guris de um lado e gurias do outro, era um caos, mas sempre acabavam bem. Tínhamos essa capacidade de perdoar tudo que dizíamos, depois de um tempo, e não havia nada que as férias de verão não curassem. Com o avançar dos anos, nós crescemos e mudamos, e o mundo mudou, amizades mudaram, pessoas foram acrescentadas e outras caíram e se afastaram da turma e várias alterações continuaram acontecendo, mas no fundo aquele espírito de união sobreviveu, e o cerne da turma se manteve. Como diz o velho ditado, tudo acaba bem quando começa bem; em minha opinião, não existe melhor maneira de definir este período.

De minha outra turma, dois maravilhosos e movimentados anos. Muito mais vigorosos, mais jovens em espírito que nós, acabei por me acomodar à feliz categoria da terceira idade. Para eles, sou um avô, que volta e meia lembra-se de alguma coisa de anos passados, tempos de outrora. Acolheram-me e me mostraram um diferente lado, outra forma de encarar as situações. Animam-me, todos os dias dou gargalhadas e certa vez quase morri de rir. Não poderia pedir outra turma para substituir a antiga, estas crianças que me receberam de braços abertos, eu velho rabugento. Nossos churrascos são de uma absoluta felicidade, capaz até de suplantar, de vez em quando, a minha enorme saudade dos outros anos. Dois anos de extrema alegria, não existe outra forma de classificar. De resto, existem tantos outros fatos e pessoas que deveria ser citados, merecedores de menções nestas curtas memórias, mas que por serem curas devem encontrar seu fim aqui, demarcando um pequeno pedaço de minha imensa saudade, desde já.

Agora me ocorreu uma triste conversa com querida criatura. Nós estávamos em uma das festas de fim de ano, era na verdade a última festa do Ensino Fundamental, restavam apenas três alunos, incluindo a minha pessoa, e ela falou que só nos restavam alguns poucos anos, olhei-a e vi que estava chorando, uma tristeza imensa havia tomado conta de seu belo rosto jovem. Sorri e disse que era verdade, mas que, como só faltavam estes poucos anos deveríamos torná-los os melhores, então ela sorriu. Posso dizer que ambos aproveitamos, até mais que o esperado, esses bons últimos momentos.

...nessa reta final, eu descobri  
o valor imensurável da minha  
turma e dos meus colegas.

GUSTAVO MILBRADT LIVI  
*Turma: 303*



# Minhas memórias, nossas memórias

O caminho que chamamos de vida é marcado por vários períodos, sendo o maior de todos ela mesma. Está para acabar o maior desses períodos que eu vivi até agora, o colégio, nesses 10 anos de muitas experiências, aprendizados e emoções. Certamente, quando eu entrei no Anchieta, em 2004, na primeira série, não tinha noção de como seria toda a trilha até o momento final, mas agora posso afirmar com convicção que foi uma extraordinária experiência, em que conheci muitas pessoas, com as quais errei, aprendi e cresci.

No colégio, geralmente, as pessoas acabam por atribuir grandes laços afetivos com a turma, onde estão as pessoas com quem se convive diariamente, muitos dos amigos, principalmente, quando se passa muito com uma turma, como no meu caso. Costuma-se dizer que as pessoas passam a dar o devido valor a alguma coisa quando a perdem ou não a têm, pessoalmente, acho que é verdade, nessa reta final, eu descobri o valor imensurável da minha turma e dos meus colegas. Quando entrei na turma, eu era um novato, afinal a turma já tinha dois anos, nosso número era dezesseis e ao todo somávamos vinte e poucos alunos. Com o passar do tempo, a turma mudou, cresceu, assim como nós. Nesses 10 anos, várias pessoas, por diferentes motivos, acabaram saindo, muitas deixando saudades e muitas ilustres personalidades se juntaram a nós aumentando a diversidade e a união do nosso grupo.

Um dos grandes momentos dessa história foi na quinta série. Na **semana anchietana**, após não ter conquistado nenhuma medalha de ouro, tínhamos

nossa última chance no futsal, depois de uma suada classificação em segundo, e último, lugar do grupo. O jogo era sábado de manhã, pois havia chovido no dia marcado, obrigando a transferência dos jogos. Até aí tudo bem, entretanto nosso melhor jogador se machucara e desfalcava o time. Meio abalados, mas ainda confiantes, fomos, no sábado, ao colégio jogar. Por ser no sábado de manhã e não ter havido uma grande divulgação da transferência, alguns de nossos jogadores não apareceram, entre eles, o nosso goleiro, então eu, que já jogava no gol, tive que ir ao lugar dele, mesmo tendo acabado de desenfaiar o dedo quebrado.

A nossa partida era a segunda das semifinais e não demorou a chegar. Eu me lembro de estar bem nervoso por mim e pelo time, fazia um certo tempo que eu não jogava no gol e aquele era um jogo decisivo. Qualquer erro era fatal e podia levar à eliminação, ao fracasso e as coisas ficaram piores, pois eu errei, desisti de uma bola que havia sido lançada na extrema esquerda achando que ela estava “morta”, mas, para meu azar, um jogador adversário conseguiu alcançá-la e cruzou para a área, ainda por cima, a bola passou entre mim e a trave, nesse momento eu gelei, olhei pra trás não vi ninguém de nenhum dos times, só a bola indo em direção à lateral, fiquei aliviado. Ao contrário das minhas expectativas, nenhum companheiro me criticou, pelo contrário, eles me incentivaram e a partir dali eu fiquei tranquilo, uma vez que eu confiava neles, e eles confiavam em mim. Esse jogo não foi muito movimentado, foi mais truncado, com poucos lances de perigo, no fim, em uma jogada rápida fizemos um gol e saímos classificados, com a apertada vitória, para a final.

Cerca de 30 minutos depois, ainda nervoso, entrávamos em quadra para disputar a decisão, o ouro nunca tinha estado tão perto. Foi um jogo difícil e emocionante, digno de uma final, ao contrário do outro, não foi tão truncado, com mais espaços, constantes jogadas ofensivas, o que justificou o empate em dois a dois no tempo regulamentar. Devido à igualdade no placar, o jogo foi para os pênaltis, três cobranças para cada lado e teríamos o campeão, a sorte estava lançada. Ficou definido que a nossa turma começaria batendo, tensão e expectativa tomavam conta do ar. Veio o apito, em seguida, o chute e o gol, estávamos na frente, assim, chegava a minha hora, estava surpreendentemen-

te calmo, mas muito focado, era eu e batedor inimigo, novamente, o apito soa, vem o chute, mas dessa vez o final foi diferente: eu defendi a cobrança e coloquei o time na vantagem. Por fim, veio a cobrança decisiva, se eu defendesse seríamos campeões, caso contrário, teriam mais cobranças. Felizmente, o campeonato se encerrou ali, consegui desviar a bola, que caprichosamente bateu na trave antes de sair e nos dar a vitória. Logo após a defesa, saímos comemorando muito, nossa força e união haviam superado os desafios, e nós conseguimos o tão desejado ouro.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me acompanharam no decorrer desse caminho, desde as mais antigas até as mais recentes, que compartilharam os bons e os maus momentos e cresceram, em todos os sentidos, comigo. Fica registrado aqui meu muito obrigado e meu desejo de que todos continuem sendo fantásticos, que realizem seus sonhos e tenham uma boa vida.

...se eu tirar algum NA  
no terceiro trimestre  
raspo a cabeça.

IAN GARBINATO DE FAGUNDES  
*Turma: 304*



# *Killepsia e o Anchieta*

**P**assei quatro anos na Argentina. Cheguei aqui totalmente perdido e vim fazer a prova para entrar no Anchieta. Meu Português era péssimo (até hoje é um pouco), lembro que escrevi “FIN” ao acabar a redação. De qualquer jeito, me aceitaram no colégio.

Sexta Série: Nos primeiros dias fui tímido, me enturmei aos poucos. Logo nos primeiros dias, meus novos colegas já me levaram no famoso matão (o matinho que fica atrás do campão). Para ser sincero, eu tive muito medo, e fiquei muito pouco tempo lá dentro. Imagine só: sujar a ficha nos primeiros dias de aula! Desses primeiros amigos, o único que está na minha turma do terceirão é o Marcelo Spier. Naquela época, eu já tocava guitarra, fiquei amigo do Luiz Gustavo, que também era músico. Certo dia, no recreio, ele me apresentou a Lourenço Valentini (atual baterista da minha banda), e nós conversamos durante esse recreio. Lembro que meu Português ainda sofria influências do espanhol. Eu tinha falado “vou tomar água no bebedero” e o Lourenço me corrigiu: “bebedouro”. Ainda no mesmo recreio, ele me convidou para uma banda e eu obviamente aceitei. Nesse ano, a banda nunca chegou a ensaiar de verdade. De qualquer jeito, o Lourenço rapidamente virou meu melhor amigo.

Minhas notas não tinham sido as melhores. No terceiro trimestre, passava um tempão no computador, então minha mãe ficava enchendo o saco. Eu achava que estava tudo sob controle, e precisava convencer minha mãe disso. Então lhe fiz uma promessa: “se eu tirar algum NA no terceiro trimestre raspo a cabeça”. Adivinhem só: eu tirei NA no terceiro trimestre. Raspei a cabeça.

Sétima Série: Troquei de turma para a do Lourenço. Nessa nova turma,

estava o baterista da nossa banda imaginária: Pedro Jacobus (o Lourenço era o pianista). Foi nesse ano que a banda migrou da imaginação para a realidade. Todos sabem que o Lourenço sempre foi multi-instrumentista, então ele comprou uma bateria acústica. Isso foi muito bom, porque finalmente teríamos como ensaiar de verdade. No primeiro ensaio, tocamos uma música de pop-rock “the reason” do Hoobastank. Eu e o Lourenço já tocávamos piano com guitarra juntos há muito tempo, mas desta vez, com bateria, foi muito diferente. Não sei descrever o sentimento de tocar em banda pela primeira vez, só sei que é ótimo. A banda era eu na guitarra, o Lourenço no piano, o Luiz na outra guitarra e o Pedro na bateria. Não levou nem dois ensaios para eu achar que ficaríamos famosos.

Estávamos caminhando ao lado do campo, indo para a educação física no ginásio e discutindo possíveis nomes para a banda. Na época, eu sempre sugeria que o nome fosse algo antidrogas como “drugs exterminator” (quanta ingenuidade) mas todos recusavam. Antes de chegarmos ao ginásio, o Daniel Asdorian (que nem era membro da banda) havia sugerido “Made of Fire”, nós aceitamos.

Foi nesse ano que tocamos no nosso primeiro FICA (FESTIVAL INTERNO DA CANÇÃO ANCHIETANA). Os integrantes da banda já haviam mudado, eu era o único guitarrista. O Lourenço já havia migrado do piano para o teclado, o Pedro ainda era o baterista e o “Buja” (Lucas Azambuja) também estava na banda. Mas qual era sua função? Nenhuma, na verdade ele era a carta Coringa da banda. Ele substituía quem faltasse o ensaio, tocava bateria e guitarra. Tínhamos uma música que se chamava “Hora da P\*\*\*\*” (nos baseamos em um vídeo idiota do “youtube”). Quando tinha um adulto por perto, mudávamos o nome da música e a letra para “Hora da Zorra” e foi com essa versão que abrimos o FICA. Essa música era muito divertida de tocar, Nós berrávamos “HORA DA ZORRA! HORA DA ZORRA! O QUE QUE É ISSO? ZORRA!”; houve um ensaio em que estendemos a música por dez minutos e ainda ficamos tocando isso de luz apagada sem nenhum motivo.

Como a ideia da música tinha sido do Buja, ele que tocava bateria nessa música, inclusive o apresentador do FICA disse “vou entrevistar o batera”, e o Buja respondeu “não sou batera”, o apresentador ficou meio perdido. Quando

acabamos essa música, O Pedro sentou na bateria e tocou as outras duas músicas, mas o que o Buja ficou fazendo? Ele usou um pandeiro improvisado inaudível e tentou fazer um backing vocal, mas isso acabou só nos atrapalhando porque o microfone dele estava muito alto e ele estava completamente desafinado cantando “aaa aaa” enquanto o Lourenço tentava cantar “They are somewhere”, que era uma música que ele tinha criado muito antes de ter uma banda. Depois disso tocamos “Random School Experience”, que era uma música mais agitada de Hard Rock, fala sobre não querer estudar, que eu tinha criado. Então o pessoal enlouqueceu conosco: Garotinhos da sétima série tocando Rock pesado e ainda músicas autorais.

Em questão de estudos, esse ano foi bem fácil para mim.

Oitava série: Nas férias entre a sétima e a oitava série, o Lourenço botou isolamento acústico em sua garagem e transferiu sua bateria para a mesma. Ele basicamente montou um estúdio particular, e isso foi muito bom para a banda porque antes ensaiávamos na sala de estar. Antes, tínhamos que esperar até os pais do Lourenço acordarem da sesta da tarde para podermos tocar, agora podíamos tocar a qualquer hora. As coisas da banda iam bem, mas não demorou muito tempo até o Buja pedir para sair da banda. Depois da saída do Buja, a banda ficou só com três membros e ainda faltava baixista, tanto o Pedro quanto Lourenço queriam trocar o nome da banda então decidimos que o novo nome seria “Pilepsia”, um trocadilho com nossas iniciais. Tocamos no Fica esse ano também, lembro que tinha jogo de futebol da Semana Anchieta no dia seguinte, e chegou um menino de outra turma falando “cara, tu tocou um solo ontem que eu não conseguiria nem depois de 10 anos treinando” e eu respondi “nem é tão difícil assim” e realmente não era tão difícil. Para falar a verdade, nessa época eu ainda tocava muito mal.

Primeiro Ano de Ensino Médio: Esse era o ano no qual todos faziam festa de quinze anos, era legal usar roupa formal e tal, mas as festas em si, eu achava uma porcaria. Lembro uma vez numa dessas festas, eu estava entediado me perguntando por que eu comparecia a esses eventos quando chegou um menino perguntando se eu era da banda Pilepsia. Antes de falar sobre o resto do ocorrido, devo mencionar que, no início desse ano, gravamos em casa um vídeo e áudio da música “Random School Experience”, aquela que falava sobre não querer estudar e tal. Mas essa música era muito infantil para alguém do primeiro ano do Ensino

Médio; para um garotinho da sétima série, ok, mas para um aluno de Ensino Médio não. Então, as opiniões sobre a música eram divergentes, mas a maior parte criticava ou fingia gostar da música com certa ironia.

O guri que me perguntou se eu era da Pilepsia tinha dito que gostou muito da música e tal (até hoje não sei se isso era sério ou não), então, eu aproveitei o prestígio para perguntar se eles (ele estava com uns amigos dele também) conheciam algum baixista, e pior é que conheciam mesmo, me passaram o número de um tal de “Kiev” (tive que pedir para repetirem o nome umas três vezes até eu entender). Falei com o Lourenço, ele já havia sido colega do Kiev no primário e disse que era gente boa. Próximo dia, ele ligou para nosso futuro baixista, fez suas propostas, e o Kiev aceitou. Desde então, fiquei amigo do Kiev e minha banda finalmente tinha baixista, até pensamos na possibilidade de mudar o nome para “Kilepsia” que soava melhor que o nome atual.

No dia mundial do Rock (13 de julho), o Lourenço tinha sido convidado para uma “noite” (uma noite é como uma pequena festa), na qual eu me autoconvidei e ainda levei minha guitarra comigo. O objetivo era reunir os anchietanos roqueiros. Nessa noite conheci uma galera nova. Amei aquela gente, finalmente uma galera que escutava o mesmo estilo de música que eu. Foi ali que minha vida mudou, agora eu tinha um grupo de amigos maior e com pessoas com as quais eu me identificava.

Nesse grupo de amigos estava a garota pela qual eu iria ter meu primeiro amor platônico. Depois daquela noite, tínhamos noites parecidas quase toda semana, e sempre levávamos instrumentos musicais. Foi no meio dessa galera que conheci o Vicente Telles, meu grande amigão. Não levou muitas noites para eu perceber que ele tocava, em termos de técnica, muito melhor do que eu, e que nós dois formávamos uma ótima dupla de guitarras. Fato aleatório: ele também morou na Argentina. Fiquei muito amigo dele e, ao mesmo tempo, sentia uma espécie de inveja porque ele era o melhor amigo da guria pela qual eu tinha me apaixonado. Mas com o tempo, eu soube deixar de lado esse sentimento ruim, pelo bem de nossa amizade. Ele queria entrar na nossa banda, mas nós tínhamos, em um primeiro momento, recusado. A primeira vez que ele se apresentou conosco foi no próprio dia do FICA, mas não foi no próprio FICA. Às vezes o Anchieta inventa umas coisas meio aleatórias, mas as intenções são boas. No mesmo dia tinha o “dia da família”, no qual nos

apresentamos, e o Kiev não podia ir tão cedo, então o Vicente tocou baixo para substituí-lo, mas na hora do FICA mesmo, quem tocou baixo foi o Kiev, e o Vicente foi um mero espectador. No final desse ano, o Vicente acabou entrando na banda como guitarrista, nossa dupla de guitarras estava formada.

Segundo Ano: Não éramos mais os palhaços do colégio, pois já tínhamos tirado o vídeo de Random School do ar. A nossa banda sofreu muitas mudanças. Eu e o Kiev preferíamos um Rock mais pesado, enquanto o Lourenço e o Pedro preferiam um som mais leve, com a entrada do Vicente, que também estava mais por dentro do Heavy Metal, nosso estilo estava mudando e algumas músicas autorais do Lourenço já não faziam sentido dentro de nosso estilo. Além disso, o Pedro nunca mais ensaiou com a gente. Então decidimos que o Lourenço seria nosso baterista e quem cuidaria de nossas melodias seríamos eu, o Vicente e o Kiev, e ainda mudamos o nome para Killepsia porque soava mais “Metal” que Pilepsia (Metal é um termo utilizado para encurtar o termo Heavy Metal). Então, eu tive a ideia de chamar o Arthur Royer como vocalista. Ele até chegou a se apresentar conosco num show em um barzinho, mas não deu muito certo. Como ele não poderia comparecer ao FICA, decidimos fazer um Setlist (lista de músicas) engraçado, abrimos com uma versão metal do hino Rio-Grandense, logo depois tocamos “Show dos Metaleiros” (Uma paródia de “Show das poderosas”), “Metal is the Law” que também é uma música de gozação, e ainda fechamos com a música que nos condena: “Random School Experience”. Fato aleatório: apareci sem camisa no Teatro de minha turma da **Semana Anchieta**.

Nesse ano, fiz intercâmbio no Canadá e lá, arranjei minha primeira namorada, mas não se preocupem, ela era gaúcha, e ela também estava de intercâmbio.

Terceiro Ano: nesse Ano, eu e o Vicente trocamos de Turma para a 304, talvez a turma mais musical da série. Essa turma tinha uma atitude diferente que a outra (atual 306). Lembro que na minha turma anterior, durante algumas aulas, principalmente de matemática, a turma era um inferno para os professores, alunos como Cristiano Moraes não paravam de contestar e fazer piadas sobre tudo que os professores falavam, a turma era muito divertida, mas ao mesmo tempo, a atenção prestada nas aulas era quase zero. Na 304, fora certas

exceções, o pessoal era mais calmo, mas gosto dessa turma também.

Estou escrevendo isso no dia 9/11/2014 então, faz só uma semana, mas o FICA de 2014 foi uma loucura. Minha banda agitou completamente o pessoal. Claro que muitos amigos compareceram ao show, e a energia deles contagiou todo mundo, mas foi muito louco. Muitos já conheciam nossas músicas porque nesse ano, gravamos nosso primeiro disco. Então, uma parte do público sabia até as letras de nossas músicas. Eu tive a ideia de começar o show tocando uma introdução de teclado enquanto todos os membros da banda ficariam virados de costas ao público e, quando acabei, mostrei o rosto e estava usando um tapa-olho, aí tocamos “Attack of the Pirates” e o pessoal já fez roda punk na primeira música. Para falar a verdade, o pessoal fez roda punk durante todo o nosso show do FICA. Todo mundo ficou quieto nos outros show desse FICA. Qual seria o resultado disso? Punição por causar comportamento agressivo? NÃO! O resultado foi ganharmos primeiro lugar no FICA; depois de cinco FICAs em que toquei, foi esta a primeira vez em que ganhei algum prêmio.

Quero mandar agradecimentos a todas as pessoas direta ou indiretamente mencionadas neste texto; a meus pais por terem contratado um professor de guitarra ainda quando eu tinha 9 anos; e a todas as pessoas que conheço por fazerem parte da minha vida!

Texto por: Ian Garbinato de Fagundes.

Long live Killepsia



Os momentos de alegria,  
diversão e união que  
passamos no colégio são  
preciosos, nunca vou me  
esquecer das risadas, dos  
amores, das histórias...

ISABELLE CAON

*Turma: 303*



# Memórias para a vida toda

**M**uitos adultos afirmam que a melhor época da vida é a que se passa na escola, e agora, quando eu percebo que esse período está acabando, posso ver o quanto eles estão certos. Os momentos de alegria, diversão e união que passamos no colégio são preciosos, nunca vou me esquecer das risadas, dos amores, das histórias, dos professores e principalmente das amizades formadas.

Vim de uma escola pequena e, quando entrei no Anchieta na quinta série, lembro que achava aterrorizantes os corredores gigantes, a sala de aula com classes individuais e ter vários professores, além da quantidade de alunos. Tudo era muito novo, mas conforme o tempo passava novas amizades iam surgindo, fazendo com que eu lidasse melhor com essa mudança.

Houve alguns desentendimentos, brigas e momentos em que eu pensava em sair do Colégio, mas esse sentimento que me “gruda” ao Anchieta não é fácil de apagar e, felizmente, resolvi ficar. Foi a melhor decisão que eu podia ter tomado, pois após isso se seguiram os melhores três anos da minha vida, o Ensino Médio.

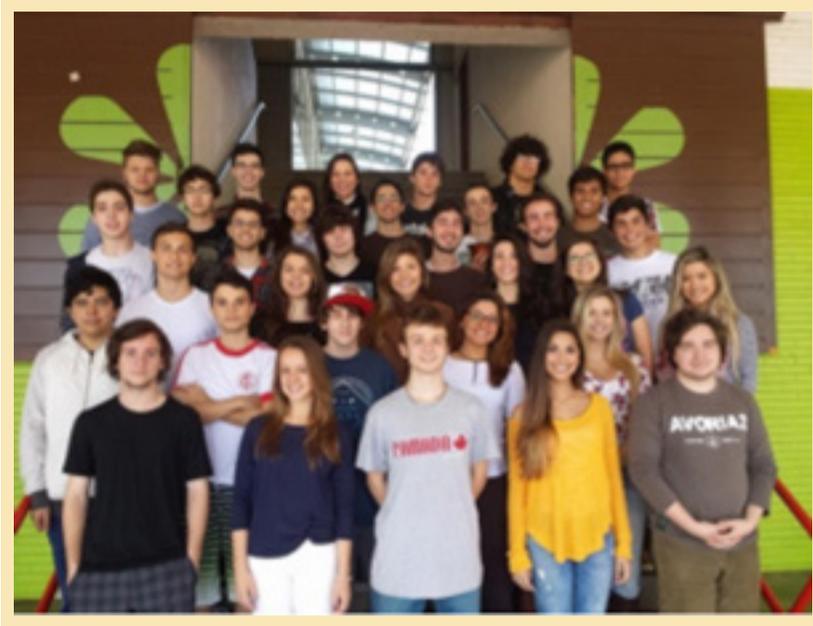
Ao entrar no primeiro ano, me lembro bem das perguntas inquietantes: será que eu vou entender física? Como deve ser a química? Era uma bagunça de pensamentos e dúvidas, novidades surgindo o tempo todo. Também não há como esquecer as aulas de matemática, onde ríamos o tempo todo, as provas de química, o turno inverso e a turma 104, que eu passei a amar cada vez mais conforme o tempo passava.

Quando recebi a notícia de que tinham separado a 104 em várias turmas, lembro o estado de choque em que fiquei. Pensei que era o fim de uma turma de que tinha finalmente começado a gostar, pois ia entrar na 203, com várias pessoas que não conhecia. Mas foram justamente eles que se tornaram minha segunda família, de maneira inesperada. Bastou o primeiro churrasco de turma para que se formasse um sentimento forte de união e amor pela 3, cada um do seu jeito. Não tenho palavras para descrever o quanto adoro essa turma. Foi a primeira vez que me senti enturmada, amiga de todos e feliz por fazer parte de tudo isso na minha vida anchietana e só tenho a agradecer por isso. Cada um deles, até os que entraram esse ano ou que saíram vão ficar para sempre na minha memória, pois todos, do seu jeito, representam o que a 3 é hoje: uma turma louca, diferente e assim mesmo unida.

Por último, mas não menos importante, minhas melhores amigas, o maior presente que o Colégio, sem saber, me deu. É impossível numerar quantas vezes elas me ajudaram nos momentos difíceis, me ouviram reclamar da vida, foram honestas comigo e souberam lidar com meu mau humor no dia a dia. Isso vai ser o que eu vou mais sentir falta diariamente, pois mesmo que não percamos a amizade, essa convivência diária é única.

Agora, faltam apenas algumas semanas para acabarem as aulas, já nos encontramos na reta final de uma etapa longa, cansativa e ao mesmo tempo divertida, inesquecível e desafiadora. No Anchieta, viajei para São Paulo e Rio Grande, explorei a Vila Oliva e o Matão, cuidei de uma planária nas aulas de biologia, ri das piadas mais sem graça, ganhei medalhas na Semana Anchieta, fiz um roteiro de teatro, fui para o Morro do Sabiá, participei da Feira de Ciências e muitas outras coisas memoráveis, mas preciso dar adeus a tudo isso maravilhoso que vivi, já que tudo na vida tem um começo e um fim, por mais que não queiramos.

Saio do Colégio triste, pois vou sentir falta de tudo e todos, mas feliz e agradecida pelas memórias que vou guardar para sempre.



Era, de fato, um ambiente  
hostil e uma situação mais  
alucinante que qualquer  
outra pela qual eu já havia  
passado no Anchieta.

JOÃO MARCELO FANTIN LERINA  
*Turma: 303*



# Novembro

**É** feito anualmente um procedimento padrão que visa a reduzir o número de turmas, de sete para seis, entre o Primeiro e Segundo Ano do Ensino Médio: a carinhosamente apelidada “Explosão de turmas”. Como um dos que sentiram isso na pele, posso dizer que, ainda que eu não tivesse muitas divergências com meus antigos colegas, foi uma das melhores coisas que já me ocorreram (e que provavelmente se tornou uma experiência positiva para eles, também).

Acho que o desmantelamento da turma 103 de 2012 ficou muito subentendido! Tínhamos personalidade forte... Creio eu que uma janela estilhaçada em briga, ventilador e lixeira quebrados e desentendimentos consideravelmente frequentes, dentre outros motivos, não apresentam argumentos suficientes para a separação do grupo (ironia minha; é claro que apresentam). Entretanto, algo que digo, de coração, é: os oito anos passados na turma (Primeiro do Fundamental a Primeiro do Médio) fizeram com que eu construísse o meu caráter, que viria a ser solidificado nos anos seguintes.

Depois das férias, a entrada no Segundo Ano foi como decolar e não ter certeza de local de pouso: estávamos “exilados” e impossibilitados de, imediatamente, chamar nossas novas turmas de “lar”. Preferir antigos colegas a outros, no caso de requerimento de troca, era uma decisão potencialmente difícil para aqueles como eu, que sempre tentaram agradar a todos.

A minha entrada na turma 203, pela terceira semana de aula, foi “fora do padrão”. Deparei com transferidos, repetentes, um barbudo satânico (que, por

sinal, se tornou um grande amigo meu), camaradas de longa data, um imigrante, interioranos e mais da metade com cromossomos sobrando ou faltando. Era, de fato, um ambiente hostil e uma situação mais alucinante que qualquer outra pela qual eu já havia passado no Anchieta. Só posso dizer que fui bem recebido e que tornei a apreciar nossa relação rapidamente. O argumento de que eu não deveria efetuar troca para uma turma de, em maior parte, desconhecidos, não se sustentou. Por mais dramático que soe, neles eu encontrei redenção.

Muita coisa aconteceu desde então. “Churrascadas” a qualquer hora, danças aleatórias durante a aula, imbecilidades, festas surpresa nos recreios, milhares de frases de efeito criadas, piadas inconvenientes, piadas inconvenientes e agressivas, conspirações illuminati, o teatro e o musical, almoços de turno inverso, com direito a “matar” períodos da tarde para permanecer no rodízio da Oca (crianças, não façam isso), e ataques de riso imensuráveis. Se fosse possível permutar risadas por anos de vida, acho que eu ganharia uns 125. Vale ressaltar que o Terceiro Ano é como um teste da nossa paciência: há um conflito psicológico em torno de conceitos avaliativos, mudança de atitudes, atividades extracurriculares, responsabilidades e escolha profissional.

Perto do meu desfecho enquanto anchietano, só tenho a me orgulhar da turma que foi se moldando rumo aos céus, mantendo o respeito pela diversidade do grupo como o nosso principal pilar. Com eles, aprendi que novidades estão aí para serem exploradas e que, casualmente, a vida nos exige que mudemos nossos planos e saibamos gerenciá-la com os instrumentos que temos em mãos. Levo comigo os ensinamentos além-aula dos professores, as amizades, a lembrança das viagens turísticas, das aulas práticas e da Semana Anchieta, os NAs, as angústias, as alegrias. Memórias, essas, que torço para que não se percam como lágrimas na chuva.



...todo dia era uma diversão,  
e não tínhamos nada com o  
que nos preocupar, além do  
que faríamos no recreio.

JOÃO VITOR SEQUEIRA DE CAMPOS MORAIS  
*Turma: 304*



# Memórias Anchietanas

**C**om certeza já vivi muitos momentos inesquecíveis no Colégio Anchieta e tenho certeza de que todos anchietanos também se lembram de algum momento marcante. Entretanto, umas das lembranças que mais me deixa saudades é a época da 4ª série, particularmente por causa da turma 49. Para mim, foi uma das melhores turmas em que já estive. Foi lá que conheci alguns dos meus grandes amigos que mantenho até hoje. Além disso, todo dia era uma diversão, e não tínhamos nada com o que nos preocupar, além do que faríamos no recreio. São épocas como essa que me deixam saudades, mas pretendo vivê-las novamente algum dia, guardando na lembrança boas memórias do que passamos juntos.

Como esquecer a adrenalina  
de entrar escondida no  
matão? Ou ainda, como  
esquecer a felicidade  
quando chegava o "dia  
do brinquedo"...

JÚLIA STRACK  
*Turma: 306*



# Memórias Anchietanas

**É** difícil tentar escolher uma história ou lembrança do colégio para contar. Sendo aluna desde os 4 anos, não exagero em dizer que grande parte das minhas memórias até agora foram construídas no Anchieta. Como esquecer as brincadeiras de “mamãe e filhinho” na casa de boneca das salas do nível A e B, os machucados fingidos para ir tomar um chazinho na enfermaria, as idas ao **Morro do Sabiá** ou o medo imensurável que eu sentia quando alguém falava do Maba? Como esquecer a adrenalina de entrar escondida no matão? Ou ainda, como esquecer a felicidade quando chegava o “dia do brinquedo”, o pátio livre, ou, mais tarde, a tão esperada **Semana Anchietana**?

Os anos passaram, e, junto com eles, as responsabilidades aumentaram e os laços de amizade foram se tornando cada vez mais sólidos. Muitas pessoas entraram e saíram até que se formasse a turma que somos hoje, mas a 6 (ou, como sempre a chamaremos, a 7) sempre foi uma turma diferente. Uma turma meio abobada, meio imatura, meio (muito) sentimental, mas, acima de tudo, uma turma que valoriza o laço que foi criado ao longo de todos esses anos. Uma turma que me cativa todos os dias com o seu bom-humor, que me faz aprender e crescer com as diferenças e que me faz entender o verdadeiro significado de carinho e amizade.

Hoje, ao pensar que o ano vai acabar e que eu não retornarei para essa rotina tão conhecida depois das férias, só consigo sentir um aperto no coração e um desejo enorme de viver tudo de novo. Mas como sei que não é possível, deixo o meu muito obrigada e o meu desejo de sorte a cada um dos que fizeram parte dessa jornada.



tive que fazer o "Harrypeixe"  
sozinha em casa, pois  
todos os meus colegas  
desistiram na última hora  
– mas não me importei...

LARISSA SCHOMMER CAMPELLO  
*Turma: 302*



# Memórias Anchiitanas

**M**eus 13 anos de estudos no Colégio Anchieta desde o nível A até o terceiro foram marcados com diversas histórias. Passei por duas turmas ao longo da minha trajetória uma do A até a 4ª série, e outra da 5ª ao terceiro.

A minha memória mais antiga é de quando ainda estava no jardim. Nesse episódio eu fui andar de balanço, mas, ao me sentar, caí para trás e bati de cabeça no chão; só me lembro de estar na enfermaria com um galo enorme na cabeça. Uma coisa de que me lembro muito bem é das minhas professoras (menos a da segunda série).

- Níveis A e B → Professora Claudinha
- 1ª série (turma 10B) → Professora Patrícia
- 2ª série (turma 20B)
- 3ª série (turma 32) → Professora Márcia
- 4ª série (turma 43) → Professora Patrícia (novamente)

As professoras que mais me marcaram foram a do nível A e B, Claudinha, pois, apesar de suas dificuldades por ter uma das mãos viradas para o lado fora, conseguia atender a todos com muito carinho. Outra professora que ficou na minha memória foi a Pati (Patrícia), uma vez que fora minha professora duas vezes, mas, infelizmente, após a minha quarta série ninguém mais poderia tê-la como professora, pois ela se mudara para São Paulo. Na 3ª série tive uma professora da qual ninguém da minha turma se esquece, porque ela passava quase toda a aula cantando, e tinha tirinhas do Smilinguido. Além dessas, tem a Beth, professora de música, e a Rosária, professora de LAP e LAM.

Tenho muitas lembranças do famoso prédio dos pequenos, como a biblioteca, a ludoteca, a sala de informática (com os seus computadores que tinha capinhas de bichinhos), a sala de matemática (com o inesquecível material dourado). Porém na quarta série, Henrique, um dos meus colegas teve que se mudar para Curitiba.

Quando troquei de turma e fui para o **prédio central**, começam minhas memórias de que tenho mais detalhes, como as das semanas anchietanas. Em uma delas tive que fazer o “Harrypeixe” sozinha em casa, pois todos os meus colegas desistiram na última hora – mas não me importei, pois adoro fazer trabalhos manuais. Outra **Semana Anchieta** que me marcou foi a do 2º ano, em que tivemos que fazer um teatro e ganhamos seis prêmios, incluindo o de melhor peça. Na Semana Anchieta do ano seguinte, tivemos que fazer um musical, e foi quando ganhamos mais cinco prêmios, incluindo novamente o tão desejado prêmio de melhor musical. Ainda me lembrando dessas semanas do colégio, não posso deixar de falar do tetra campeonato do **futebol feminino**.

Outra coisa da qual não me esquecerei é dos passeios: para Quinta da Estância, para as Missões, para São Paulo e o **Morro do Sabiá**, com suas trilhas e vista pro Guaíba. E é por esses e muitos outros motivos que eu nunca me esquecerei das amizades que fiz (ainda que no último ano) e do tempo que passei no Anchieta.



Foi uma fase incrível e memorável. Conheci pessoas únicas e espetaculares, com talentos bárbaros e muito coleguismo.

LAURA MATTE DOERING  
*Turma: 302*



# Minha segunda família

**M**emórias representam a magnitude da vida. Fazer este texto é dar um passo para trás e relembrar os melhores momentos que eu já passei. O Anchieta foi, sem dúvida, mais do que uma instituição de ensino. São tantos bons momentos e nostalgia que não há como constar todos aqui. Como boa dançarina do **Show Musical Anchieta Canto e Dança**, eu decidi escrever justamente sobre isso: o Show.

Passei os melhores anos da minha vida escolar nesse grupo de dança; entrei na terceira série e só saí, com muita tristeza, no final do primeiro ano. Nunca vou me esquecer do teste que tive que fazer para finalmente entrar no grupo. Mais de 50 alunos e alunas cobiçavam as poucas vagas que eram disponíveis. Todos se encontravam na sala de ensaio (local que seria minha futura segunda casa). Eu estava muito nervosa e admito que nunca havia tido contato com nenhuma forma de dança. Pronto. Eu sinceramente não sabia o que eu estava fazendo lá, pois eu nunca fora de dançar e, muito menos, dentro do ritmo.

Foi aí que eu conheci a minha futura coreógrafa. Lá estava ela, como de costume, sentada na sua cadeirinha de madeira com uma colher de pau, demarcando o ritmo. Aquilo me dava medo. Percebi que ela batia sempre a colher na cadeira, já que o pobre assento estava desgastado. Por ironia do destino ou não, a tia Nilva (como todos a chamavam) perguntou meu nome e eu, sem hesitar, respondi baixinho: Laura. Não era o suficiente. Além de ela não ouvir a minha resposta, todos que estavam na sala pararam para me ouvir (acredito que tinham medo de que ela gritasse com alguém). Dessa vez eu gritei: Laura Matte Doering! Felizmente

abriu-se um sorriso de sua face e, prontamente, ouvi outra pergunta: Conhece a Martha Matte, a Adriana Matte, a Vera Matte, a Haydée Matte e o Carlos Matte? Rapidamente respondi: minha mãe, minha tia, minha dinda, minha vó e meu tio. Depois disso não tive que fazer muito esforço, pois eu era a última geração dos Matte no Anchieta. Fui aprovada em meio a aplausos e alguns choros dos alunos que não tiveram a mesma sorte que eu. Nunca imaginaria que a partir daquela aprovação minha vida mudaria radicalmente para melhor.

Minha primeira apresentação foi no colégio. Eu dançava somente uma dança já que eu era bem descoordenada. Como se pôde perceber, minha família inteira já havia participado do Show, por isso, eles não perderiam a chance de rever uma apresentação por nada. Minha dinda era claramente a mais orgulhosa. Ela gritava meu nome freneticamente e até me deixava com certa vergonha. Minha primeira dança eu jamais esquecerei: Bilu Teteia. Era a representação de um bando de bebês se divertindo com uma babá. Os passos eram extremamente fáceis e a música até era um tanto quanto repetitiva, mas eu gostava. Ao final do espetáculo eu recebi alguns presentes e saí para jantar. Aquilo representou o início da minha vida como integrante do Show.

Com o grupo eu viajei para diversos lugares do RS, de SC e PR. sempre levando alegria e cultura com muito carinho e satisfação. Também fui para o Rio de Janeiro e para a primeira e única viagem do Show para a Europa! Isso mesmo! Europa! Fomos a Roma e Lisboa, entre outras cidades. Lembro-me da curiosidade dos meus colegas quando, no meio da aula, eu recebia as circulares avisando dos ensaios gerais e das apresentações. Foi uma fase incrível e memorável. Conheci pessoas únicas e espetaculares, com talentos bárbaros e muito coleguismo. Minhas amizades mais especiais provêm do Show e eu sou eternamente grata pela oportunidade que tive.

A tia Nilva se tornou quase uma mãe para mim, principalmente porque ela chamava a minha atenção e me cobrava até mais que a minha mãe biológica. Aprendi a dançar (no ritmo) e a dar valor ao que eu tenho. Em muitas das viagens eu era acolhida por famílias simples, que nos ofereciam até o que não tinham. Era uma verdadeira troca de experiências muito positiva. O show se tornou uma família para mim, e foi muito difícil conviver sem a loucura dos ensaios e apresentações nos fins de semana.

Não há nenhum outro colégio que proporcione algo parecido com isso. O mais triste é entrar na sala de ensaio e lembrar que esse sonho acabou, olhar o espelho na frente da cadeira da tia Nilva, a colher de pau, as barras no fundo, os armários que antes guardavam fantasias legendárias, e ver as novas dançarinas. Saber que agora todos aqueles momentos maravilhosos não passam de meras lembranças; no entanto, são as lembranças mais extraordinárias que um ser humano pode ter. Após esses 7 anos, eu me convenci de uma coisa: não tenho somente uma família.



Cada parte desse colégio  
me desperta inúmeras  
lembranças e emoções,  
desde o nível A, em que  
a escola resumia-se a  
brincar no pátio...

LETÍCIA VALIENTE KRAMPE

*Turma:*



# Memórias Anchietanas

**É** muito estranho pensar que, depois deste verão, o ano letivo que me aguarda não será mais no Anchieta, já que essa tem sido minha segunda casa nos últimos 13 anos. O aprendizado que tive aqui é imensurável. Cada parte desse colégio me desperta inúmeras lembranças e emoções, desde o nível A, em que a escola resumia-se a brincar no pátio e desenhar; até o terceirão, quando percebemos que nossas responsabilidades já não são mais as mesmas de quando aqui ingressamos, estando diante de uma exigência muito maior, devido à necessidade de administrado cursinho e colégio, sem abdicarmos da vida social. Os passeios ao **Morro do Sabiá** e à **Vila Oliva** também representaram momentos marcantes em minha infância, dos quais lembro com alegria.

Tendo entrado no Anchieta com 4 anos, foram-me proporcionadas inúmeras experiências inéditas, e a partir de então conheci pessoas que viriam a se tornar meus melhores amigos de infância. Alguns desses constituem agora apenas parte de minha memória, outros me acompanham até hoje por essa jornada. Há ainda as amizades que cultivei no final dessa etapa, quando mudei de turma e me aproximei de pessoas sensacionais, as quais rapidamente conquistaram um lugar muito especial em minha vida e já se tornaram imprescindíveis nela. Só tenho a agradecer a forma como fui acolhida pela “turma mais afetiva”. É incrível como se podem formar amizades tão intensas em apenas dois anos. São essas pessoas que fizeram com que esse ciclo que se encerra tenha sido tão maravilhoso. Tendo-as ao meu lado a cada dia, me foram proporcionadas muitas risadas, momentos de cumplicidade, além de amadurecimento pessoal.

Esses amigos, entretanto, são os mesmos responsáveis por dificultar esse momento de despedida. Enquanto alguns comemoram o término de sua vida escolar, eu encerro esse ciclo com lágrimas nos olhos e com todos no coração. Os laços aqui plantados espero colher por toda vida; porém, acreditar que não haverá distanciamento seria criar uma ilusão. Espero que haja muitos reencontros, mas nosso prazo como turma, infelizmente, está se encerrando. Por mais que deseje viver tudo de novo, agora o que me resta são memórias, as quais são, com certeza, as melhores possíveis.

Neste momento novas portas se abrem e eu sigo com a esperança de ter um futuro tão brilhante quanto meu passado e com a satisfação de olhar pra trás de forma nostálgica; afinal, só sentimos falta das coisas boas, sendo esse o maior indício de que tudo valeu a pena.

Enquanto não ouvia meu nome, ia ficando apreensivo, cada vez mais. Seria uma quase tragédia para todos trocar de turma...

LORENZO CASAGRANDE REGGIANI  
*Turma: 302*

Desde cedo, os alunos do Anchieta aprendem a plantar e colher. Com diversas espécies de hortaliças, essa área é preparada, semeada e cultivada pelos próprios estudantes, que aprendem na prática a entender, aproveitar e respeitar os ciclos da terra.



01. Estação Coleta Seletiva
02. Estação Museu
03. Estação Horta
04. Estação Compostagem
05. Estação Energia Fotovoltaica
06. Estação Trilha na Mata
07. Estação Cactário
08. Estação das Epífitas
09. Estação Viveiro de Plantas
10. Estação Bicletário

# Como assim?

**A**quele dia no ano de 2007, início de março, foi no mínimo diferente no auditório (que não mudou nada desde que eu havia entrado no Anchieta, quatro anos antes). Era retorno às aulas, todos juntos, esperando, acompanhados dos pais, a chamada das turmas para organizá-las para o período letivo, que seria o primeiro e único no prédio novo, ao lado da antiga horta. E começaram a falar: “Turma 41: fulano-de-tal” – não conheço... aluno novo decerto – “Sicrano” - que coisa! Bastante gente entrando. Vários outros iam sendo chamados.

Enquanto não ouvia meu nome, ia ficando apreensivo, cada vez mais. Seria uma quase tragédia para todos trocar de turma, sair daquela que viria a ser a “grande 2”, marcada pela união e pelo companheirismo. Pois não sabia na época que entrariam mais de quinze outros importantes componentes que viriam a fortalecer e a diversificar ainda mais a turma até o Terceiro Ano, último de nossa história no colégio.

E a chamada continuava, nada: “Beltrano” – mas eram muitos alunos novos para ser verdade! Felizmente, descobrimos logo que só haviam nos mudado de número (da 31 para a 42), todos nossos nomes foram chamados (e alguns novos). Um alívio não nos terem separado... nem naquele dia, nem nunca.



Foi parar num Colégio cujo  
nome homenageia um  
revolucionário jesuíta, o Zé.  
O que, não conhece o Zé?  
O tal do Zé de Anchieta!

LOURENÇO VALENTINI  
*Turma: 306*



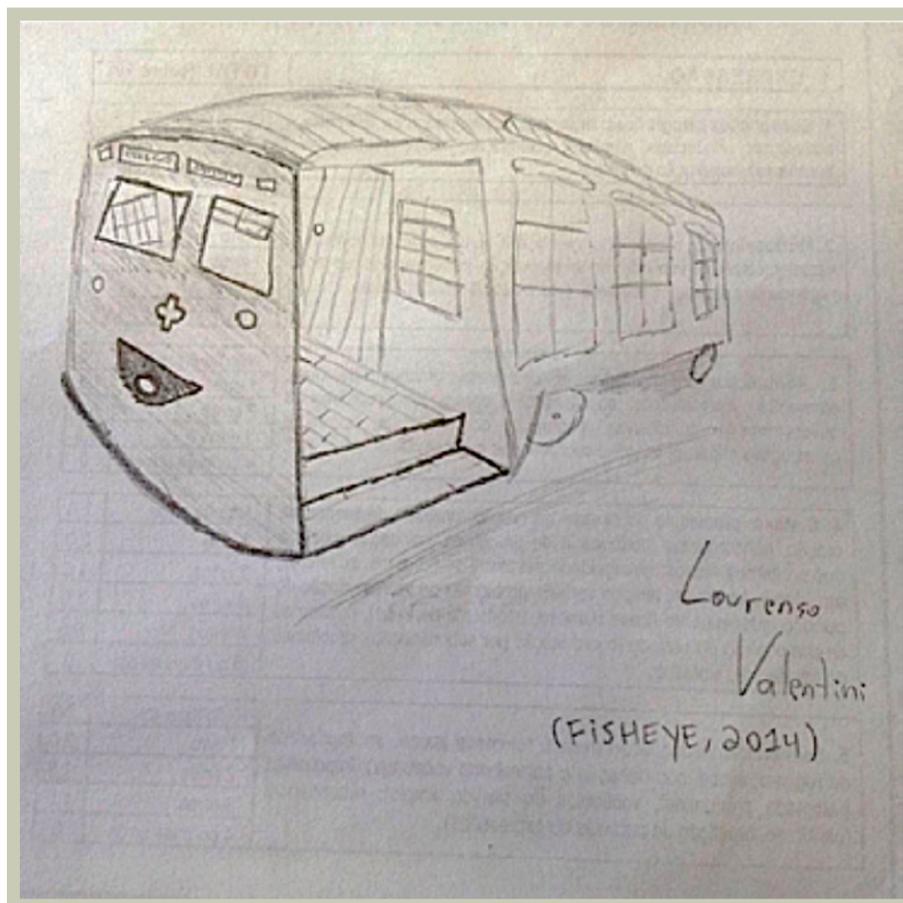
# Transporte Elétrica

**D**izem que era boa a época dos bondes elétricos. Elétricos, pois eram movidos assim. Boa, não sei por quê. Mas a ideia de tomar um café com um bom pão francês (se essa redação me permitisse o uso de palavras chulas, usaria o termo popular: “cacetinho”) e então sair a passear pelo centro da cidade, à lisboeta, me agradaria muito. Fazer turismo na própria cidade, ver além dos cinzas prédio e dos pretos carros, a bordo de um elegante bonde amarelo. O contraste é tanto que especialistas dizem que causa uma descarga elétrica responsável pelo arrepio do pelo (e, possivelmente, do próprio movimento do solitário vagão).

Após muitos anos de trabalho ajudando no funcionamento da cidade, transportando gente como a gente e até criando expressões (“subiu no bonde andando e quer sentar na janela”), foi aposentado o velho vagão. Os motivos não sei e desconheço também essa parte de sua história, mas conheço a continuidade dela – e não o fim. Foi parar num Colégio cujo nome homenageia um revolucionário jesuíta, o Zé. O que, não conhece o Zé? O tal do Zé de Anchieta!

Conforme já dito, não conheço as nuances e percalços dessa transição, mas imagino que possa ter gerado certa incomodação. “Essa lata tem de ser reciclada!” e “só vocês querem esse pedaço velho de lixo!” são algumas das frases que imagino. Mas o Colégio foi firme e mantém até hoje essa relíquia em seu domínio (vale ressaltar que só há mais um **bonde** conservado em Porto Alegre). Hoje, apesar de estático em termos físicos, é cheio de movi-

mento: “ferrolho” e ponto de partida de várias brincadeiras infantis, ponto de encontro, formador indireto de amizades e talvez até de amores, ponto de reciclagem (já foram instaladas lixeiras em seu interior para ajudar na conscientização dos alunos), sede de conversas. E continua transportando pessoas, levando-as a imaginar sua época de ouro, sem deixar de viver o presente.



Tenho orgulho de dizer que sou anchietana e sei que fiz a escolha certa ao escolher o Anchieta como o meu colégio!

LUCIANA CHAVES PICCOLI  
*Turma: 306*



# O sonho de ser anchietana!

**E**u tinha 3 ou 4 anos quando ia buscar meu primo no jardim do Colégio Anchieta com minha vó e minha mãe. Quando passávamos na frente do colégio, eu tinha uma vontade imensa de ser anchietana como meu primo, meus tios e minha mãe. Quando meus pais me perguntavam se eu gostaria de conhecer outras escolas, eu respondia com convicção que não, pois queria estudar no Colégio Anchieta. Sempre fui decidida, e este era o meu grande sonho de menina.

Em 2002, esse sonho passou a se tornar realidade. Desde então, o Anchieta me proporcionou muitos momentos marcantes, como as idas para o Morro do Sabiá, a caça ao Maba e a brincadeira de assalto na Vila Oliva, as festas de São João, a minha primeira comunhão, os passeios e viagens, as aulas de música da Beti e, principalmente, as semanas anchietanas. Não só para mim, mas acredito que para todo o anchietano, essa é a melhor semana do ano, desde a confecção da camiseta de turma, até a competição saudável para conquistar as medalhas de ouro do futebol e do vôlei. Entretanto, esses momentos não seriam tão significativos se não tivesse a companhia de amigos que fiz no colégio e que levaria para a vida toda.

Depois de 13 anos estudando no Anchieta e realizando o meu sonho de criança, chegou o momento da despedida. Um capítulo de nossas vidas está chegando ao fim. A partir de agora, cada um seguirá um caminho diferente e tomará suas próprias decisões. Não nos veremos diariamente e nem seremos

acolhidos pelo mesmo grupo de professores no primeiro dia de aula. Muita coisa mudará em nossas vidas; contudo, as amizade que construímos e as lembranças ficarão para sempre guardadas em nossos corações. Tenho orgulho de dizer que sou anchietana e sei que fiz a escolha certa ao escolher o Anchieta como o meu colégio!

Sou muito grata a todos que fizeram parte dessa minha jornada, o **Anchieta sempre fará parte da minha história.**



Depois do desenvolvimento psicológico que estava "sofrendo", agora era o momento de "interagir" mais com as pessoas...

LUIZ DE MARTINO COSTA  
*Turma: 303*



# Anos Dourados (de Luiz e não de Tom)

**E**m 2014, os alunos do terceiro ano do Colégio Anchieta completam um ciclo de suas vidas, eles terminam o Ensino Médio, o período em que todos se tornam seres mais “sapietes” e maduros. Entre esses alunos, cá estou eu, Luiz. Eu entrei no colégio no primeiro ano do Ensino Médio, na turma 103 (que depois seria 203 e 303). E foi durante todo esse ciclo que fui me tornando a pessoa que sou hoje (para melhor ou para pior). Agora vou contar um pouco sobre os meus dias no colégio.

De uma forma geral, todo dia era um pouco diferente (para não dizer imprevisível), cada um tinha seus próprios temas, conversas, matérias e piadas. Às vezes eram assuntos alegres, como o jogo que lançou ou o filme que “bombou”, porém, às vezes, eram sérios e tristes, como aposto que será parte do último de aula. Além de toda essa conversa e interação social, também tínhamos aulas (ou eu não estaria em um colégio). Toda a aula era um pouco diferente uma da outra em relação à matéria, à abordagem e também o comentário que tínhamos com os professores sobre assuntos que estavam nos jornais, na internet e na TV faziam com que cada aula fosse especial.

Os meus primeiros dias no Anchieta não foram muito fáceis: eu era (e sou) muito tímido, então não conseguia falar com ninguém, entretanto encontrei um grupo de amigos que me ajudaram bastante, e que ainda continuamos juntos. Além disso, eu tive um choque de culturas (algo parecido com os termos de estabelecidos e outsiders de Sociologia), que agora não sinto mais (estou fazendo parte do grupo, algo que nem todo outsider consegue).

Depois de um “dramático” início, comecei a minha jornada no Anchieta, em que a coisa que me incomodava era acordar às cinco e meia da manhã, pois eu morava em Canoas, e o transporte passava cedo (algo que parece bem fútil, porém é muito estressante dormir pouco). Logo começaram as provas e comecei a me destacar um pouco, participei de olimpíadas (só obtive bons resultados em uma de química, então nem tente procurar por meu nome na seção de troféus, se houver alguma), e também ajudei vários colegas a estudar (prática que ainda tento fazer). E tudo isso só no primeiro ano.

No segundo ano, meus maiores desenvolvimentos foram pessoais (como dizem, estava amadurecendo). Comecei a falar com pessoas diferentes com as quais eu normalmente não falaria e fui atravessando, aos poucos, os limites que eu impusera para mim mesmo no passado (não pensem errado, me refiro à questão de valores e gostos, nada de bebidas e coisas do gênero). Houve uma mudança brusca na minha personalidade de um ano para outro, assim como a minha maneira de ver o mundo. Nesse ano eu também entrei e participei da **miniempresa “Écone”**, que criou um novo recorde de rentabilidade desde a nova regulamentação do projeto miniempresa (penso que tenha sido em 1998).

Porém, outra grande mudança ocorreu de fato no terceiro ano, que eu penso ter sido o período em que mais cresci em todos os aspectos que eu consiga imaginar. Depois do desenvolvimento psicológico que estava “sofrendo”, agora era o momento de “interagir” mais com as pessoas (algo parecido com a chamada quarta fase da vida, segundo o psicanalista Ericsson). Comecei a ter interesse em várias outras áreas durante o ano (tive muito interesse em Medicina e Música, porém o que pretendo e quero é estudar Engenharia Aeroespacial).

Depois dessa pequena introdução sobre a minha rotina e um pouco da vida no colégio, estava pensando em deixar alguma história para vocês (espero que gostem, senão é culpa de vocês porque ela é bem engraçada e, digamos, trágica):

Eu estava, no último trimestre do terceiro ano (“o melhor ano”), envolvido com o **Projeto Natureza** (caso tenha no ano em que você esteja, participe), que funcionava como um clube de ciências para os alunos que quisessem participar de todo o Ensino Médio. Era um dos regulares encontros semanais do projeto (que aconteciam em todas as segundas) e lá estava eu esperançoso para o que seria a aula daquele dia. A matéria do dia era Física, e o

tema sobre como fazer medições em rodas (inocentemente eu achei uma boa ideia; porém isso não se mostrou de fato).

Experimentamos várias rodas diferentes e medimos as velocidades e o deslocamento delas com alguns aparelhos, até que chegou o professor com uma rodinha de 30 cm (uma pequena e lisa rodinha). Ele disse que esse pequeno círculo que possuía só circunferência seria o nosso próximo experimento. O grupo foi dividido em duplas e cada um ganhou uma rodinha e um pedaço de metal que se assemelhava com um alicerce de construção. O objetivo de todo esse drama era que iríamos fazer aquela brincadeira antiga de pneu, em que uma pessoa tenta fazer o pneu girar utilizando o metal para fazê-lo rolar (inicialmente acreditei que seria algo fácil. Como eu pude estar tão enganado).

Descemos até o Campão, onde iríamos fazer o trabalho. Foi horrível, eu não conseguia fazer a rodinha girar (e ninguém conseguia também). E esse não era o problema, que na verdade era ter que estar nessa situação na frente de um monte de alunos de várias turmas que estavam passando por nós (até vi alguns amigos meus). Eu e minha dupla fomos os últimos a pegar o jeito na brincadeira (o pior era que nós éramos os mais velhos de lá). Quando terminamos de dar a volta de pneu no Campão, nós notamos que tínhamos nos esquecido de medir o número de voltas. Então imagine a minha reação quando descobri que tinha feito todo aquele escândalo (estou fazendo uma hipérbole, pois na verdade foi muito divertido) por nada.

Isso foi tudo aconteceu naquele dia de que eu me lembro. Essa é uma das várias histórias que ocorreram no Anchieta. Tenho várias outras desse ou de maior nível de “absurdidade”; porém elas não caberiam no e-book.

É assim que termino a minha parte, com uma introdução minha e sobre mim e com uma história que aconteceu comigo. Eu tenho e terei várias lembranças destes Anos Dourados e, caso alguém que me conheça esteja lendo isso, espero que tenha te lembrado de um pouco como eu era e espero que tenha sucesso com o que quer que esteja fazendo com a sua vida.

Boa Sorte com Abraços,

Lembro-me da primeira  
mostra da qual participei: foi  
em 2008, a terceira edição  
da Mostra Científica.

LUIZ FERNANDO PEREIRA MARCILIO  
*Turma: 302*



# Memórias Cientificamente Anchiéticas

**N**o ano de 2006, o Colégio Anchieta decidiu fazer a reedição da Mostra Científica, uma atividade que existiu há certo tempo, mas havia sido esquecida. Pela primeira vez em anos, os alunos da quinta série do Ensino Fundamental até a os da terceira série do Ensino Médio expuseram e apresentaram trabalhos no Auditório do Colégio, seguindo o método científico.

Lembro-me da primeira mostra da qual participei: foi em 2008, a terceira edição da Mostra Científica. Minha mãe contou que minha irmã havia participado da primeira reedição. Por ter sido a primeira reedição, ainda não havia premiações, apenas a escolha dos cinco melhores trabalhos. O grupo da minha irmã ficou entre esses cinco melhores, com o trabalho sobre tratamento de água. Ao ouvir essa história, fiquei muito empolgado com a Mostra Científica.

Nessa minha primeira participação no evento, apresentei um trabalho individual sobre o gás carbônico, mas não ganhei nada. Já na edição seguinte não pude participar por estar viajando. Porém, em 2013, na quinta edição da mostra, voltei a participar fazendo um trabalho com um amigo, Cristiano, sobre a coleta da água da chuva, que nos levou a tirar o primeiro lugar! Infelizmente não poderei mais participar de outras edições da Mostra Científica, pois não serei mais aluno do Colégio Anchieta. Entretanto, gostaria de destacar que essas participações foram experiências gratificantes para mim durante o tempo que estudei no Colégio Anchieta.

...eu só tenho que agradecer  
por terem ajudado a me  
tornar quem sou hoje...

LUIZ GUSTAVO MONTEIRO DA SILVA  
*Turma: 305*



# Memórias Anchiéticas

**É** realmente difícil estar deixando todos os anos em que estive no Colégio Anchieta no passado. O sentimento que descreve essa transição acadêmica é uma mistura de empolgação, por estar prestes a dar início à tão esperada vida universitária, e receio, pois ainda paro e penso se estou mesmo preparado. Gostaria de manter contato, no futuro, com todos que me rodeiam hoje, mas sei que o que desejo muito dificilmente se concretizará, e é justamente isso que dói.

Às pessoas que me proporcionaram ótimos momentos, sejam sérios ou engraçados, a todas elas (sem exceção dos que se desentenderam comigo ao longo do caminho) eu só tenho que agradecer por terem ajudado a me tornar quem sou hoje e por terem concretizado, em minha memória, momentos dos quais nunca me esquecerei.



Despeço-me do colégio com  
uma saudade antecipada  
e com a certeza de que um  
novo ciclo começa graças  
ao sucesso de outro.

LÍVIA CALVETE TAVARES  
*Turma: 306*



# Memórias Anchietas

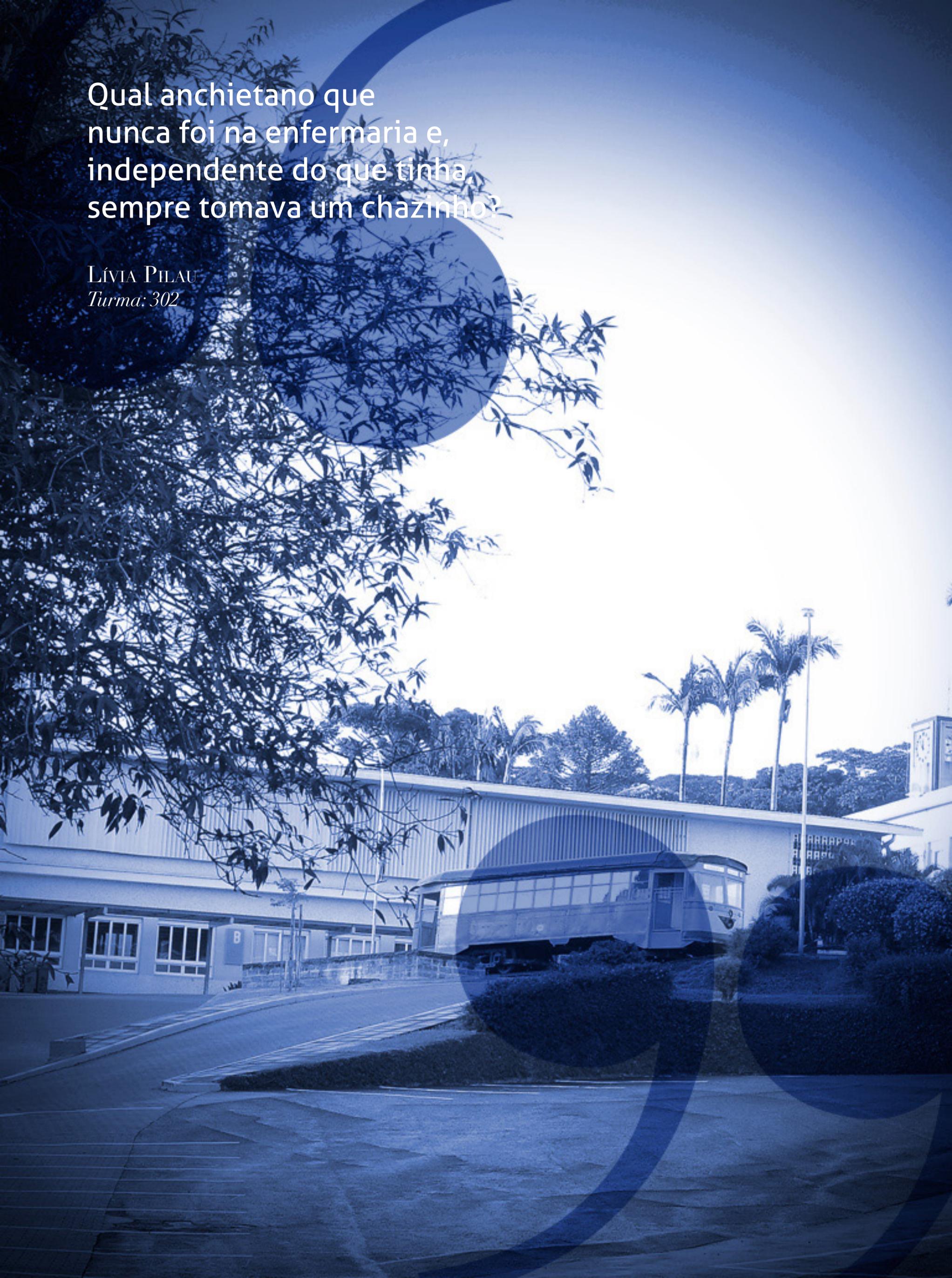
**T**ive o privilégio de estudar no Anchieta durante onze anos, onde construí valores que vou levar comigo para sempre. Despeço-me do colégio com uma saudade antecipada e com a certeza de que um novo ciclo começa graças ao sucesso de outro. Aos meus professores, minha admiração e meu muito obrigada por toda a dedicação. Aos meus amigos de turma, desejo um mundo de coisas boas e novas experiências.

*“Todas as pessoas  
que passam pelas nossas vidas  
deixam as suas marcas  
num ir e vir infinito”*



Qual anchietano que  
nunca foi na enfermaria e,  
independente do que tinha,  
sempre tomava um chazinho?

LÍVIA PILAU  
*Turma: 302*



# Qual anchietano que nunca...

- ... escutou da **bibliotecária** para colocar a mochila no armário;
- ... ficou todo queimado na **Semana Anchieta**;
- ... teve medo de entrar na casa velha da **Vila Oliva** sozinho;
- ... tentou entrar pelo portão 2, mas só podia pelo 1 ou ao contrário;
- ... brigou pela bola nos recreios no Ensino Fundamental;
- ... congelou por ter que deixar as janelas abertas no inverno;
- ... foi na enfermaria e, independente do que tinha, sempre tomava um chazinho;
- ... tocou na flauta Carruagem de Fogo nas aulas de músicas;
- ... amou aprender fração com uma barra de chocolate;
- ... recebeu balinha de troco do bar;
- ... (para as gurias) escutou do assistente que o short era 4 dedos acima do joelho;
- ... jogou Coelho Sabido nas aulas de informática;
- ... fez milhões de trabalhos sobre sustentabilidade;
- ... morreu de calor no turno inverso;
- ... quis saber o que o professor escrevia no livro azul;
- ... escutou as milhões de versões da lenda do Maba;
- ... fez a trilha até o Guaíba no **Morro do Sabiá**;
- ... odiou ir até o Centro de Línguas nos dias de chuva;
- ... comeu as balinhas do Ivanor;
- ... adorou brincar com o material dourado;
- ... participou da caminhada da Semana Anchieta;
- ... participou das aulas de sexualidade;
- ... foi barrado por tentar entrar ou sair pelo saguão;
- ... escutou sobre a piscina dos padres?

E foram esses e outros motivos que fizeram cada ano que eu passei nesse colégio ser único!

No Anchieta, fiz amigos que me apoiaram nos momentos importantes da minha vida e espero levar essas amizades para a vida toda.

MANUELLA MACHADO DOS SANTOS

*Turma: 306*



# Um ciclo que se completa

**A**pós treze anos estudando nesse colégio, chegou o momento. É hora de sair da zona de conforto e ir ao encontro do desconhecido. A bagagem adquirida durante esse tempo colaborou para a minha formação pessoal e intelectual. Agora, novas possibilidades, desafios e experiências me aguardam além dos portões da escola, pela qual sentirei, sempre, um carinho imenso e guardarei boas recordações.

No Anchieta, fiz amigos que me apoiaram nos momentos importantes da minha vida e espero levar essas amizades para a vida toda. Tive contato com excelentes profissionais, alguns me marcaram profundamente. Como professores brilhantes, ensinaram-me lições de vida, estabeleceram uma relação de confiança e de troca de conhecimentos.

Nunca me esquecerei das Semanas Anchiéticas, gincanas, churrascos de turma, brincadeiras no “morrinho”... Das atividades do Grupo de Amigos, da Catequese e do Show Musical. Esse último me proporcionou experiências maravilhosas. Foram cinco anos dividindo momentos e aventuras com pessoas essenciais para mim. Com esse grupo, viajei para a Itália, Portugal e para os mais diversos lugares do Brasil. Como nessas viagens nos hospedávamos nas casas de famílias locais, cada viagem tinha seu valor especial. Entrei em contato com pessoas encantadoras e outras nem tanto. Essas me ensinaram a respeitar e a conviver.

Desse colégio levarei duas famílias comigo: minha turma querida e os amigos do Show Musical. Sentirei saudades desse tempo que não voltará; contudo, mudanças são necessárias, e o mundo é grande demais para não ser explorado.



Todas foram sempre tão  
queridas, pacientes e  
maravilhosas que vai ser  
difícil se esquecer delas.

MARCELA FUTURO DE CARLI  
*Turma: 302*



# Minhas Profs de Idiomas

**E**ntrei no colégio na sétima série, em 2010, mas, desde a oitava, uma coisa me marca todos os anos: as professoras de idiomas. Todas foram sempre tão queridas, pacientes e maravilhosas que vai ser difícil se esquecer delas.

“Na oitava série tinha a Krishna, que dava aula de português, e a Lucimara, que dava aula de espanhol. A Krishna tinha uma voz meio aguda que algumas pessoas achavam irritante, mas eu nunca vi problema, ela era bem rígida, mas nunca deixou de ser um amorzinho. Uma vez ela nos contou que quase foi a Xuxa; essa foi a melhor aula dela. A Lucimara estava sempre calma, tinha uma voz doce e estava sempre muito bem vestida.

No primeiro ano era a Mariângela, ela era um poço de paciência e estava sempre sorrindo. Faz dois anos que eu não tenho aula com ela, mas sempre que nos encontramos nos corredores do colégio, eu fico muito contente em poder dar oi pra ela. E quem dava aula de inglês era a Sylvia, ela tinha sempre uma história pra contar e uma lição pra dar, então foi ótimo ter ela como professora no ano seguinte também.

No segundo ano quem nos deu aula de português e literatura foi a Sandrinha (que pessoa incrível, meu Deus). Ela, quando nos via, nos chamava de “meus queridos”, encenava as histórias dos livros e nos acompanhou no processo de criação do musical. Por ela ter sido sempre tão fofa com os alunos, minha turma convidou ela pra ser nossa paraninfa e ficamos muito felizes dela ter aceitado.

E agora, no terceiro e último ano, quem está com a gente é a Mix. Eu nunca conheci uma professora tão “good vibes”, ela ri das próprias piadas (o mundo precisa de mais gente assim!), e eu amo o cabelo dela. Quem me da aula de espanhol é a Nora, a primeira vez que a gente se falou eu não era aluna dela mas eu queria falar com ela por que a gente tinha afinidade política, e ela não sabe mas eu só escolhi fazer espanhol pra poder ser aluna dela.

Com tantos alunos que passam por elas, elas vão se esquecer de mim logo, logo, mas eu tenho um carinho por todas elas e não acho que vou me esquecer dela tão cedo. E tem outras duas professoras que não são de idiomas, mas que eu não posso de falar delas aqui; a Sandra de matemática, com seus senos cossenos e bichos cabeludos, e a Ana Emília de geografia, com o seus círculos do mundo globalizado. Gratidão a todas elas.

Reclamar do Anchieta  
durante todo o tempo  
que passei lá e, na hora  
de sair, sentir saudades,  
esse sou eu: Marcelo.

MARCELO SPIER  
*Turma: 304*



# Memórias Anchietanas

**E**ntão o tempo passou, sem mais bola pro matão “que o Alex tá vindo”, banho na mangueira, jogar coisas no ventilador, negar qualquer besteira até a morte, ir pro assistente em grupo prá “não dar nada”... A vida agora é outra, novas responsabilidades, novos amigos, rumos diferentes e novos objetivos. Quando me diziam que “a época de colégio era a melhor de todas”, eu não acreditava, mas agora, no final, percebo que realmente deve ser (espero não confirmar isso quando tiver lendo esse texto daqui a alguns anos).

Talvez a vida não me envie pessoas que cheguem aos pés da Ana, Bruna ou Luísa, das quais nunca me esquecerei (zu), já que entre uma conversa e outra quanto mais bobagem sai melhor fica o papo. Mas espero ter amigos(as) tão engraçadas e especiais como elas. E não são poucas histórias... Como contar algo que não era pra ninguém saber (hehehe)? Ou “celo, já que tu entende essas coisas (de mulher) me ajuda nisso”; vai se... não sou dessas coisas.

Reclamar do Anchieta durante todo o tempo que passei lá e, na hora de sair, sentir saudades, esse sou eu: Marcelo. E é assim com tudo. Mas não importa, o importante é que eu curti muito esses anos (13) de colégio, não tenho do que reclamar. Tirando o fato de uma goleira ter caído na minha cabeça e de, por chamar a atenção, muitas vezes levar culpa de coisa que não fiz (sou um anjo, juro...). Morro do Sabiá, Vila Oliva; eu era do coral, quanta coisa já passou, tentando pensar é impossível se lembrar de um momento que mereça destaque, mas palavras-chave aleatórias vão abrir espaço na minha mente.

*(parágrafo feito para mim, nunca entenderão)*

*teatro bé solta arroz campão dega mesa semana anchieta rio pardo despedida danzka barilo kiko copo lixo bixo h2o 56 mircão João natação irmão vitória paulao gonza monza #mococa não fedeu ari abril garagem wazzap coreana pep job veja cerveja ou seja bandeja monet internet garrafa pet juliet enzo thor mano 126 boa zumbi hut joao quinteto tuto pom velho conc xi silencio hardwell megocio vp1000 beta volúpia so os de fe abril fecho deu perdeu.*

Espaço até demais, minha cabeça tá borbulhando, mas ok. O fato é que o Anchieta vai ser onde eu vivi minhas mais estranhas e engraçadas experiências; é um lugar tão estranho que a gente de vez em quando até tinha aula lá, vê se pode. Então é assim, porque as palavras o vento leva, mas as histórias são para sempre. (ahhahah que coisa, merece um poema no bus, como diria o Brum).



# Muitas lembranças...

MARCO IWERS MEIRA  
*Turma: 302*



# Minhas memórias anchietanas

Muitas lembranças em cima de uma música que é mais ou menos assim:

Musculação é minha vida

academia minha casa

meu shake é só proteína

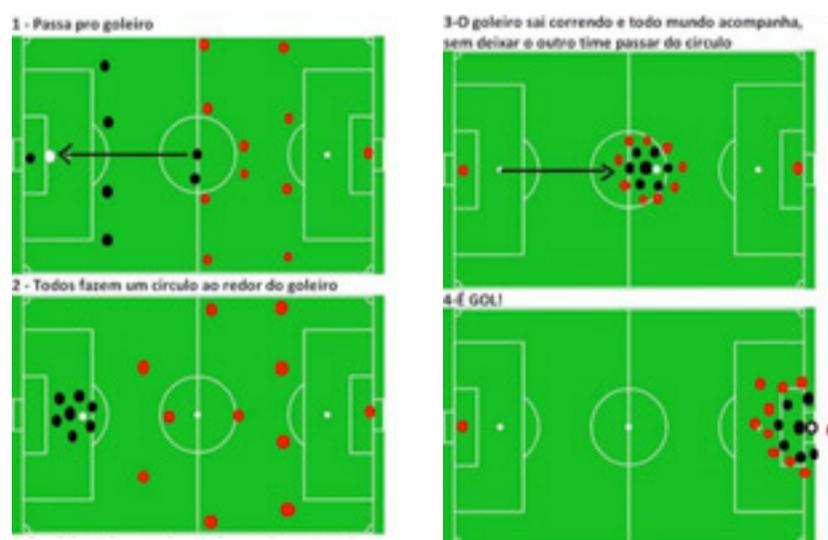
e o pré-treino arregança

se tu não tá ligado no meu papo

então vaza, meu esporte

é pra forte, não pra fraco mente fraca

-E não podia deixar de mencionar nossa tática no **futebol** expressa na imagem.



O Anchieta me construiu,  
como aluna, como  
cidadã, como pessoa.

MARIA VICTÓRIA SCALCO  
*Turma: 306*



# Memórias Anchietas

**13** anos depois, é com uma profunda alegria, uma precoce saudade e uma imensidão de emoção que eu me despeço desse lugar. Lugar esse que não só construiu todos os meus conhecimentos acadêmicos com o seu excelente corpo docente. Que não só vai deixar um “status” na minha vida. Que não só me proporcionou trabalhar com equipamentos das aulas de física, os quais eu talvez nunca mais veja. Que não só me deu um ambiente privilegiado para estudar. O Anchieta me construiu, como aluna, como cidadã, como pessoa.

É difícil pensar no momento que mais tenha me marcado durante esses 13 anos de incríveis vivências. Talvez pudesse citar as aventuras do “Padre morto” ou sobre a adrenalina de atravessar o “matão”. Eu poderia também contar sobre todas as idas a Vila Oliva e sobre como meu coração batia rápido na “caça ao Maba”. Sim, eu poderia. Mas resolvi juntar tudo.

Quando caiu a ficha de que vou ter que me despedir desse lugar que me proporcionou tantas experiências boas, decidi: esse foi o dia que mais me marcou. Pode parecer macabro eu me lembrar de um dia que não pareça ser tão bom. Mas foi. E como foi. Ouvir meus colegas tocando e cantando “All You Need Is Love”, e, instantaneamente, todas as 40 pessoas da sala começaram a cantar junto, fazendo quase que um coro (meio desafinado, mas mesmo assim um coro). A 306, a minha turma. que tanto me acolheu e tanto me deu amor, afinal, all we need is love, não?

E amor foi o que eu vivi de mais intenso nesses 13 anos. Conheci pessoas merecedoras de todo o meu amor. Talvez porque foi nesse colégio que eu vivi um “primeiro amor”, ou talvez porque conheci a verdade, conheci a honestidade, a humildade e a espontaneidade das pessoas que, hoje, e espero que para sempre, chamo de melhores amigos. O Colégio Anchieta me marcou por ter me feito acreditar que, sim, o mundo é lotado de pessoas boas. E sabe o que é o melhor? São meus amigos! E assim, como a minha turma 306, e todas as outras pessoas que, de uma forma ou de outra, me marcaram nesses 13 anos de colégio vão ter sempre um lugar no meu coração e meu apoio para tudo, sei que é recíproco.

Deixo então meu muito obrigada a todos: professores, diretores, funcionários e alunos. Muito obrigada por me propiciarem 13 anos de emoções tão intensas e tão incríveis. Aos meus amigos: desejo todo o sucesso de mundo, sempre! E eu não falo isso chorando, falo isso sorrindo, porque, agora, entrego vocês e a mim mesma para um novo e grande guia: a vida.

Nunca tinha parado para pensar que o colégio não é só o lugar onde nos formamos como pessoas, mas também onde construímos uma segunda família. Sim, família!

MARINA BERTOTTO

*Turma: 306*



# Sem pensar duas vezes

“**E** Saudade é a nossa alma dizendo para onde quer voltar”. A primeira vez que me dei conta da saudade que sentiria dessa rotina toda foi no fim da semana anchietana de 2014, quando, depois dos jogos da noite, toda a turma, se abraçando, começou a chorar, desde as gurias mais choronas, até os guris mais durões. Nunca tinha parado para pensar que o colégio não é só o lugar onde nos formamos como pessoas, mas também onde construímos uma segunda família. Sim, família!

Por mais clichê que seja, devo confessar que o colégio é, sem dúvida, uma das melhores fases da vida. As obrigações chegam a ser desprezíveis quando comparadas ao divertimento e aos momentos de diversão; afinal, só estarmos juntos já é motivo de festa. Com aquela turma ninguém fica pra baixo, pelo menos não sozinho e, na hora de tirar sarro de qualquer coisa, todos entram na brincadeira junto. Aos meus colegas o que consigo expressar em palavras é: eu amo vocês.

Assim que eu me formar, completarão onze anos que eu entrei no colégio. Só de pensar que, ao acordar nas segundas-feiras de manhã, eu não irei para o Anchieta, que ao entrar na sala de aula eu não verei aquelas carinhas, que ora me dão vontade de largar os estudos e só sair de perto atrás de um ponto de paz, ora me dão vontade de ir correndo abraçar um por um como se aquele abraço fosse fazer todos os males do mundo sumirem.

O que me faz seguir em frente de cabeça erguida, com o sorriso mais verdadeiro no rosto, é saber que tenho cada um dos amigos que conquistei ao meu lado; afinal, eles se tornaram uma parte de mim, da qual eu não estou disposta a abrir mão. Sem pensar duas vezes, posso afirmar que os anos que passei no colégio jamais serão esquecidos nem mesmo substituídos, assim como as amizades. Afinal, a única coisa melhor do que fazer novas amizades é conservar as antigas.

Ao Anchieta, por me proporcionar momentos e lembranças tão especiais, alegres e inesquecíveis, muito obrigada!



Depois de muita pizza e guaraná, era hora do futebol masculino. Como nós não tínhamos a menor chance de vencer uma partida sequer...

MATHEUS DIAS  
*Turma: 302*



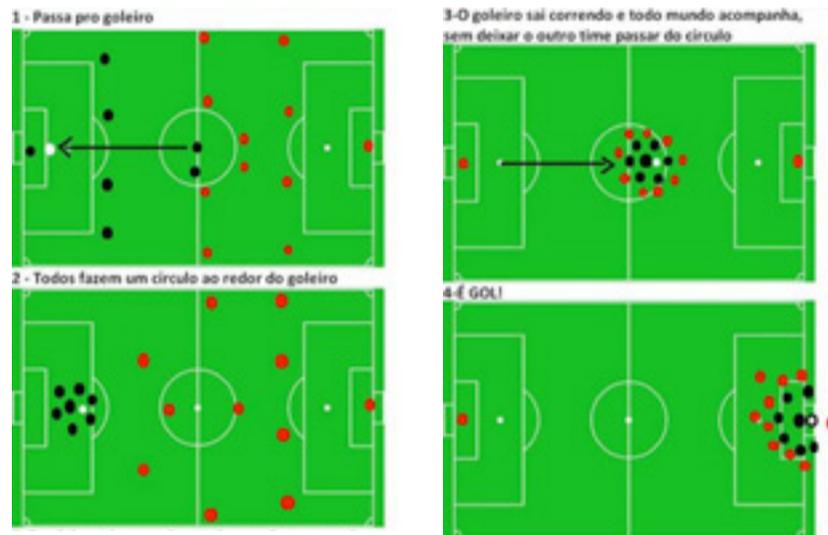
# Minhas memórias anchietanas

**M**eus 11 anos de estudo no Colégio Anchieta me marcaram com diversas histórias, desde a primeira série até o terceirão. A primeira que lembro é ainda no prédio dos pequenos, na terceira série, a vez em que eu e meu colega Eduardo fizemos um complô pra roubar um pão no bar do pátio. Eu entrei pela porta do lado e abri a geladeira, fingindo que ia roubar um refri. Quando o “tio” do bar se virou pra me impedir, o Eduardo pegou o pão em cima do balcão e saiu correndo. Resultado: nossos pais foram chamados na direção.

Também na terceira série, lembro-me de um dos momentos em que mais senti vergonha na minha vida. No recreio, ao invés de descer para o pátio, fiquei no corredor com meus colegas Lorenzo e Bruno, jogando futebol com uma caixa de Toddynho fechada. Eis que eu dou um bico violento e o Toddynho estoura na parede, sujando os trabalhos de outra turma que estavam ali encostados. No final da aula vi os alunos dessa turma indo pra casa levando seus trabalhos sujos, enquanto eu morria de vergonha.

Outra história inesquecível foi na semana anchietana do segundão. No mesmo dia em que apresentamos o nosso teatro (que acabou ganhando o prêmio de melhor espetáculo), a turma inteira foi para o prédio da Fernanda almoçar. Depois de muita pizza e guaraná, era hora do futebol masculino. Como nós não tínhamos a menor chance de vencer uma partida sequer, decidimos pôr em prática uma estratégia que eu havia bolado, explicada na imagem em anexo. Não saiu como esperávamos, o Eduardo tropeçou e caiu no meio do círculo, e

antes que conseguíssemos chegar à metade do campo, já estávamos eliminados do futebol por antijogo. O professor Alexandre ficou furioso, e acho que até hoje quando o cumprimentamos ele se lembra disso.



...professores que me  
inspiraram com o seu  
modelo de constantes  
buscas, renovação e  
espírito de aprendiz...

MAURÍCIO PINTO SZAPSZAY  
*Turma: 306*

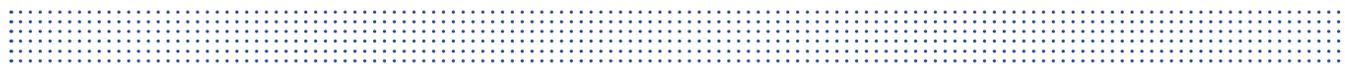


# Vivências Anchietanas

**N**ove anos se passaram e inesquecíveis momentos, tanto bons como ruins, foram vividos com muita intensidade! Tive professores que influenciaram o meu desenvolvimento pessoal e intelectual, professores que me inspiraram com o seu modelo de constantes buscas, renovação e espírito de aprendiz; outros professores que, se eu cruzar por aí, nem vou lembrar (ainda bem que foram poucos, bem poucos); professores: amigos, conselheiros, injustos, chatos, enfim, todos durante essa trajetória contribuíram de alguma forma. Alguns por pouco tempo, outros por muito tempo, alguns com uma importância pequena, outros com importância mais marcante e decisiva.

Sem dúvida, os amigos, os laços que criamos ficarão eternizados para o resto das nossas vidas. E, com certeza, com alguns manteremos o vínculo para sempre. As idas ao **Morro do Sabiá**, as férias na **Vila Oliva**, a tão esperada Semana Anchieta, o tão esperado identificador autorizando se pudesse sair sozinho, as margens pintadas com giz de cera, as brincadeiras no Morrinho, o lixo falante, os campeonatos no Campão, as idas proibidas ao Matão e o **Musical** do terceirão são as marcas de um anchietano.

Mas não foram momentos só de alegria. Tive que me esforçar muito e hoje saio com a certeza de que, se não tiver esforço, nada se consegue. O meu mérito talvez tenha sido o de saber perceber e aproveitar as oportunidades e conseguir interligá-las aos meus objetivos e motivações pessoais, transformando-as em realizações. Aprendi que precisamos ter muita sabedoria, fortaleza e determinação em nossas escolhas.



Enfim, convivência: não conheço melhor palavra para caracterizar esse processo verdadeiramente humano, repleto de conhecimentos e muitas recordações de todos os tipos. Pois, sem dúvida, foram longos e bons anos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, que deixarão saudade em nossos corações.

A equipe de série, os professores, os alunos e os demais funcionários têm uma relação de amizade e de compromisso.

MÁRCIA STEINBACH TOMÁS  
*Turma: 303*



# Memórias Anchiéticas

**L**embro-me perfeitamente daquela abafada tarde de março de 2008. Sentada no banco do carro rumo ao colégio que estudei até a 4ª série do Ensino Fundamental, minha mãe me tomava a tabuada. Ao notar minha dificuldade para responder, parou o carro e disse: “Tu não vais mais para este colégio! Início da 5ª série e não te ensinaram a tabuada?”

Voltamos para casa e aos prantos eu implorava para que ela desistisse daquela ideia maluca de me trocar de colégio, mas não teve jeito. No dia seguinte, uma terça-feira, em busca de um ensino melhor, rumamos ao Colégio Anchieta. Minhas primeiras impressões foram de que era grande e assustador. Tantos prédios, tantas pessoas, tanta coisa diferente. Lembro-me de ficar sozinha em uma sala de aula, tendo que escrever uma redação que determinaria se estava realmente apta a entrar na instituição. Foi apavorante, mas fui aprovada e comecei a frequentar as aulas na segunda semana letiva daquele ano. Eu era a aluna nova, coisa que nunca tinha experimentado. Confesso que nos primeiros dias eu chorava muito e odiava o novo colégio, mas fui muito bem acolhida. Logo já me sentia parte da turma 54.

Lembro-me de pensar que pelo tamanho do Anchieta, a individualidade de cada um não importava. Que eu era só mais uma. Ao longo dos seis anos que tive o privilégio de estudar nessa escola, percebi que estava muito errada. Cada aluno importa. A equipe de série, os professores, os alunos e os demais funcionários têm uma relação de amizade e de compromisso.

Foi no colégio que fiz amigos que vou levar para a vida toda. Pessoas com quem cresci, aprendi e vivi momentos inesquecíveis. A turma 303, em especial. Nossa turma é formada parte pela turma original, com quem estudo desde a 5ª série, parte por pessoas novas. Lembro-me de um churrasco de turma, nesse último ano, em que todos muito emocionados começaram a discursar. Um colega falou a frase que para mim descreve perfeitamente o que somos: “Uma colcha de retalhos que virou uma grande família.” Somos uma família. Não escolhemos uns aos outros e podemos discutir freneticamente às vezes (ou quase sempre), mas estamos sempre prontos para defender uns aos outros.

Dói muito saber que nossos encontros diários acabaram. É doloroso imaginar que subir as escadarias do portão dois e rumar ao terceiro andar do prédio principal não será mais rotina. As minhas manhãs não serão mais preenchidas pelas aulas, pelas conversas ou pelos recreios. Uma nova etapa empolgante está vindo, mas é difícil deixar para trás tudo isso.

Foi nos corredores do Colégio Anchieta que fui muito feliz. Hoje, depois de seis anos, que passaram em um piscar de olhos, posso dizer que sou e sempre serei Anchieta. Não importa quantos anos se passem, sempre que passar pela avenida Nilo Peçanha e ver os portões do colégio sentir uma nostalgia e um aperto no coração. Levo o Anchieta, os momentos que vivi lá e as pessoas que conheci no meu coração. Para sempre. Sempre terei orgulho de dizer que estudei em uma instituição que não me preparou para o vestibular, me preparou para a vida.



Então, nos restou a  
coisa mais legal que um  
anchietano poderia fazer:  
matar aula no matão.

PEDRO MORESCO MILANO  
*Turma: 304*



# Matão e a chuva

**E**ra 2007, quarta série, e eu e o Dib fazíamos judô depois da aula no colégio. Em um dia nublado, a gente não tava muito a fim de ir ao judô, ainda mais que o Dudu ia ficar esperando, já que nós três iríamos pra casa dele depois. Então, nos restou a coisa mais legal que um anchietano poderia fazer: matar aula no matão. Começava a escurecer e entramos de mochila e tudo por aquela escada do lado do ginásio, quando o matão não tinha cercas.

No início, tudo andava bem, nós três nos sentíamos os mais malandros do colégio. O matão meio que separava guris de homens. O complicado foi que, lá pela metade, começou a chover. E chovia muito. O chão de barro ficou muito escorregadio e tava difícil de continuar seguindo em frente. Logo, decidimos encerrar a trilha subindo um caminho estreito e íngreme, tipo a rampa do esquibunda, que levava até aquela rua atrás do matão. Nesse ponto, a gente já tava se desesperando, achando que iríamos morrer ou ficar presos lá até o outro dia. Na hora de subir, tivemos um problema. Subir aquela rampa de barro era impossível, nós três acabamos nos sujando mais do que devíamos. Depois de muitas tentativas e derrapadas, consegui chegar lá em cima, porém o Dudu e o Dib não. Eles tentaram, mas não deu, acabaram jogando as mochilas pra mim. Eu acabei indo para o ginásio e comprei um prensado, era muito esquisito comer olhando aquelas três mochilas cheias de lama. Depois de uns quinze minutos, os dois chegaram num estado pior que o meu, acho que seguiram até o final da trilha, até hoje não sei como saíram de lá.



O que mais me marcou foi a emoção do momento: ir no matão pra matar aula já era uma baita aventura, ainda mais com chuva. “Sobreviver” àquilo foi a coisa mais legal que eu fiz com dez anos, com certeza.

...porque eu podia rever  
todos os dias meus colegas  
que hoje, são verdadeiros  
amigos que levarei para  
toda a minha vida.

PEDRO PAULO LEAL DE MEDEIROS  
*Turma: 306*



# Memórias Anchietanas

**P**arece que foi ontem, eu corria de um lado para o outro, brincando de “pega-pega” no recreio da minha 7ª série, em 2010. O tempo passou voando e quando vejo, faltam apenas alguns dias para o fim deste ciclo.

Recentemente, quando eu estava a caminho do colégio, comecei a me lembrar de todos esses anos que se tornaram rotina: acordar, me arrumar, ir para a aula, todos os dias. Hoje, percebo que foi muito mais do que uma simples rotina, mas sim algo que no fundo me dava gosto de fazer, e não porque eu gostasse de uma aula de matemática, ou talvez porque eu estivesse a fim de fazer uma prova, mas sim porque eu podia rever todos os dias meus colegas que hoje, são verdadeiros amigos que levarei para toda a minha vida. Além disso, foram muitos os professores que conheci aqui. Fizeram-me aprender a gostar de certas aulas, sempre mantendo o profissionalismo, mas também sendo grandes parceiros.

Infelizmente tudo passou, mas saio com um sentimento de que aproveitei o máximo que pude. Já a saudade, sempre vai voltar quando eu passar pela Nilo, ou quando eu encontrar as antigas camisetas das Semanas Anchietanas, ou quando eu olhar algumas fotos por aí. No final das contas, parece que agora entendi porque estavam “ensinando a pensar”.



Posso com toda certeza  
afirmar que vocês  
se tornaram meus  
irmãos; uns mais cedo,  
outro mais tarde...

PEDRO ROSSI JACOBUS  
*Turma: 306*

COLÉGIO

1890

ANCHIETA

PORTÃO

4

PORTÃO

4

ATENÇÃO

PROIBIDO ENTRAR

NA ESCOLA

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

# “*In Memoriam*” *da turma 306*”

**É.** Pois é. Depois de treze anos, essa etapa chegou ao fim. Uma das coisas que eu menos queria que acontecesse na minha vida acabou de ocorrer: terminaram-se os tempos de colégio, os tempos de parciais e trimestrais, os tempos de **Semana Anchieta**, os tempos de Taça GEA, tudo... Todos os momentos pelos quais eu passei até agora só existirão na memória e não voltarão mais. Para muitos, isso pode significar muito pouco, quase nada. Para mim, o **Colégio Anchieta** resume minha vida até o momento. Quem eu seria sem as amizades feitas ao longo dos anos? Sem todas as coisas que eu aprendi, sem todas as coisas certas e erradas (as mais legais e memoráveis é claro) que eu fiz? Deve-se é claro, continuar a vida, mas haverá sempre um vazio dentro de mim que creio que jamais poderá ser preenchido.

Ainda me lembro do meu primeiro dia de aula, no Nível A, na primeira turma da vida da Professora Cláudia. Eu, um menino de Campinas, que estava em Porto Alegre há no máximo oito meses e só conhecia outros dois colegas – Nicolas e Cristiano – pedi para minha mãe ficar durante a tarde no colégio e não fui nenhuma vez falar com ela e nem ao menos senti saudade ou inseguranças. Quase nunca tive problemas com a turma, em quase nenhum ano; entravam colegas, saíam colegas e as amizades só aumentavam. Alguns atritos ocorriam ocasionalmente, mas alguma coisa na turma nos fazia mais unidos que qualquer outra e os conflitos nunca duravam muito. Creio que não haverá uma única coisa de que não sentirei falta... Nem mesmo das coisas ruins ou que

me incomodavam; talvez eu só esteja falando isso por ser muito sentimental em relação a todas essas coisas, mas não me caiu a ficha ainda de que nunca mais acordarei todos os dias da semana e irei para uma sala de aula ver toda essa gente. Os guris não calando a boca, as gurias reclamando de absolutamente tudo que nós fazíamos...

Como disse meu colega Bruno, “vou sentir falta do meu bando de loucos”. Tantas coisas que fizemos juntos, tantas brigas do mesmo lado, tantas noites com as 99.... Posso com toda certeza afirmar que vocês se tornaram meus irmãos; uns mais cedo, outro mais tarde, uns ainda na educação infantil na turma A2 ou B5, outros no prédio recém-construído das 3ª e 4ª séries. Muitas histórias para contar, Ribas não calando a boca e enchendo o saco dos professores, Cristiano completamente sem-noção, Nicolas e os “Vietcongas”, cadeira quebrada com bolinha de fita crepe, meu Deus, como sentirei saudades.

É. Pois é. Depois de treze anos, essa etapa chegou ao fim, mas espero que dure para toda a minha vida como os momentos mais felizes. A música “Por Enquanto”, de Cássia Eller representa muito bem esse momento: tristeza, saudades mas felicidades. Só tenho a agradecer às turmas A2, B5, 18, 22, 33, 47, 57, 67, 87, 107, 206 e 306 que juntas me fizeram quem sou. Amo todos vocês do fundo do meu coração.

Durante esse período,  
vivenciei inúmeras  
situações marcantes, que  
certamente mantere  
em minha memória.

RAFAELA CHANDELIER HAESER  
*Turma: 306*



# Memórias Anchiéticas

**H**á de anos, iniciei uma longa caminhada no Colégio Anchieta, a qual termina em 2014. Durante esse período, vivenciei inúmeras situações marcantes, que certamente mantereis em minha memória.

A nostalgia começa ao lembrar as tão esperadas Semanas Anchiéticas, aventuras no “matão”, viagens à Vila Oliva, passeios no Morro do Sabiá, piadas internas e brincadeiras em aula...

Infelizmente chegou o momento da despedida, devemos agradecer por todas as amizades construídas e a todos os professores que participaram da nossa formação. O aperto no coração é inevitável ao pensar que essa maravilhosa etapa das nossas vidas chegou ao fim. Desejo uma boa sorte e muito sucesso a todos na fase que está por vir!



Todas as brincadeiras,  
risadas incontroláveis,  
besteiras faladas,  
tudo era motivo de risada,  
enfim, eu estava em família

RAFAEL RIBAS  
*Turma: 306*



# O lugar para onde retornar

**E**ntrei no Colégio Anchieta no jardim A, com 4 anos de idade. Permaneci no colégio até a segunda série do Ensino Fundamental. Somente retornei a ele na sétima série do Ensino Fundamental, com 12 anos de idade e, agora, em 2014, completo o Ensino Médio, se eu passar em dezembro, obviamente.

Quando ingressei no “A”, alguns ex-colegas da minha antiga creche, Brincando e Aprendendo, também foram estudar no Anchieta, mas fora isto, tudo era novidade, novos amigos, um prédio novo, que para mim era gigantesco, o morrinho, uma nova professora (nunca vou me esquecer da “profi Claudia”); enfim aquele era o paraíso. Ao completar a segunda série do ensino fundamental, infelizmente, tive que sair deste tão amado lugar. Enquanto estive fora mantive contato com alguns ex-colegas, estes que hoje são como meus irmãos.

Passaram alguns anos, eu então retorno ao Anchieta na sétima série. Eu estava fazendo a matrícula, então me perguntaram se desejava voltar a minha antiga turma, a atual 7. Impulsivamente, disse que não era necessário. Esta foi uma das piores decisões já tomadas em minha vida escolar. Já no primeiro dia de aula me arrependi, vi meus ex-colegas e a vontade de voltar atrás em tal decisão foi imensa. Durante a primeira semana de aula, tentei trocar de turma, mas sem êxito. Eu me acostumei à nova turma, fiz grandes amigos nesta turma também. Entretanto, eu queria mesmo era estar na “7”, afinal eram eles meus melhores amigos.

Então no primeiro ano do Ensino Médio consegui retornar para a MINHA turma, mas nem tudo foi como o esperado. No meio do primeiro período, fui

chamado na sala da coordenadora, pensei que me daria os parabéns por ter conseguido voltar à turma, talvez até um chocolate, fui correndo até a respectiva sala. Chegando lá, vi uma guria chorando na salinha de espera da coordenação, dei um “oi” meio constrangido com a situação e entrei na sala. A coordenadora de série então me perguntou: “Tu és o Rafael Ribas? Prazer sou a coordenadora de série. Tu viste a menina ali fora? Bom, ela era da turma, mas ocorreu algum problema com a matrícula, e ela acabou ficando em outra turma. Como tu és o último da chamada, tu podes ceder teu lugar a ela e voltar para tua antiga turma?”. Eu fiquei atônito, o tão esperado momento havia chegado, mas mais uma vez tive que sair da minha turma.

O milagre aconteceu, em 2013, no segundo ano, finalmente consegui voltar em definitivo para a “7”. Daí em diante as aulas começaram a ter mais alegria. Todas as brincadeiras, risadas incontroláveis, besteiras faladas, tudo era motivo de risada, enfim, eu estava em família. Estes últimos anos no Anchieta foram os melhores. Além de ter tido professores marcantes, como Paulo, Márcia, Celso, Mix e “minha Tia Dani”, foi neste período que realmente me senti parte ativa da turma, onde eu pude formar amizades, que, com certeza, durarão por toda minha vida.

Hoje, posso ver que valeu a pena ter esperado tanto tempo para retornar a essa turma, pois apesar de ter sido, “por apenas dois anos”, neste período nós crescemos juntos, e cada um cativou o outro à sua maneira. Espero que este não seja um “adeus” definitivo e que daqui a dez anos, nas futuras noites de turma, eu possa ver cada um dos meus colegas com o mesmo sentimento de hoje.

Eu espero que daqui a  
alguns anos, quando  
eu venha a ler este  
depoimento, eu  
possa apenas rir e me  
orgulhar da infância/  
adolescência que tive.

RAFAEL VALENTIM

*Turma: 303*

# Treze Anos

**T**reze anos que marcaram uma trajetória anchietana, uma caminhada na qual vivi muitas coisas, que me proporcionou a possibilidade de conhecer muitos colegas e fazer grandes amizades. Foram treze anos de muito aprendizado, treze anos marcados por erros e acertos, alegria e tristeza, que em grande parte me tornaram o que hoje eu sou. Se atualmente eu tenho o privilégio de saber o que realmente significa ter grandes amizades, claramente o colégio tem a sua contribuição nesse processo. Se nos dias de hoje eu posso afirmar o que é ajudar ao próximo, respeitar as diferenças e sempre visar atingir o máximo do meu potencial, é devido, em boa parte, ao colégio e a sua vontade de, além do focar no ensino das matérias específicas, procurar ensinar os verdadeiros valores da vida.

É difícil, em poucas palavras, resumir o que significa todo esse processo. Foram tantos momentos, tantas histórias, uma verdadeira trajetória de altos e baixos. A cada ano tive o privilégio de conhecer novas pessoas, com diferentes valores, pensamentos e ideologias. A cada ano tive a felicidade de conhecer novos professores, com muito dos quais pude desenvolver uma relação que ia além do simples conteúdo a ser ensinado. Muitas vezes me arrependo de não ter dado o devido valor a esses profissionais que ali estão para nos ajudar, auxiliar e, acima de tudo, nos coordenar nessa trajetória. Mas a cada ano que passava, e eu amadurecia mais, percebia o verdadeiro valor que eles têm perante a nossa formação.

As amizades são o melhor fruto que o colégio nos proporciona. Representam muito mais do que o mero ensinamento de uma matéria. Na maioria das vezes, no dia seguinte à prova, ninguém mais se lembra dos conteúdos. As provas passam, mas os amigos ficam. É possível que com muitos eu não me encontre mais tão frequentemente nessa nova etapa, mas obviamente eu pude aprender alguma coisa com cada um deles. Nunca me esquecerei das histórias que pude viver com eles. Desde as brincadeiras de “pega-pega” no famoso **bonde**, até acordar com aquela ressaca no sábado de manhã, tentando lembrar o que diabos acontecera na noite passada. Desde as festas de reunião dançante até as festas no “Pepsi” e aquela sensação de não se lembrar de como você chegou, apenas que chegou, e é isso que importa.

Eu espero que daqui a alguns anos, quando eu venha a ler este depoimento, eu possa apenas rir e me orgulhar da infância/adolescência que tive. De todos os momentos marcantes, de todas as amizades construídas, de todas as brigas e de todas as prova que tanto me atordoaram. Essa época ingênua, sem tantas preocupações, antes de realmente adentrar no mundo adulto. Se há uma coisa que eu desejo é nunca me separar dos verdadeiros amigos, mesmo que não nos vejamos mais com a mesma frequência. Seja em uma reunião de colégio, em um jogo de futebol, ou mesmo no tradicional churrasco de sexta à noite.



...lugar para aprender  
a viver, ter suas  
primeiras experiências,  
primeiros amigos e até  
primeiros amores.

RENATA GRILLO POCHA  
*Turma: 303*

nappy station



# Memórias de uma anchietana

**T**odos têm lembranças da sua época de colégio. Memórias doces, alegres e repletas de outras emoções. A escola não é só uma instituição para aprender matérias como matemática, português e física, mas sim um lugar para aprender a viver, ter suas primeiras experiências, primeiros amigos e até primeiros amores.

Sendo aluna da 3ª série do ensino médio, tendo que me despedir em apenas duas semanas desse ambiente em que passei grande parte da minha vida, é muito difícil, pois, quanto mais penso em sair, mais quero ficar. Com certeza, não sou a única a passar por isso, já que é nesse momento em que as lembranças aparecem, enchendo meu coração de alegria por tê-las vivido e de tristeza por ter que deixá-las.

No Anchieta, conheci minhas melhores amigas, que estão ao meu lado desde o dia em que entrei na 1ª série do ensino fundamental. Também trago comigo colegas, para mim, muito especiais. Minha turma foi sempre a mesma e, depois de tantos anos convivendo, ela virou uma espécie de família. Como acontece nas melhores, sempre ocorrem algumas brigas e desentendimentos, mas também estão sempre ao meu lado, para me ajudar em momentos difíceis. Além disso, não há nada que um bom churrasco em família não resolva.

Apesar de qualquer colégio proporcionar tais experiências, existem algumas que só anchietanos vivenciam, pois ser anchietano é mais do que isso. Ser anchietano é: fazer guerra de água na **Semana Anchieta**, matar aula para ter aventuras no matão; passar a noite acordada na **Vila Oliva** com medo

do Maba; fazer trilhas emocionantes no Morro do Sabiá; viajar com a escola para Rio Grande, Rio Pardo, Missões e São Paulo; ouvir várias histórias sobre o Padre Morto; ter que criar vídeos, peças de teatro e musicais; entre muitas outras coisas que deixariam essa lista imensa.

Com tudo isso que já disse, fica claro que o colégio foi muito importante para mim, sem falar nos maravilhosos professores (admito que sempre gostei mais das professoras de matemática). Deste modo, posso dizer que vou sair do Colégio Anchieta, mas seus ensinamentos nunca irão sair de mim, pois, uma vez anchietano, sempre anchietano.

O Anchieta com  
certeza vai deixar  
muitas saudades!

RENATA MATTAR  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**E**m minha opinião, as Semanas Anchiéticas são os momentos que mais marcam, principalmente a partir da 5ª série, quando nós começamos a fazer uma camiseta para a turma e a jogar contra as outras. Decidir como seria a camiseta e quais seriam os patrocinadores era o mais difícil. Sempre levávamos muitas aulas para entrar em um consenso, mas, no fim, sempre conseguíamos. Nos primeiros anos, era costumes assinar nas camisetas e deixar recadinhos. Quem tivesse mais coisas escritas era o mais top!

Eu normalmente não jogava nada além do **futebol**. Este era o único esporte que eu realmente fazia questão de jogar, mesmo não sendo uma ótima jogadora, mas nós sempre ganhávamos alguma medalha. Acho que o prêmio maior era a animação de todas as gurias, unindo-se e querendo participar.

O **Anchieta** com certeza vai deixar muitas saudades! Há 11 anos que eu estudo neste colégio e convivo quase que diariamente com as mesmas pessoas. Assim, a turma tornou-se quase que uma família.



São memórias de 11  
anos que registrei na  
mente e que deixarei aqui  
para nunca esquecer.

RENATA SCHMIDT  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

O Colégio Anchieta me proporcionou diversos aprendizados, com os quais cresci e amadureci.

São memórias de 11 anos que registrei na mente e que deixarei aqui para nunca esquecer. A primeira série, todos com apenas sete anos, sentindo-se adultos por esperarem em filas antes de entrar nas salas de aula e por participarem de passeios. Em sequência, o sentimento de liberdade ao chegar à quinta série e poder usufruir toda a extensão do colégio durante o recreio e a participação na Semana Anchiética, a época mais esperada por todos os alunos. O ingresso no Ensino Médio marcou o amadurecimento, o fim do medo das aventuras no matão e das brincadeiras de esconde-esconde. Chegamos até a terceira série do Ensino Médio, a época do “quando eu crescer eu vou querer ser...”, que marcará o fim da nossa trajetória no Anchieta, mas que será levada nos corações dos anchiéticos para sempre.



...minha relação com  
esses meus amigos  
(melhores amigos)  
não termina aqui.

RODRIGO DALLA FAVERA HOERLLE  
*Turma: 304*



# Coisas que a gente nunca esquece

**H**oje mesmo escrevo um texto sobre as memórias de toda minha vida no Colégio Anchieta como uma forma de despedida do terceiro ano...

Nesse colégio, tive momentos ótimos e momentos terríveis. Não gostaria de citá-los aqui nesse texto, mas apenas dizer que houve muitos e que, com certeza, ficarão na memória. No entanto, faço questão de falar alguns nomes que influenciaram nesses momentos, bons ou ruins: Jéssica, Dany, Linus, Milano, Pg, Martin, Tui, Leo, Jobim, Débora, Paulinha, Vitão e Bruna: a chamada Patotinha.

Concluindo, digo que minha relação com esses meus amigos (melhores amigos) não termina aqui. Tudo isso é apenas um novo começo...



Esse período da vida é  
um dos mais importantes,  
e agradeço por ter feito  
todas as séries neste  
colégio incrível ...

RODRIGO MARQUES VIDAL  
*Turma: 303*



# Recordações Extraordinárias

**R**esumir doze anos de história no Colégio Anchieta não é fácil. Foram tantas peripécias, emoções, surpresas e aventuras que, se eu fosse relatar todas aqui, teria de escrever um livro dos grossos... Uma escola deixa diversas formas de aprendizados diferentes, não apenas nos conteúdos que são dados em sala de aula, mas em todo o processo de desenvolvimento psicológico, da educação, da cidadania e de experiências que nos trazem uma carga de informações que nos são válidas para a vida inteira.

Esse período da vida é um dos mais importantes, e agradeço por ter feito todas as séries neste colégio incrível. Lembro-me do meu primeiro dia de aula, no jardim B, em que estávamos parados em fila, prontos para receber a professora e entrar na sala de aula, e lá, parados naquela fila, já estavam meus futuros grandes amigos, que – eu tenho certeza – tão cedo eu não me desfaço deles. Para mim tudo era novo e ao mesmo tempo grande: a sala com o teto alto e diversos objetos de estudo e recreação; um pátio gigantesco e um ambiente, no geral, bastante novo para mim, totalmente diferente do que eu já tinha visto até então, o que me causava certa sensação de nervosismo, inclusive.

Entretanto, bastaram algumas poucas semanas para me adaptar. E durante o ano iam sendo apresentadas diversas coisas novas, tais como informática, matérias pedagógicas, além do desenvolvimento das matérias de matemática, inglês, português... E durante o ano criei laços com os colegas e já abri um grande leque de novas amizades, afinal, aquela seria a minha turma nos seguintes anos também.

A primeira até a quarta série foi o período que mais demorou a passar e ao mesmo tempo o que mais me marcou, pois muitas memórias marcantes surgiram durante esses anos. Na primeira série, tive a minha primeira participação na **Semana Anchieta**, em que os alunos dividiam-se em grupos e jogavam uma sequência de esportes, determinada pelos coordenares dos jogos. Lembro que nenhum integrante do grupo tinha ideia de nome para colocar no grupo, até que no último minuto colocamos o nome “Taz”, sendo que as demais equipes tinham nomes como “Estrelas do Basquete, Os Experts, Os Invencíveis... Entretanto, apesar de termos sido uns atrapalhados em demorar pra escolher um simples nome, lembro que fizemos muito bem nos esportes, a ponto de ficarmos conhecidos como “Taz – A Equipe Imortal”, chegando até a ser irônico.

Na segunda série, tivemos o infortúnio de perder a nossa professora principal. Lembro que fiquei em choque quando falaram que ela tinha morrido; afinal, eu era uma criança e saber que alguém próximo de mim tinha falecido soava extremamente mal. A segunda série foi, para mim, uma das mais difíceis do Ensino Fundamental, por incrível que pareça. Neste ano fizemos um passeio para Rolante, lugar onde aprendemos muito sobre hortas, vegetações e solos. Gostei muito desse passeio.

No geral, meu Ensino Fundamental foi bastante tranquilo e bom. Claro que, depois de mais velho, como todo adolescente, tive vontade de matar aula. Então na oitava série, matei a primeira aula da minha vida, fato que me custou caro... Pois quando resolvi não ir àquela aula, acompanhado do meu amigo, fomos para o **ginásio**. Porém, lá havia um monitor que nos perguntou o porquê de não estarmos na sala de aula. Falamos que já estávamos indo, e ele, para certificar-se de que tínhamos falado sério, ficou nos seguindo. Nisso meu amigo me deu um sinal para correremos para uma escada que tinha ao lado, e foi o que fizemos: disparamos a toda velocidade escada acima e, quando chegamos ao topo, corremos até umas árvores do famoso “Matão” do **Colégio Anchieta**, e ali ficamos escondidos, imaginando que o homem tinha ficado para trás. Contudo, ele não só subiu as escadas como foi em nossa direção, apesar de acharmos impossível ele ter nos visto entrando ali. Corremos para outro lugar.

Depois de muitas passadas, acabamos embaixo de um ônibus escolar, e, acredite se quiser, o segurança nos seguiu até lá, porém ele não nos viu ali embaixo, e tudo o que víamos de baixo do ônibus era as pernas do homem indo para lá e para cá nos procurando, uma vez que o estacionamento era grande. E no que ele virou as costas, saímos e fomos até o prédio principal, e, a esta altura, as aulas já tinham acabado e o pessoal já estava liberado. Esta com certeza é a minha melhor memória...

E, por fim, o meu Ensino Médio foi caracterizado por muito estudo, em sua maior parte, com ênfase no primeiro ano, em que as matérias eram bastante exigentes, e ademais a turma infelizmente não colaborava, valendo constatar que eu quase saí da mesma devido a isso. Todavia, bastou um ano para os mais conversadores amadurecerem e, assim, se acalmarem, pois o segundo ano foi, do segundo grau, o mais tranquilo para mim, em todos os aspectos. Já o terceiro ano dificultou devido ao vestibular e ao ENEM, em que desde o começo do ano eram horas e horas de revisão das matérias dos anos anteriores, mais as que ainda estavam sendo ensinadas... Porém, mesmo assim, o terceiro ano foi o ano em que os colegas estiveram mais unidos, sempre fazendo dias especiais para festejar algo, como o dia do “Carnaval”, em que todos vieram fantasiados loucamente, o dia do “Haloween”, em que o pessoal veio com fantasias de fantasmas, o dia do “Troca”, em que os meninos vieram vestidos com vestimentas femininas e vice versa, dentro diversos outros dias especiais...

Momentos assim nunca devem ser esquecidos, pois acredito que seja a melhor parte da vida de uma pessoa, pois é o colégio que deixou os maiores legados da minha vida: amigos, educação, cidadania e felicidade! E certamente foi isso que ele deixou para a maioria de seus alunos. Saudade disso é impossível não ter!

A escola é o segundo ambiente mais importante na vida social de um ser humano, é onde ocorre seu amadurecimento...

SOFIA MENEZES TADIELLO  
*Turma: 303*

"O tempo não pára  
Só a saudade é que faz as coisas parecerem no tempo..."

"A saudade é a falta de presença de alguém  
mas não pela ausência de presença..."

# Eterna Gratidão

**T**odos têm dentro de si a representação do que é uma escola, por meio das experiências que vivenciamos neste universo. A escola é o segundo ambiente mais importante na vida social de um ser humano, é onde ocorre seu amadurecimento, constituindo-se como um ser pensante. Ela deixa de ser apenas um campo de troca de conhecimento e adentra uma esfera emocional.

Entrei no Anchieta aos quatro anos, passando, assim, grande parte da minha vida nesse local. Mais do que sua tarefa básica, ensinar, o Anchieta me proporcionou diversas experiências alegres, felizes e tristes, me fez conhecer novas pessoas e foi responsável por constituir uma espécie de família. Minha turma se modificou ao decorrer dos anos, ocorrendo perdas e ganhos, mas sempre foi marcada por risadas, brincadeiras, eventuais discussões e churrascos, típicos da 303.

Estamos no final do ano letivo, ao fim de um ciclo. Levo na memória todos os momentos inesquecíveis pelos quais passei no Anchieta e todas as amizades construídas, indispensáveis em minha vida. A saudade da **Semana Anchieta**, das idas ao **Morro do Sabiá**, das viagens, dos maravilhosos professores, responsáveis pela transmissão do seu conhecimento, essencial para meu amadurecimento e formação e das manhãs junto a minha turma, que se tornou uma segunda família para mim, será imensa. Fico triste por estar no fim dessa etapa, mas extremamente agradecida por tê-la vivenciado.

Só tenho a agradecer  
aos meus professores  
(que sempre nos  
aguentaram e quiseram  
o melhor para nós)...

SOFIA STEINSTRASSER KOWACS  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**E**studo no Colégio Anchieta desde a primeira série e nunca mudei de turma. A turma, no entanto, mudou muito. Sempre vi colegas entrando e saindo da 304, que começou como 15, e todos esses, estando ou não na turma quando o colégio acabar, sempre farão parte dela, e toda 304 sabe disso.

Com tantos anos de convivência, foi inevitável a união da turma, que, mesmo com muitas brigas, nunca deixou de lado as brincadeiras, as músicas, as conversas e o humor que só nós entendemos. Sei que vai ser difícil não ver os meus colegas todos os dias de manhã, mas também sei que, quando precisar do apoio de algum deles, poderei contar com qualquer um, assim como eles poderão contar comigo, pois onze anos de convivência é tempo demais, e nenhuma formatura, nenhuma faculdade ou qualquer coisa que seja, irá nos separar ou fazer esse tempo ser esquecido.

Só tenho a agradecer aos meus professores (que sempre nos aguentaram e quiseram o melhor para nós), colegas e amigos por terem feito esses anos serem os melhores (e mais engraçados) possíveis. Nenhuma nova turma ou amizade me fará esquecer a minha segunda família.

Acredito que farei amizades na faculdade (eu espero), mas é difícil achar turma como a nossa, que nesse clima de despedida ficou ainda mais próxima.

VANESSA DOTTI  
*Turma: 306*



### Ensinando a pensar e fazer o futuro.

A organização do futuro está sempre na parte da frente. Assim, quanto mais cedo você se prepara e trabalha com ideias inovadoras, mais chances você terá de fazer parte do futuro. Com isso, não apenas você se prepara e se qualifica para o futuro, mas também contribui para a formação de um futuro melhor. Assim, trabalhando com ideias inovadoras, você contribui para a formação de um futuro melhor, no sentido mais amplo das ideias, na geração de ideias e na geração de futuro.

É a criação de ideias inovadoras que é o futuro. Assim, quanto mais cedo você se prepara e trabalha com ideias inovadoras, mais chances você terá de fazer parte do futuro. Com isso, não apenas você se prepara e se qualifica para o futuro, mas também contribui para a formação de um futuro melhor. Assim, trabalhando com ideias inovadoras, você contribui para a formação de um futuro melhor, no sentido mais amplo das ideias, na geração de ideias e na geração de futuro.

Lixo Seco

Lixo Orgânico

# Minhas memórias anchietanas

Comecei a estudar no Anchieta em 2003. Entrei na turma B5, onde conheci crianças que são meus colegas até hoje, crianças com quem eu brinquei, me diverti e vi crescer. Os pais eram bastante unidos nessa época, como não recordar dos aniversários de uma colega ou de algum evento sem motivo, (afinal, não precisávamos de um para nos reunir) quando convidávamos um animador de festas, Tio Duda, que fazia com que todas as mães se levantassem das cadeiras para dançar Macarena ou “abra suas asas, solte suas feras”, e todos caíam mesmo na gandaia.

Ano após ano, o número final das turmas ia mudando: comecei com B5, depois fomos 18, no ano seguinte 22, depois 33 e então ingressamos na quarta série com o dígito final que ficaria conosco durante boa parte do colégio: o 7. Na quarta série fomos a turma 47, pessoas haviam saído, novas pessoas haviam entrado e a turma continuava unida.

Na quinta série juntaram nossa turma com a 49, e formamos a base da turma que somos hoje. Os anos foram passando: 57, 67, 77, 87, 107. E nunca fomos tão unidos como no primeiro ano, nem mesmo “camisetas separadas na semana anchietana” mudaram isso. Grande parte da turma foi junta pra Disney e foi uma das viagens mais divertidas que já fiz; fico com saudades todas as vezes que penso. Nesse ano, viramos uma família.

O segundo ano iniciou com revolta. Com a diminuição do número de turmas, passamos a ser 206, assim, no início do ano colocávamos placas nas portas e virávamos o papel do livro azul para colocar 207. O protesto não durou e nem adiantou, mas continuamos indignados.

Vejo hoje meus colegas, decidindo seu futuro e começo a indagar como será daqui pra frente, sem a convivência diária, sem as piadas, sem as brincadeiras, sem as pessoas com quem estou acostumada desde que tinha 6 anos e principalmente, sem o ombro amigo daqueles com quem eu sei que posso contar. Acredito que farei amizades na faculdade (eu espero), mas é difícil achar turma como a nossa, que nesse clima de despedida ficou ainda mais próxima.

E este ano é o último. É o ano em que saímos da bolha, conheceremos uma nova realidade, coisas diferentes, pessoas diferentes, professores, corredores, salas e números de turma. Não seremos mais a turma do terceiro ano do Anchieta, seremos formandos, iniciando o resto de nossas vidas, com novas aventuras e novas descobertas. A primeira coisa que quero descobrir é como farei para me despedir.

Como era bom fazer  
filinha para esperar a  
*sora* e festejar quando  
ela nos dava pátio livre...

VICTOR VIECCELI VILARINHO  
*Turma: 306*



# Família 306

**S**audades. Saudades do tempo que não havia preocupações com vestibular, provas, futuro.... Do tempo que o futebol e a correria alegravam os recreios e as brincadeiras provocavam os sorrisos mais ingênuos. Como era bom fazer filhinha para esperar a sora e festejar quando ela nos dava pátio livre, ou quando fazíamos feirinhas de troca de brinquedos e podíamos brincar com a turma toda. Mas melhor eram os passeios à boa e velha Quinta da Estância, onde tomávamos o melhor suco de laranja que existe e andávamos de tratorzinho.

Porém, crescemos, ou melhor, pensávamos que tínhamos crescido quando fomos para o prédio dos grandes e vimos que de grandes não tínhamos nada, éramos os bebês do prédio central. Lá aprendemos o que é ter 10 professores e milhares de provas, mas também tivemos as melhores semanas de jogos, onde as tardes jogando bola no campão eram aguardadas o ano inteiro.

Contido, mais que memórias felizes, o que ficou marcado em nossas vidas foram as amizades. Onze anos de convivência diária criaram laços que vão ficar pro resto de nossas vidas, pois essas amizades, que não se restringem aos mais próximos, é que deram a nossa turma o caráter de turma mais unida, e é por isso que eu amo tanto essa família, família 306.

as experiências que  
todos vivenciaram  
serão lembradas daqui  
a muitos anos e farão  
todos rememorem  
os momentos felizes  
dentro da escola.

VITOR KRÁS MELECCHI  
*Turma: 304*



# Memórias Anchiéticas

**S**ão muitas as coisas inesquecíveis que aconteceram nesses anos de colégio Anchieta. Desde o morro do Sabiá até a Semana Anchiética, as experiências que todos vivenciaram serão lembradas daqui a muitos anos e farão todos rememorem os momentos felizes dentro da escola.

O morro, a Semana Anchiética, os passeios, o teatro, o musical, as gincanas, os shows e muitos outros fatores são o que fazem do colégio um lugar para se reviver os melhores momentos, onde amizades foram feitas e que durarão para sempre.

*Fotos*  
*professores e alunos*



# Professores

*Maria Isabel Xavier  
Daniela Rodrigues Ribas  
Marcelo Antônio Pires  
André José V. Paranhos  
Silvio Luiz W. de Almeida Jr  
Matheus Ayres  
Alexandre Ayub  
Flavio Schifino  
Mauricio Marczwski  
Celso Brum Silvieira*

*Fernando Machado Brum  
Adriane Balzaretto Caldas  
Simone Raupp  
Sylvia Formoso Ribeiro  
Nora Pérez B. Coelho  
Alexandre Vallandro  
Darlei Rodrigues Nunes  
Filipe Velleda Duarte  
Maurício Parranhos  
Alexandre Oliveira*



# Turma 301

*Alice Brinckmann Oliveira Netto*  
*Ana Carolina Bof*  
*Ana Clara Severo Gandolfi*  
*Ana Laura Gehlen Walcher*  
*Anne da Costa Ilges*  
*Antonella Isoton Nery*  
*Bernardo Marshall Corrêa*  
*Bernardo Vianna Pereira*  
*Caroline Caumo*  
*Caroline Duarte Piantá*  
*Domingos Barros Lopes Neto*  
*Fernando Victorasse Filho*  
*Filipe Paczko Bozko Morsch*  
*Gilmar Schäfer Júnior*  
*Giuliano Gentilini Gervini*  
*Guilherme Falcão Goulart*  
*Guilherme Jung Bittencourt*

*Guilherme Oliveira Junqueira e Silva*  
*Igor da Rocha Kubaski*  
*João Pedro Jensen Ourique*  
*Joao Pedro Ramos Pianta*  
*Lucas Toshio Sasada Hiwatashi*  
*Luciano Loss Dossa*  
*Luiz Felipe Disconzi Lopes*  
*Maria Eduarda Brenner Paiva*  
*Maria Victória Dreher Wentz*  
*Nina Janssen*  
*Paula Fortini Düvelius*  
*Pedro da Motta Pedroso*  
*Pedro Henrique Silva Presser*  
*Rafael Pursch Germany*  
*Roberto Schenk Duarte*  
*Victória Potrich Manfroi*



# Turma 302

*Arthur Dementshuk Lengler*  
*Augusto Nardin Sauer*  
*Bernardo Porto Veronese*  
*Camila Kehl Dias*  
*Carolina Bueno Luzardo*  
*Carolina Gazal de Alencastro*  
*Clara Micaela Heberle*  
*Diulia Farias Gaspar*  
*Eduarda Barboza Fabris*  
*Eduardo Zancanaro de Figueiredo*  
*Fernanda Meksraitis dos Santos*  
*Fernanda Mosmann Pimentel*  
*Gabriela Faraco Ramos*  
*Gabriela Paczko Bozko Cecchini*  
*Giancarlo Franceschi Dalla Vecchia*  
*Giulia Giampaoli Garayp*  
*Herbert Kiefer Colla*  
*Isabela Hartz Giongo*  
*Isabela Milioli Funari*

*Larissa Schommer Campello*  
*Laura Matte Doering*  
*Laura Schaan Chiele*  
*Letícia Franzen Quinalha*  
*Letícia Valiente Krampe*  
*Lívia Pilau*  
*Lorenzo Casagrande Reggiani*  
*Lucas Hausen Marchi*  
*Luiz Fernando Pereira Marcilio*  
*Manoela Bertaso de Araujo Corrêa*  
*Manuela Leal Wolf*  
*Marcela Futuro De Carli*  
*Marcelo Freire de Campos*  
*Marco Iwers Meira*  
*Maria Antônia Paim Giulian*  
*Maria Eduarda Canarim Cruz*  
*Matheus Lourenço Dias*  
*Rafael Bittencourt Bins*  
*Rodrigo Soares Zarpelon*



# Turma 303

*André Marcon Imseis*  
*Ariel Luís Santos Belmonte*  
*Arthur Dietrich Bolognesi*  
*Bettina Lau Obst*  
*Bruno de Oliveira De Marchi*  
*Bruno Zorzetto Rech*  
*Camila Goldstein Pecoits*  
*Cristiano Kalani Varnieri Gallo*  
*Felipe Fenner Bohn*  
*Fernando Bammann*  
*Gabriela Holsbach da Rocha*  
*Gustavo Milbradt Livi*  
*Helena Rache Freitas Rodrigues Dutra*  
*Henrique Brauveres Silva*  
*Isabelle Fernandes Caon*  
*João Marcelo Fantin Lerina*

*João Pedro Arruda de Almeida Menegola*  
*João Pedro Madalosso Rodrigues*  
*Julia Lima Soares*  
*Laura de Moraes Miskulin Regenin*  
*Lívia da Cunha Bastos*  
*Lucas Goldmann Bigarella*  
*Luiz de Martino Costa*  
*Márcia Steinbach Tomás*  
*Pedro Henrique Dall'Onder Martins*  
*Rafael Leal Sümmchen Valentim*  
*Renan Belchior Cervi*  
*Renata Grillo Rocha*  
*Rodrigo Marques Vidal*  
*Sofia Menezes Tadiello*  
*Úrsula Rossi Becker*



# Turma 304

*Alexandre Alves Finco  
Alice Lopes Caldas Fagundes  
Arthur Appel Zim  
Beatriz Jacques  
Bernardo Ortiz dos Santos Gomes  
Bruna da Silva Nicolazzi  
Camila Lumertz Campelo  
Camila Ritter Hickmann  
Catarina de Farias Paese  
Cristiano Silva Grossi  
Débora Leite Rocha  
Ian Garbinato de Fagundes  
Isadora Quadros Mateus  
João Vitor Sequeira de Campos Morais  
Júlia Moraes Bastos  
Kainã Xavier Maia  
Lauren Kinnemann Heidrich*

*Leonardo Cezaro Maiocchi  
Linus Santana Azevedo  
Lorenzo Feijó Fossá  
Luísa da Cunha Cardoso  
Marcelo Spier de Figueiredo  
Martin Bauer Calvete  
Paula Monmany Jobim  
Paula Veigas Storck  
Pedro Gabriel Bernardon  
Pedro Moresco Milano  
Renata Berwanger Schmidt  
Renata Pantoja Mattar  
Rodrigo Dalla Favera Hoerlle  
Sofia Steinstrasser Kowacs  
Thaís Abras Reinehr  
Vicente Queiroz Silva Telles  
Vítor Krás Melecchi*



# Turma 305

*Bianca Dambrós Duarte  
Carolina Câmara Carrion  
Celina Rodrigues Flores  
Ciro Chaves Dadda  
Eduardo Amaral Martinez Vence  
Fernanda Hittl Lopes  
Filipe Kalikoski Coelho  
Gabriela Maciel Vanazzi  
Georgia Meneghini Pinto  
Giovana Dotto da Rosa  
Isadora Penz Bittencourt  
João Pedro Amaral Reschke  
João Vítor Khauam Ferla  
Júlia de Borba Rafainer*

*Júlia Heidrich  
Juliana Siliprandi  
Lucas Mottola de Castro  
Luiz Gustavo Monteiro da Silva  
Maria Carolina de Oliveira Sartori  
Matheus Correa Bay Júnior  
Matheus Soares Mayer  
Nathalia Mendes Felizzola  
Pedro Braccio Zawislak  
Pedro de Avila Martin Garrido  
Pedro Vellinho Corso Duval  
Rafael Canani Sommer  
Rafael Pochmann Ferreira  
Victor Vargas Culau*



# Turma 306

*América Alfonsin de Azevedo  
 Ana Carolina Wickert Theisen  
 Ana Luísa Silva Azambuja  
 Bianca Gregory Salvadori  
 Bruno Palumbo Fernandes  
 Bruno Rigo Bonissoni  
 Carolina Valiati  
 Celina de Sottomaior Drumond  
 Cristiano Moura de Moraes  
 Dora Almeida Leonetti  
 Felipe Schenato Callegari  
 Giovanna Perrone Mangoni  
 Guilherme Santos de Oliveira  
 Guilherme Vargas Girardi  
 João Gabriel do Matiello Tigre  
 Júlia Gessner Strack  
 Laura Grala Nogueira  
 Lúvia Calvete Tavares  
 Lorenzo de Carpena Ferreira Corrêa de Barros*

*Lourenço Marques Valentini  
 Luciana Chaves Piccoli  
 Manuela Schuck Silva  
 Manuella Machado dos Santos  
 Maria Eduarda Przybylski de Brum  
 Maria Victória Scalco e Silva  
 Marina Azzi Bertotto  
 Maurício Pinto Szapszay  
 Nathália Fritsch Camargo  
 Nicolas Carminati Skowronsky  
 Pedro Paulo Leal de Medeiros  
 Pedro Rossi Jacobus  
 Rafael Almeida Gramza Ribas  
 Rafaela Batista Panzer  
 Rafaela Chandelier Haeser  
 Rodrigo Figueiredo Miranda  
 Vanessa Dotti  
 Victor Viecceli Villarinho  
 Vitória Zanotto Farina*